Diário de Lisboa

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

DOMINGO, 21 DE OUTUBRO DE 1973 N.º 18 257 — ANO 53.º — PREÇO 1$50

"MÃOS AO AR" EM CABO RUIVO

UM SÓ FERIDO A TIRO NOS QUATRO ASSALTOS DO ANO CORRENTE

Quatro estabelecimentos bancários foram assaltados no ano corrente em Portugal: a sucursal do Borges e Irmão, em Palmela, em Julho; o Crédito Predial Português, no Estoril, em Agosto; e, finalmente, neste mês de Outubro, sexta-feira última, as agências em Cabo Ruivo do Totta e Açores e do Banco Nacional Ultramarino. Em todos estes assaltos estão envolvidos jovens que actuaram de surpresa, aproveitando o fecho dos estabelecimentos, e quase sempre utilizando cabeleiras posticas. meias de senhora enfiadas pelas cabeças ou, até, mascarilhas negras. Surgiram sempre armados, irónicos, e evitaram sempre ferir quem quer que fosse. Excepçao a ésta atitude foi a investida ao BNU: um cobrador levou um tiro numa perna por ter ousado perseguir os assaltantes com uma arma na mão. Valor dos roubos dos quatro estabelecimentos: mais de 2 mil contos. Prisões: nenhumas.

Hoje, domingo, o assalto quase simultâneo aos dois estabelecimentos bancários de Cabo Ruivo constituía ainda o motivo de todas as conversas locais.

O «golpe», na verdade, entusiasmou — e de tal maneira que dois populares perseguiram os carros «desta juventude desvairada» (como nos disse Maria de Lurdes, empregada de balcão do café do complexo Baptista e Russo) até os perderem de vista.

UM MECÂNICO COM MEDO

Orgulhoso dessa perseguição, que a nada levou (ou a quase nada), disse-nos Eliziário Manuel Bessa Ferreira, mecânico de profissão:

«Fui atrás deles. Fiquei excitado com os tiros e segui para a frente. Posso dizer que eram seis pessoas que iam dentro do automóvel: três rapazes e três raparigas. Quem guiava era uma moça de tranças loiras presas por um laço preto. Havia um tipo forte de bigode, que, de vez em quando, olhava para trás. Eu fingia-me desatento... Esse tipo devia ter sido o que disparara alguns tiros quando saía do Totta. Na Avenida Brasil perdi o automóvel. E voltei para aqui...»

«Lembra-se da matrícula?»

«Claro que sim: FL-41-17. Mas era uma matrícula falsa, pois oscilava de todas as vezes que o carro abrandava bruscamente a marcha.»

«E o carro...?»

«O carro era um Taunus 20 M. cor de café com leite.»

«E...»

«Não me pergunte mais nada. Os tipos ainda são capazes de dar cabo de mim!»

Logo se levantaram protestos e risos: que não, não e não.

E o mecânico:

«Pois não! Então o cobrador não apanhou um tiro na perna?»

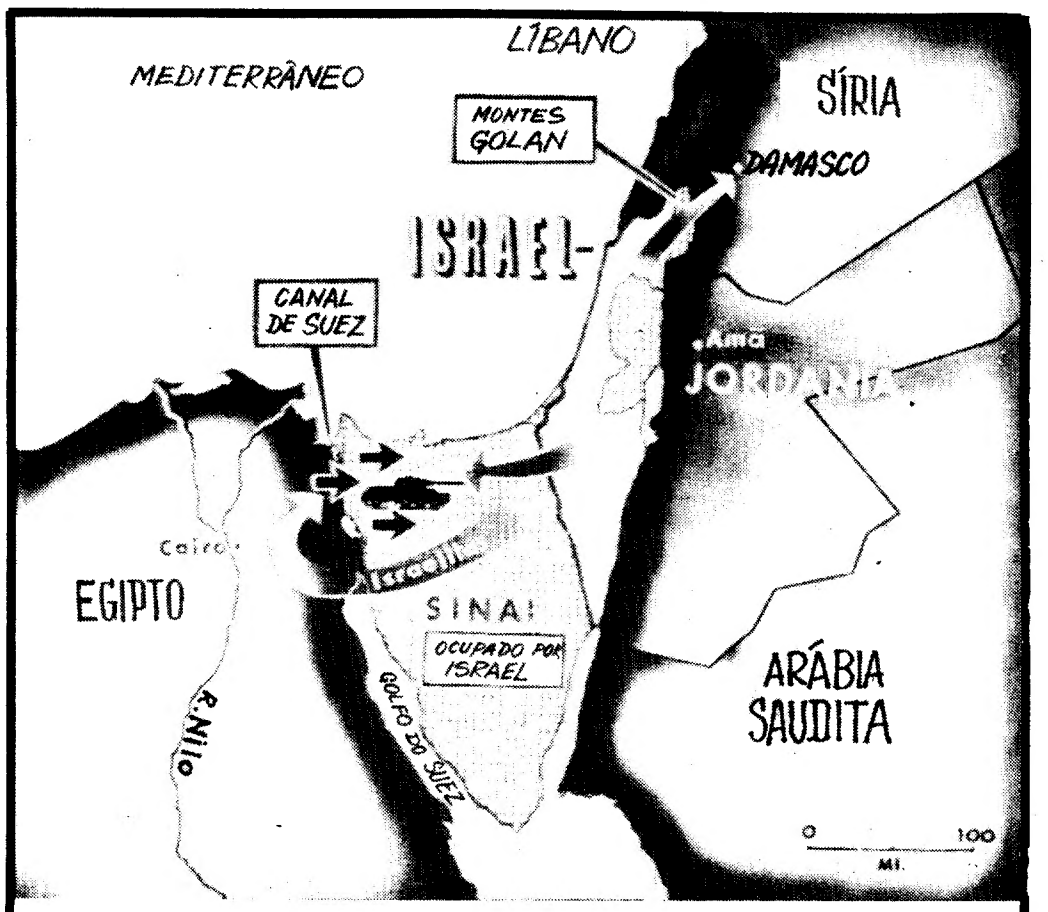
ONDE UM POPULAR ERA UM PRAÇA DA G. N. R.

Esse tiro na perna, efectivamente, não caiu muito bem em Cabo Ruivo. O povo não gosta de ver sangue: o sangue desperta recordações tristes.

Que foi que aconteceu, na verdade, durante o assalto ao BNU? Assalto que não rendeu «um chavo» (expressão de um circunstante)., enquanto que o outro segundo a Polícia Judi-

Continua na ultima pagina

O automóvel atingido a tiro pelos assaltantes do BNU.



O mapa mostra a manobra das forças israelitas no ataque à margem ocidental do Canal de Suez. (Telefoto UPI-Telimprensa-DL).

Diplomacia e canhões no Médio Oriente

O centro de gravidade da actual guerra israelo-árabe, a quarta desde a fundação do Estado de Israel, parece estar a mudar-se dos campos de batalha para a frente diplomática, na qual o petróleo desempenha importante papel.

A guerra propriamente dita, que já vai no seu décimo quinto dia, mostra-nos a retomada da iniciativa, pelo menos em parte, pelos exércitos do general Moshe Dayan, ao mesmo tempo que na frente dos montes Golan, a Síria, com os seus aliados iraquianos, desmente anteriores afirmações de que se encontrava aniquilada. A passagem de importantes tropas para o lado ocidental do Canal de Suez permite a Israel insistir em que um cessar-fogo imediato só poderá ser feito se todas as forças regressarem às posições deixadas pela Guerra dos Seis Dias, em 1967. Isso equivaleria à retirada das tropas egípcias que se encontram a leste do Canal, o que parece ser, de momento, inaceitável para o Cairo.

É com estes problemas que Henry Kissinger e os dirigentes soviéticos se debatem presentemente em Moscovo. As conversações de Kossyguine com Sadat no Cairo desempenharão um papel importante nos actuais contactos, mas a decisão, se a houver, dependerá muito do que for possível, a cada lado, garantir no campo de batalha.

Por outro lado, a pressão a que os países árabes produtores de petróleo estão a submeter os Estados Unidos pode também influenciar uma disposição conciliatória por parte do enviado de Nixon. A crise de energia é grande na América e qualquer gota de petróleo constitui factor importante numa sociedade altamente mecanizada e de altíssimo consumo dos derivados do ouro negro.

Aconteça o que acontecer, a situação no Médio Oriente parece ter-se alterado substancialmente com esta guerra que é já a mais longa desde a de 1948.

Capturado algures no Sinai, este soldado egípcio senta-se de olhos vendados e mãos atadas atrás das costas à espera de transporte para um campo de prisioneiros.

"O PETRÓLEO DE ANGOLA SERIA SUFICIENTE PARA CONSUMO DO PAÍS"

Do Ministério do Ultramar, por intermédio da Secretaria de Estado da Informação e Turismo, recebemos a seguinte Nota de Esclarecimento:

O jornal «Diário de Lisboa», de 19 do corrente, publicou uma nota, sob o título *«O petróleo de Cabinda seria suficiente para consumo do País»*, na qual o problema do abastecimento de ramas à metrópole, provenientes de Angola, é apresentado de forma pouco clara, tornando-se, assim, necessário a divulgação dos seguintes esclarecimentos:

1.º — A Cabinda Gulf Oil Company é uma sociedade portuguesa, com sede em Luanda, na qual o Estado de Angola possui 20 por cento do capital (recebido gratuitamente nos termos contratuais), sendo a maioria dos membros do conselho de administração, incluindo o presidente, de nacionalidade portuguesa;

2.º — Nos termos do contrato celebrado, em 19 de Dezembro de 1966, entre o Estado de Angola e a Cabinda Gulf Oil Company, o Governo tem sempre o direito de preferência de compra de uma máximo de 37,5 por cento das quantidades de petróleo bruto produzido, além de poder receber, em espécie, a «royalty» contratual que é de 12,5 por cento da produção, o que eleva a 50 por cento dos direitos do Estado;

Posteriormente, por ocasião da assinatura do protocolo de 30 de Março de 1972, ficou estabelecido que a Companhia, na hipótese de emergência grave de que possa resultar uma interrupção no abastecimento de ramas, assegurará a satisfação das necessidades internas de todo o país, recorrendo, até, a disponibilidades da própria Gulf Oil, no caso de dificuldades técnicas de utilização das ramas de Cabinda;

3.º — Convém lembrar, aliás, que o abastecimento de Angola já está praticamente assegurado através de concessões de outras companhias, as quais também terão possibilidade de vender a outras refinarias nacionais;

4.º — Tanto a Cabinda Gulf Oil como estas concessionárias já vêm, desde há algum tempo, a colaborar no abastecimento da metrópole.

LEIA HOJE

«Chile: a «normalização» militar passa pela despolitização; «Allende queria realizar um plebíscito», nas centrais; «O Estatuto do Professor», na pág. 4; «Teatro amador em Lagos»; ou ainda, o texto de Carlos Porto sobre «O Misantropo» do Teatro da Cornucópia, as rubricas de Chianca, António Baptista e Villaverde Cabral, etc..

LEIA AMANHÃ

No suplemento Exclusivo, que será largamente preenchido com artigos sobre o actual conflito israelo-árabe, «A Quarta Guerra»; «O orgulho reencontrado», «A importância dos mísseis no conflito», etc. além das rubricas habituais.

HOJE EDIÇÃO DE 28 PÁGINAS

ANTÓNIO JOAQUIM FERNANDES MAGALHÃES

MISSA DO 7.º DIA E AGRADECIMENTO

O Conselho de Administração do Banco Fernandes Magalhães, participa que amanhã dia 22, pelas 12.30 horas, será celebrada Missa pelo seu eterno descanso, na Sé Patriarcal de Lisboa.

Agradece desde já a todas as pessoas que tenham a bondade de assistir a este piedoso acto e aproveita a oportunidade, para também manifestar o seu reconhecimento, a todos aqueles que se dignaram patentear o seu pesar, pelo falecimento do seu extinto Presidente.

A CONFUSÃO DO CRUZAMENTO RUA DAS FURNAS ESTRADA DE BENFICA

É possível que ao desviar-se o trânsito — ou parte dele — da Estrada de Benfica para a Rua das Furnas, se tivesse pensado numa solução muito bem intencionada de descongestionamento total. Na realidade, aquela artéria, mais ampla e de pavimento bem tratado, com a possibilidade de receber o enorme número de veículos que descem para a cidade nas horas de ponta a partir da Venda Nova, Benfica e Monsanto, poderia ser um excelente escoante paralelo à Estrada de Benfica, cujas dificuldades de travessia se veriam assim largamente minoradas.

Acontece, porém, que a saída final da Rua das Furnas, frente ao Jardim Zoológico, tem dois inconvenientes: é demasiado estreita e desagua, não em Sete Rios — como parece que deveria ser — mas na própria Estrada de Benfica, embora perto daquele entroncamento rodoviário. Isto quer dizer que nas referidas horas de ponta se arma ali uma confusão demoníaca: os veículos que **sobem** ou **descem** a Estrada de Benfica, não deixam **entrar** facilmente os veículos vindos da Rua das Furnas e o impasse surge, com grande desespero dos automobilistas que, ao escolher esta última artéria, julgavam ter escolhido o acesso mais fácil ao centro da capital. Apitadelas, zangas e mesmo alguns «ENCOSTOS» com os consequentes prejuízos e a «bicha» na Rua das Furnas às vezes prolongar-se quase até à estação de Benfica. Supomos que há que tomar uma destas duas medidas: ou se reestuda o volume dos caudais enviados para a Rua das Furnas (de veículos, naturalmente), desviando-os noutras direcções (se por acaso existe essa possibilidade), ou se procede de imediato ao alargamento da saída da Rua das Furnas se não se puder construir um túnel com saída directa a Sete Rios, o que seria o ideal. Assim como está, o «desvio» para a Rua das Furnas pouco ou nada favorece — pelo menos nas horas de ponta, repetimos — os automobilistas da citada zona. Pelo contrário.

TELEFONES DE LISBOA E PORTO

INFORMA

ASSINANTES LIGADOS À CENTRAL DE ALMADA

Na noite de 19 para 20 do corrente mês procedeu-se à alteração de prefixos numéricos dos telefones dos seguintes Assinantes:

Iniciados por «272» — alteraram para «2765»
» » «273» — » » «2766»
» » «274» — » » «2767»

As restantes linhas de rede com prefixos numéricos «276» mantêm a mesma numeração.

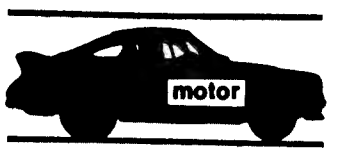
LEMBRE-SE DESTAS ALTERAÇÕES

Reunem-se amanhã os ajudantes de farmácia

Efectuam-se amanhã na sede do Sindicato Nacional dos Caixeiros, Av. da República, 29, duas assembleias gerais promovidas pelo Sindicato Nacional dos Ajudantes de Farmácia e Ofícios Correlativos do Distrito de Lisboa.

A primeira inicia-se às 20 e 30 para apreciação, discussão e votação do Relatório e Contas da Gerência de 1972. A segunda, pelas 22 horas, para decidir sobre o procedimento a adoptar pela classe, face à doutrina do Decreto-Lei N.º 48 547, de 27/8 de 1968, por cuja alteração desde então, os ajudantes de farmácia têm deligenciado.

PRECISA-SE
Dactilógrafa/Assistente
Competente
desembaraçada
Resp. Anapaola
Telef. 66 40 70
Dias úteis entre
10 h. e 19 h.



Exclusivo "Le Monde"/DL

CONCESSÕES SOVIÉTICAS

Falando recentemente perante a Assembleia Geral da ONU, o sr. Gromyko pediu que fosse inscrita na ordem do dia uma «questão urgente», com o objectivo de levar os cinco Estados membros permanentes do Conselho de Segurança a concordarem com uma redução de 10 por cento do seu orçamento militar e à utilização de parte das verbas assim libertadas no auxílio ao Terceiro Mundo, nomeadamente aos Estados da África, Ásia e América Latina vítimas de calamidades naturais.

O ministro soviético rejeitou, ao mesmo tempo, antecipadamente, as «barulhentas campanhas de propaganda» que visam imiscuir-se nos assuntos internos da U.R.S.S., sobretudo no que respeita ao direito à emigração. Parece, todavia, que a U.R.S.S. está disposta a fazer determinadas concessões neste capítulo — tal como acontece no caso dos intelectuais soviéticos dissidentes — a fim de dissipar a desconfiança dos ocidentais e dar novo impulso ao degelo.

Estas concessões soviéticas não se reflectem particularmente na proposta de Gromyko sobre os orçamentos militares, que tudo indica vir a perder-se, como muitas outras, no matagal de processos da ONU, já bastante atravancado de projectos de desarmamento. Recordemos que Edgar Faure tinha formulado uma proposta análoga em 21 de Julho de 1955, durante a «conferência cimeira» das quatro grandes potências em Genebra. Sem fixar uma percentagem, o então chefe do Governo francês sugeria o estudo da questão, como o faz agora Gromyko, por uma comissão internacional, e a utilização de parte dos fundos libertados no auxílio ao Terceiro Mundo. Os soviéticos não tinham nessa altura reagido a esta proposta, a qual fora aliás quase imediatamente eclipsada pelo projecto americano dos «céus abertos».

Desta vez, é o acolhimento dos ocidentais que se anuncia céptico — sem falar da hostilidade mais que provável da China — na medida em que ninguém está em condições de atribuir números exactos aos orçamentos militares, sobretudo o da U.R.S.S.: o número oficial anunciado para este ano, em Moscovo, é de 17,9 mil milhões de rublos (aproximadamente 24 mil milhões de dólares), em comparação com 83,4 mil milhões de dólares para o orçamento do Pentágono. Na realidade, esta aparente modéstia dos militares soviéticos explica-se sobretudo pelo facto de numerosos créditos — nomeadamente de pesquisas — serem repartidos por outros capítulos do orçamento, e os fornecimentos militares serem avaliados abaixo do seu valor real. Dois economistas soviéticos «dissidentes» calcularam, recentemente, que o custo do esforço militar soviético deve equivaler a 40 por cento do P.N.B. do país.

Esta proposta afectará muito menos, em todo o caso, as relações sovieto-americanas no aspecto militar do que as conversações sobre a limitação dos armamentos estratégicos (SALT), que recomeçaram em 25 de Setembro em Genebra, num contexto complicado pelos recentes progressos soviéticos em matéria de foguetões de ogivas múltiplas. Nem por isso deixa de se revelar o desejo do Kremlim de fazer, por seu turno, propostas «humanitárias» e responder a parte das críticas formuladas ultimamente no estrangeiro à política de «degelo sobrearmadc» praticada por Moscovo.

O PROBLEMA DOS JUDEUS SOVIÉTICOS

A outra parte das críticas — a que diz respeito à situação dos intelectuais da oposição e dos judeus — suscita reacções mais vivas por parte dos responsáveis soviéticos, mas nem por isso é ignorada. Ao fim e ao cabo, Gromyko, que teve o cuidado, no seu discurso, de desencorajar os seus interlocutores de toda e qualquer ingerência nos assuntos internos do seu país, tivera na noite anterior, com Kissinger, um encontro de mais de três horas, consagrado, em larga medida, segundo fontes americanas, ao problema das liberdades na U.R.S.S.; «sir» Alec Douglas-Home, secretário de Estado no Foreign Office, não hesitou em evocar a mesma questão aquando de um encontro que teve, por seu turno, com o seu colega soviético, e em torná-lo público.

Do lado americano, faz-se sobretudo notar que a emenda do senador Jackson proibindo a concessão à U.R.S.S. da cláusula da nação mais favorecida enquanto o direito à livre emigração não for reconhecido pelo Kremlim não é aprovada pela administração, mas que Nixon é obrigado a não ignorar caso deseje prosseguir a sua política de aproximação. Foi neste sentido, segundo o correspondente de «Le Monde», que Kissinger se dirigiu a Gromyko em Nova Iorque.

Os dirigentes soviéticos mostram-se, como é evidente, muito irritados com estas questões, mas parecem mesmo assim levar a efeito a «retirada elástica» sem a qual toda a política de degelo iniciada por Brejnev poderia encontrar-se comprometida. Naturalmente não estão dispostos a discutir o assunto com os seus interlocutores ocidentais, nem travar, em Genebra, a verdadeira negociação que os seus parceiros gostariam de lhes impor sobre este assunto, por ocasião da segunda fase da Conferência para a Segurança e Cooperação na Europa. Todavia, são possíveis gestos unilaterais, os quais, por vezes, são mais do que simbólicos. O mais importante foi, na primeira quinzena de Setembro, o fim da interferência nas emissões de rádio para a União Soviética da Voz da América, da B.B.C. e da Deutsche Welle. Mas faz-se igualmente saber, do lado soviético, que Sakharov e Soljenitsyne não serão molestados, pelo menos fisicamente, num futuro previsível, a despeito de toda a campanha contra eles desencadeada na Imprensa de Moscovo.

No que diz respeito ao problema judaico, os progressos não são tão importantes como certas informações deixariam supor. Assim, Israel esclareceu que, se a companhia El Al fez recentemente um esforço no sentido de transportar um maior número de judeus emigrados provenientes de Viena, com vista às festas do Novo Ano, esta «ponte aérea» nada tem a ver com uma maior abertura das fronteiras soviéticas. Cerca de quinhentas pessoas teriam sido, entretanto, transportadas para Israel.

Resta acrescentar que alguns judeus soviéticos «activistas», que aguardavam o seu visto havia dois anos e mais, o receberam subitamente há alguns dias e que, de uma maneira geral, as emigrações autorizadas vai para três anos acabam por produzir, com o andar do tempo, uma população considerável. É de crer que outros «gestos» se seguirão, não só neste capítulo como no da circulação das ideias e da informação, sobretudo se os progressos da política de degelo disso dependerem.

MICHEL TATU

A CAMIONETA

URBANO TAVARES RODRIGUES

Deu-se em Beja este facto pelo menos anómalo em terra de bem comportada divisão de classes, peões à balda no amanho da vida, senhores ainda serenos no galarim. E aconteceu precisamente nesta quadra de «marés vivas», que mesmo em Beja, apesar de ficar longe o oceano da liberdade (que liberdade?!), não deixam de sentir-se. Uma grande proprietária (é verdade, uma grande proprietária, mas com ideias abominadas pelo seu clã e sobretudo com sentimentos que lembram muito o idealismo tolstoiano: haverá menos de um caso assim em cem mil patroes) teve a ideia de levar a Sevilha, num fim-de-semana largo, os seus trabalhadores. Paternalismo? Não... Se até nem sabia bem o que fazer, como fazer para estar com eles, naturalmente, prestar-lhes esclarecimentos, ainda que rudimentares, sobre a catedral, a Giralda, os pátios, o bairro de Santa Cruz e, ao mesmo tempo, não os constranger, deixá-los à vontade, deixá-los gozar Sevilha.

Agora o resto: aconteceu que a viagem sonhada foi pouco sevilhana e por pouco tempo festiva. Passou-se a maior parte do tempo na estrada, entre pó e óleo, com avarias da camioneta, que por fim lá chegou, num grande atraso e já sem sombra de travões, à cidade do Guadalquivir, o motorista firme no seu posto a andar metros por quilómetros e sempre a desmultiplicar, a evitar os obstáculos, olho entre a vida e a morte, assim mesmo.

Que razão havia para tudo isto? Ah!, pouca coisa...

— Em que estado vem esta camioneta: é mesmo um crime deixá-la rodar assim! — disseram à uma os mecânicos que em Sevilha a repararam.

É que na agência de camionagem tinha havido quem ponderasse ao escolher o veículo:

— É para gente do campo, esta serve bem!...

O nosso mundo

EM BOA HORA

É o sentimento de honra que salva tudo o que é ponto fraco no homem e o edifica acima dos irracionais. Por isso, podemos enaltecer os nossos portugueses, classificados como das gentes mais sérias do mundo, já desde os tempo da nossa nacionalidade. E nessa verdade se vão levitando, de dia para dia, certos de que na terra tudo é efémero e mesquinho, quando às nossas coisas e às nossas causas falte esse sentimento de honra, que é «caminho, verdade, vida», que apetece trilhar, servir e viver, enquanto a nossa existência durar, para que cheguemos ao fim na certeza de que não passamos por cá em vão. Todo este prelúdio, afinal, para chegarmos ao verdadeiro objectivo deste artigo. Desejamos provar que, quando um homem quer, o seu coração, o seu espírito, o seu cérebro, o seu bom-senso e alto sentimento de honra, fazem dele um herói moral: é o caso do ilustre Almirante Américo de Deus Rodrigues Thomaz, em boa hora chefe do Estado Português.

— (Maestrina Nathércia Couto, in **«Ecos de Belém»**).

CONVENCER

Na presente conjuntura, em que Portugal se bate, pela força do seu direito e não pelo direito da sua força, contra a animadversão dos que, por não a entenderem, hostilizam, mais ou menos aberta e declaradamente, a sua política ultramarina, torna-se mais do que nunca imperiosamente necessário coordenar esforços no sentido de, mais que vencer, convencer os inimigos, mormente os guerrilheiros e terroristas da Guiné, de Angola e de Moçambique, de que a sua acção antiportuguesa não é só perniciosa mas também inútil para eles. (...) Não creiam, porém, os nossos inimigos implacáveis que a acção portuguesa deixará de se manifestar e que, algum dia, um Governo português da índole do actual transigirá e aceitará a modificação fundamental do «statu quo» vigente — (**«Diário do Ribatejo»**).

PARECE-NOS...

Parece-nos que muitos candidatos da A. N. P. já deram o que tinham a dar; assim como parece também que muitos candidatos da Oposição Democrática, pelo verdor dos anos, pelo verbalismo utópico, pelo cariz marxistas dos «chavões» usados, estão fora da realidade portuguesa. Tudo isto causa tristeza e, pela radicalização em que se caiu, demonstra a necessidade absoluta que a Sociedade tem de, ao longo do ano e como regra normalíssima, reconhecer aos cidadãos o direito político de participar — apoiando, discutindo e discordando — na solução apresentada para os problemas nacionais. Oposições, a rebentar de tantos em tantos anos, são prejudiciais, porque purgam com violência — uma violência que, noutro ambiente, perderia a razão de ser. Há quem diga que não estamos preparados. E haverá preparação sem «obras»? À espera da hora que há-de chegar, morre-se sem que a hora chegue — (**«Correio de Coimbra»**).

EM FOCO

A Igreja está em foco! Uns, olham-na com entranhado amor. Procuram servi-la em todas as circunstâncias. Procuram defendê-la corajosamente dos ataques, declarados ou camuflados, dos seus inimigos. Procuram estender, tanto quanto possível, através dum apostolado fervoroso, a sua benéfica e salvadora influência. Outros, quase sempre bem intencionados, mas nem sempre sensatos, colocam-se numa posição de defesa, ouvindo reclamações, aceitando protestos, deixando-se enlear pelas mentiras e calúnias, tomando, tantas vezes, por bom o que, na verdade, está cheio de veneno. Outros, ainda, sem escrúpulos, atacam injustamente a Igreja, considerando-a ultrapassada, avelhentada nas suas estruturas e processos, ineficaz na sua acção e apostolado. Atacam o Papa, os bispos, o clero que se mantém fiel, as organizações de apostolado — (A. Rocha Martins, **«Diário do Minho»**).

INDÚSTRIAS CAMBOURNAC
Das nossas fábricas directamente ao público
A bem da sua economia consulte-nos
FIOS PARA TRICOT
Em defesa da sua comodidade utilize a nossa Frota Automóvel que, gratuitamente, transportará as encomendas a sua casa.
Descontos especiais às tricotadeiras
FILIAIS E DEPÓSITOS
Largo da Anunciada, 11 - T. 326415
Av. Almirante Reis, 28-B - T. 833811
LISBOA

NACIONAL

O ESTATUTO DO PROFESSOR

A inexistência de Sindicatos impossibilita a defesa da vontade da classe

Nos finais do ano passado afirmava o ministro Veiga Simão que o seu departamento trabalhava no **Estatuto do Professor do Ensino Secundário**, «tendo solicitado ao Gabinete de Estudos e Planeamento que remeta alguns relatórios preliminares às escolas com o envio de sugestões». Através de circulares das Direcções Gerais dos Ensinos Básico e Secundário, o Ministério da Educação Nacional pediu aos estabelecimentos de ensino (aos seus corpos docentes) que se pronunciassem «sobre as alterações a introduzir na actual situação dos professores tal como se encontra definida actualmente, considerando-se as sugestões formuladas como subsídios para a elaboração do Estatuto do Pessoal Docente». Em Maio do ano passado, os directores e reitores, apenas, receberam com um pedido de parecer, um documento intitulado Contributo Para um Estatuto Profissional do Pessoal Docente dos Ensinos Básico e Secundário, da direcção de serviços de estudos do G. E. P. A. E., no entanto de carácter confidencial.

A discussão do Estatuto foi assim tardiamente iniciada e os professores reconhecem a falta de tempo que houve para aprofundamento e larga discussão do problema.

Oportunamente, o primeiro número da revista, recém-aparecida, «O Professor» dá conta desta situação e dedica ao estatuto uma série de artigos e informações, onde se fazem reparos da maior pertinência. Inicia-se o tema por um cômputo de uma discussão sobre os estatutos que refere, a dada altura, algumas resoluções dos conselhos escolares de vários estabelecimentos de ensino. Destes, destaca-se a resolução da Escola Comercial Patrício Prazeres, de Lisboa, que põe a questão, comum a outros sectores profissionais, da inexistência de um organismo de classe do corpo docente. Afirma-se aí: **«As melhores condições para a prestação de trabalho (...) são normalmente conseguidas através de representação sindical, única forma do contrato não ficar viciado pela inexistência de uma das partes. Portanto: se o Estado lecer condições mínimas para a prestação de trabalho, protegendo os interesses básicos dos trabalhadores perante as entidades patronais, quando impõe aos seus próprios funcionários condições inferiores a essas mínimas, não estará a perder toda a autoridade moral? Se o Estado faculta a representação sindical, única forma de serem parte actuante no contrato colectivo de trabalho, não será de fomentar a mesma representação sindical dos seus funcionários?»**

FALTA DE REPRESENTATIVIDADE

«Do exposto se conclui que a inexistência de uma associação de tipo sindical para os professores torna impossível a manifestação e defesa da vontade da classe e retira qualquer significado a meros contributos individuais que nunca poderão ser representativos. Só dentro de uma associação representativa de todos os professores poderão ser definidos os termos de um estatuto profissional.»

Num outro texto sobre o mesmo assunto, igualmente inserido na revista, escreve um professor efectivo do Ciclo Preparatório: «A recente consulta feita aos professores para se pronunciarem sobre esta matéria, dados os objectivos não classificados que a terão determinado e os moldes em que se processou, apenas pode ser considerada como um primeiro momento de consciencialização por parte dos professores para a gravidade de tal problema, que terá necessariamente de ser ampla e desenvolvidamente analisado e discutido em condições de possibilitar uma tomada de posição que corresponda ao que efectivamente pensam os docentes.

Só assim será possível ultrapassar a actual fase de crise em que, por falta de um documento-base elaborado com a participação dos professores, estes se encontram à mercê da legislação flutuante e de toda a espécie de arbitrariedades que tal situação propicia.»

E continua: «Com efeito, a legislação relativa ao pessoal docente encontra-se dispersa pelos estatutos dos três ramos de ensino (de há muito desactualizados mesmo no caso do Estatuto do C. P. E. S., que, aliás, se limita a «modernizar» algumas das disposições mais obsoletas dos estatutos liceal e técnico) e por alguns decretos que, num ou noutro caso, alteraram parcialmente aqueles diplomas. No entanto, todos eles estão permanentemente a sofrer alterações através de centenas de circulares, as mais das vezes não facultadas ao conhecimento dos professores, algumas das quais rotuladas mesmo de «confidenciais» (!!!) e sobretudo através das decisões tomadas «ad hoc» por funcionários superiores transmitidas e legalizadas frequentemente por meio de simples telefonemas, chegando-se ao ponto de se alterarem disposições fundamentais de estatutos (consagradas portanto em diplomas publicados no «Diário de Governo») em simples reuniões de meia dúzia de metodólogos ou inspectores.» E, mais adiante, afirma: **«Toda esta abundante legislação flutuante se caracteriza por ser profundamente omissa e ambígua, pelo que o professor não dispõe de uma protecção jurídica mínima e está constantemente sugeito às discricionaridades e às interpretações arbitrárias das secretarias, direcções, reitorias, inspecções e direcções-gerais e, no caso dos estagiários, ainda às de metodólogos e assistentes pedagógicos.**

«(...) Por outro lado, uma leitura atenta de toda essa legislação revela como se pretende fazer do professor um mero burocrata executor de ordens dimanadas dos centros de decisão superiores, e não aquilo que deveria caracterizar a sua função — contribuir para o desenvolvimento da inteligência e do sentido crítico do indivíduo a fim de lhe permitir compreender a vida e o mundo e intervir activa e responsavelmente em todos os domínios de ordem profissional, cultural ou social. (...)»

OFICINAS DE AUTOMÓVEIS
COTAL
SERVIÇO OFICIAL
TOYOTA
Rua Artilharia Um, 105-A
Rua dos Lusíadas, 113-A
Telfs. 683131/2/3
Telfs. 631057/8

MERCEDES
BMW
ROVER
MARCAS DA G.M.

TODA A TÉCNICA DE ESPECIALIZAÇÃO, FERRAMENTA E PESSOAL COMPETENTE

DAMOS ORÇAMENTOS PRÉVIOS

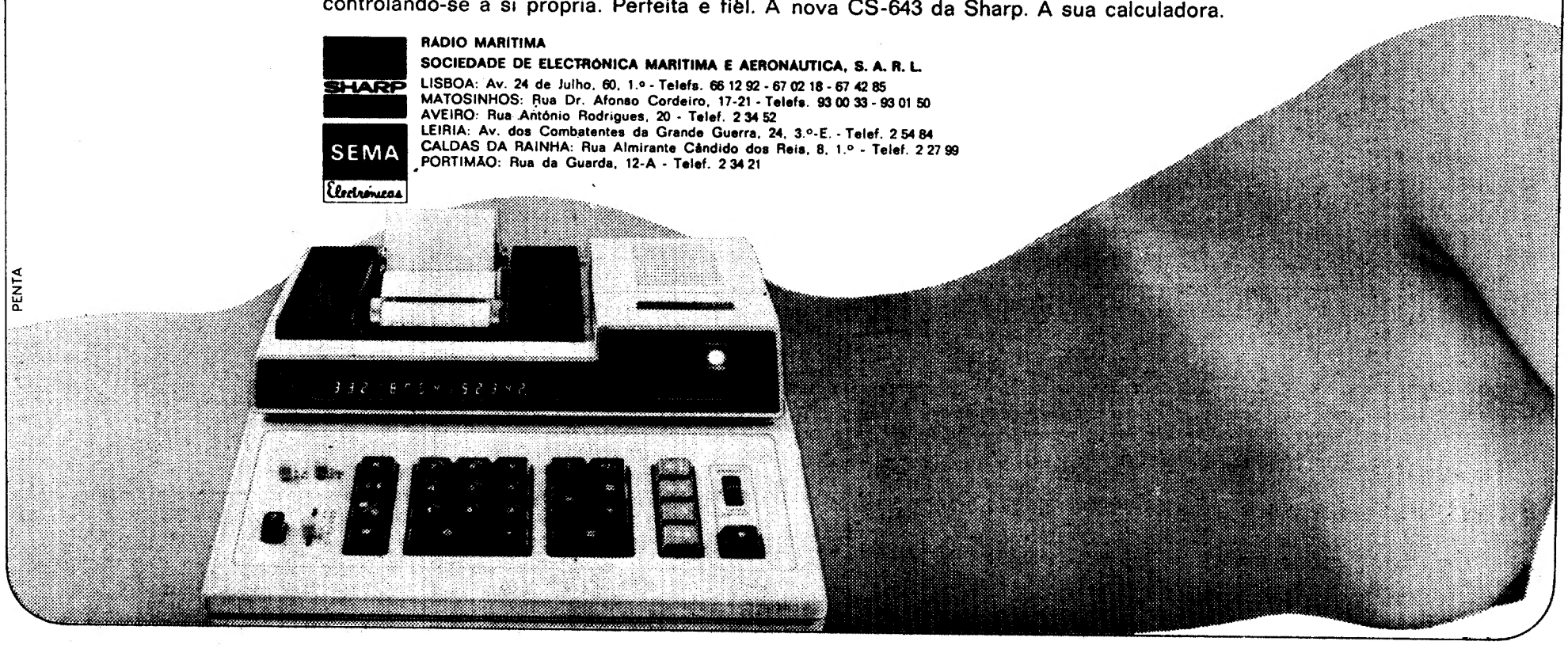
UM DOS SERVIÇOS MAIS EFICIENTES E RÁPIDOS DE LISBOA

SERVIÇO INDEPENDENTE

Sempre à mão o prazer de calcular!
SHARP
COMPET CS/643
a única calculadora com "SELF CONTROL"

Leve, super-inteligente, senhora de si. A nova calculadora CS-643 da Sharp.
Pensa fundo, realiza instantaneamente cálculos complicadíssimos e imprime a resposta, controlando-se a si própria. Perfeita e fiel. A nova CS-643 da Sharp. A sua calculadora.

SHARP
SEMA Electrónicas
RADIO MARITIMA
SOCIEDADE DE ELECTRÓNICA MARITIMA E AERONAUTICA, S. A. R. L.
LISBOA: Av. 24 de Julho, 60, 1.º - Telefs. 66 12 92 - 67 02 18 - 67 42 85
MATOSINHOS: Rua Dr. Afonso Cordeiro, 17-21 - Telefs. 93 00 33 - 93 01 50
AVEIRO: Rua António Rodrigues, 20 - Telef. 2 34 52
LEIRIA: Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 24, 3.º-E. - Telef. 2 54 84
CALDAS DA RAINHA: Rua Almirante Cândido dos Reis, 8, 1.º - Telef. 2 27 99
PORTIMÃO: Rua da Guarda, 12-A - Telef. 2 34 21



PENTA

ORA DIGA-NOS

O QUE PENSA DO CONFLITO ISRAEL-ÁRABE?

Os jornais noticiam em grandes parangonas, «O Conflito no Médio Oriente». Depois seguem-se títulos a várias colunas: «Árabes na Ofensiva em ambas as frentes», «Blindados de Israel avançam na Síria», «Ataque sírio e iraquiano contra Israel do Norte». Mas o que pensará o leitor comum deste confronto que, opondo árabes e israelitas, poderá, contudo, vir a ter importantes implicações no futuro político do mundo em que vivemos?

José Luís, operário durante o dia e paralelamente aluno do ensino técnico nocturno, pensa que: — **Os árabes têm razão pois quando um povo luta para reconquistar a terra que lhe foi roubada, não faz mais do que pugnar por um direito inalienável. Por isso gostaria que o conflito terminasse com a vitória dos árabes, cujo desfecho seria, ao cabo e ao resto, a vitória do Direito.**

Já Susana Alves, aluna da Faculdade de Direito, tem uma opinião contrária: — **Quanto a mim a vitória dos israelitas seria a mais lógica e a mais justa, dado que os árabes têm utilizado nesta guerra meios que considero bastante desonestos, servindo-se do apoio declarado dos russos. E uma vitória destes últimos traria consigo repercussões verdadeiramente desastrosas para o mundo ocidental.**

Deveras apressado e negando-se, por «uma questão estética» a deixar fotografar-se, o serralheiro Álvaro Antunes, não se furtou, todavia, a declarar: — **Cá por mim estou pelos árabes! Eles é que lá estavam antes dos israelitas os irem incomodar, logo a terra pertence-lhes por direito. É o mesmo que um tipo estar em sua casa e aparecerem uns intrusos a pretenderem pô-lo na rua. Cá pelo meu ponto de vista, digam o que disserem, os árabes é que têm razão!...**

José Luís, Operário e aluno do Ensino Técnico: — Os árabes têm razão pois lutam para reconquistar a terra que lhes foi roubada»!

Abordámos, a finalizar este breve inquérito de rua, Angélica Silva, estudante do ensino liceal, que, deveras contraída, se limitou a opinar: — **Não, não tenho um conhecimento muito objectivo sobre o assunto. Tenho passado um pouco por cima desse problema, e apenas sei que é uma guerra entre árabes e israelitas, não me encontrando em condições de particularizar o que verdadeiramente se encontra em jogo. Sabe, eu tudo quanto se trata de guerras, passo-lhe um pouco por cima, por isso também este problema não me desperta uma atenção por aí além. É tudo!...**

Angélica Silva, estudante do ensino liceal: «Tenho passado um pouco por cima deste problema».

Susana Alves, estudante de Direito: — Quanto a mim a vitória dos israelitas seria a mais justa».

Plásticos: um dos mais lucrativos bens de consumo

Poderá, à primeira vista, parecer estranho, mas um dos produtos que mais consumimos é o plástico e seus derivados. De facto, o nível actual de consumo por habitante é de 20 quilos de plástico por ano, prevendo-se que, para gáudio dos seus fabricantes, esta quantidade aumente para 46 quilos, em 1980. Nessa altura, a produção nacional de plásticos deverá cifrar-se em perto de 14 milhões de contos.

Acartar para casa, durante um ano, 46 quilos de plástico, poderá surgir-nos como um exagero mas o que é facto é que quase tudo o que entra em nossas casas vem dentro de embalagens plásticas, pelo que o aumento do seu consumo está ligado ao aumento do poder de consumo genérico.

Por isso, que o sector de embalagens tenha uma posição de relevo dentro da produção nacional de plásticos (21,7 por cento), seguido pelos bens de consumo e de uso doméstico (19,2 por cento). Naturalmente que um tal consumo originará — e origina — problemas de super abundância de lixo plástico, como se reconhece nas conclusões e recomendações do Congresso Internacional de Plásticos, realizado em Lisboa. Para tal se preconiza a utilização dos recipientes para lixo e uma cooperação (dos industriais) com as entidades oficiais ligadas à defesa do ambiente. Ainda outro problema, talvez mais grave, se levanta, que é já o da poluição industrial derivada da fabricação de plásticos, celulose, etc.. Com bastante optimismo, os congressistas consideram — 8.ª conclusão — que «não tem relevância os problemas relacionados com a defesa do meio ambiente dada a ausência, ou a reduzida toxidade dos produtos plásticos»...

Caso não sejam tomadas medidas eficazes contra estas poluições, o problema tomará proporções bem maiores e mais nefastas, tanto mais que o consumo aumenta de uma forma tal que os industriais «se queixam» de um desajustamento entre estes e a capacidade de produção de matérias-primas, prevendo-se — segundo dizem — que a sua escassez se prolongue por alguns anos. Por isso, consideram que se exige que pela Administração seja dado todo o apoio à instalação do complexo petroquímico de Sines pois que quaisquer entraves ou protelamentos impossibilitarão a concretização da iniciativa com consequências graves para o desenvolvimento da indústria transformadora e para o progresso económico do País».

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA E DOS SERVIÇOS MÉDICO-SOCIAIS DO DISTRITO DE LISBOA

Sede: AV. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 39, 39-A — LISBOA
Telefones 71 61 21 / 71 61 61

ENGRAXADORES POR CONTA PRÓPRIA ENQUADRAMENTO NA PREVIDÊNCIA SOCIAL

Por despacho de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, de 13 de Julho de 1973, ficam obrigatoriamente abrangidos por esta Caixa, a partir de 1 do corrente mês, os ENGRAXADORES POR CONTA PRÓPRIA, que exerçam a sua actividade no Distrito de Lisboa, o que deverá ser comprovado através de declaração passada pelos proprietários dos estabelecimentos onde trabalham, ou pela competente Secção de Finanças, atestando que os mesmos estão, na qualidade de engraxadores, sujeitos ao pagamento de contribuição industrial, ou dela isentos.

ESQUEMA DE BENEFÍCIOS:

— **Assistência Médica e Medicamentosa, extensiva ao cônjuge e aos descendentes e equiparados, que vivam a cargo do beneficiário.**
— **Pensões de Invalidez e Velhice.**
— **Subsídio por Morte.**
— **Pensão de Sobrevivência.**

PAGAMENTO DE CONTRIBUIÇÕES:

— **Compete ao beneficiário contribuir mensalmente com a importância de Esc. 75$00, a liquidar de 1 a 10 do mês seguinte àquele a que disser respeito;**
— **O pagamento poderá ser efectuado em dinheiro, vale de correio ou cheque, à ordem desta Caixa, na sua Sede, Dependências Administrativas e Postos Clínicos onde já são recebidas contribuições, utilizando-se, para tal efeito, guia que será fornecida por estes Serviços;**
— **Nos mesmos locais serão igualmente prestados aos interessados os necessários esclarecimentos e fornecidos os boletins de inscrição e requerimentos para concessão de assistência clínica.**

A primeira contribuição deverá ser liquidada de 1 a 10 do próximo mês de Novembro.

A DIRECÇÃO

Inaugurada na Amadora uma secção da Associação dos Inquilinos Lisbonenses

Na Rua 27 de Junho, 8 - 1.º, Esq., na Amadora, foi inaugurada e já se encontra em funcionamento uma secção da Associação dos Inquilinos Lisbonense. Ali têm afluído inúmeros sócios residentes na zona (Amadora, Queluz, Brandoa, Reboleira, Damaia, Buraca, Massamá, etc.).

A secção, cuja instalação representa, por parte da Associação, a expressão da vontade de bem servir as populações locais, funciona às segundas, quartas e sextas-feiras, das 20 e 30 às 23 horas, com consultas jurídicas sempre presididas por advogado, às quartas-feiras, às 21 horas.

A C.D.E. DE LISBOA

UM COMERCIANTE POR DIA

A situação do pequeno comerciante, no nosso País, torna-se cada vez mais difícil. Segundos dados do Governo, desapareceram, entre 1969 e 1972, 1146 mercearias, ou seja à média de uma em cada dia útil da semana. Esta é a sorte que pode atingir um pequeno comerciante em qualquer momento.

O QUE FICA NÃO DÁ PARA NADA

O reporter do «Diário de Lisboa» que percorreu as praças na manhã de 14 de Setembro ouviu da boca das vendedeiras o seguinte: — «Isto o melhor é fechar a loja. Depois de pagar as contribuições, os fretes e os preços dos produtos, o lucro que temos não dá para nada».

Estas palavras traduzem a situação da maioria dos pequenos comerciantes em Portugal.

OS IMPOSTOS AUMENTAM

Os impostos aumentam. Entre 1960 e 1973 as receitas do Estado obtidas apenas através de impostos directos e indirectos passaram de 6 milhões de contos para 27 milhões de contos. E estes são apenas uma parte de todos os impostos lançados pelo Governo.

É evidente que este aumento das «contribuições» caiu também sobre os pequenos comerciantes

OS PREÇOS SOBEM VERTIGINOSAMENTE

Os preços dos produtos essenciais à população não param de subir. Segundo as estatísticas do Governo, o custo de vida aumentoi em Lisboa, em 1971, 11 por cento e entre Junho de 1972 e Junho de 1973, 25 por cento.

Este crescimento espectacular dos preços afecta duma forma grave também o pequeno comerciante por três razões:

Primeira razão: o aumento dos preços também se verifica nos próprios produtos que compra. Por exemplo, o peixe, a carne e a fruta que adquire, para depois vender, estão cada vez mais caros.

Segunda razão: perante o aumento dos preços daqueles artigos, o pequeno comerciante só tem duas soluções: ou aumenta também os preços de venda ao público, mas neste caso arrisca-se a ver diminuir o número de clientes, e, consequentemente, a ver os produtos ficarem ou apodrecerem nas prateleiras; ou então, não aumenta os preços de venda ao público e, neste caso, vê diminuir as suas já pequenas margens de lucro. Por exemplo, em 1972, a média de lucro líquido por mercearia foi de 3 contos por mês.

Terceira razão: o aumento dos preços também afecta gravemente o pequeno comerciante como consumidor. O rendimento médio mensal de cada pequeno comerciante, é no nosso País, de 3000$00. Segundo o Governo, os preços aumentaram em Lisboa entre 1960 e 1972, em 100 por cento. É evidente que face a este crescimento vertiginoso do custo de vida aquele rendimento é manifestamente insuficiente para que o pequeno comerciante e família renham uma vida de safogada.

O Governo tem levado a cabo uma campanha tentando convencer a população que os preços sobem apenas porque os pequenoscomerciantesespeculam Com este objectivo criou um serviço de repressão chamado Inspecção das Actividades Económicas que se tem atirado contra os cmerciantes. Contínua a permitir o aumento dos preços dos produtos ou serviços essenciais à população. É o caso do projecto de Lei já apresentado na Assembleia Nacional que permitirá a subida ainda mais rápida das rendas de casa e o aumento dos preços da Carris verificado logo depois da compra de parte do capital desta empresa pela Câmara Municipal de Lisboa.

OS LUCROS DOS SUPER MERCADOS

Enquanto o número de mercearias diminui o de supermercados aumenta. Entre 1969 e 1973, o total destes passou de 23 para 64. E os seus lucros também não deixaram de crescer. E estes grandes lucros não exigem a aplicação de importantes capitais próprios, pois os supermercados compram a prazo e vendem a pronto pagamento. Os preços mais baixos a que vendem os seus produtos ao público, são conseguidos através dos preços inferiores a que pagam os artigos que compram, criando muitas vezes problemas graves aos pequenos industriais, e não é através da redução dos seus grandes lucros que fazem concorrência aos pequenos comerciantes. Muito pelo contrário o aumento dos seus lucros está intimamente associado ao crescimento do número de pequenos comerciantes que são obrigados a fechar as portas.

A Liga Portuguesa contra o Cancro vai fazer mais um peditório

..A Liga Portuguesa Contra o Cancro promove nos dias 31 de Outubro e 1, 2, e 3 de Novembro mais um peditório nacional para angariar fundos. Poderão ser enviadas contribuições directamente para a sede do Núcleo Regional do Sul da L. P. C. C., no Instituto Português de Oncologia, em Palhavã.

AS LINHAS GERAIS DE ORIENTACÃO POLÍTICA DO MOVIMENTO DEMOCRÁTICO DE CASTELO BRANCO

Do Movimento Democrático de Castelo Branco, recebemos o seguinte comunicado, no qual se definem as linhas gerais da sua orientação política:

«Os quatro anos decorridos desde 1969 caracterizaram-se essencialmente pelo falhanço da demagogia reformista pelo agravamento geral e contínuo dos problemas do Povo Português pelo aumento da repressão pelo absoluto isolamento do Governo no plano internacional, provocado pela sua política colonial e pelo crescimento da resistência popular ao regime fascista com acentuada redução da sua base social de apoio, tendo, em contrapartida, o Movimento Democrático conseguido uma cada vez mais larga insersão na população portuguesa.

No período em referência, pioraram as condições de vida do Povo português. Assistiu-se a um aumento galopante do custo de vida, sem o correspondente aumento de salários, que o governo procurou congelar; aumentou a emigração e cresceu o desemprego em muitos sectores da economia, cujo ritmo de desenvolvimento afrouxou; cresceu o número de despedimentos colectivos e incrementou-se a dependência do país do capital e dos monopólios internacionais.

A atitude do governo face ao Movimento Democrático, durante todo este período, permite concluir que aquele nunca teve intenção de realizar eleições sérias, em que as aspirações e anseios do Povo pudessem ser livremente manifestados. Reprimiu todas as tentativas da Oposição Democrática de se manifestar e organizar: continuou a limitar apertadamente a liberdade de expressão: impediu os trabalhadores de livremente se organizarem, reprimiu greves dissolveu cooperativas.

A luta heróica do povo português, que se vem desenvolvendo dia a dia, pela paz, pela liberdade e por melhores condições de vida, conjugada com o isolamento, provocou graves cisões no regime cuja posição se tornou instável e periclitante.

Foi nestas circunstâncias que o Movimento Democrático, legítimo representante dos interesses populares, decidiu apresentar candidatos pelo círculo de Castelo Branco, tendo como objectivo o fortalecimento do Movimento e a sua continuidade para além das «eleições», até à instauração de um regime verdadeiramente democrático e popular em Portugal.

Nessa perspectiva, são os seguintes os objectivos imediatos pelos quais o Movimento Democrático, acompanhado pela maioria do Povo, decidiu pugnar:

— pela conquista das liberdades fundamentais: — liberdade de expressão do pensamento, de associação e de reunião; liberdade sindical e reconhecimento do direito à greve; abolição da censura — exame prévio — e fim dos monopólios da informação;

— luta contra todas as formas de repressão, com amnistia para todos os presos políticos e dissolução da D. G. S. e dos tribunais plenários; regresso dos exilados.

— luta contra a carestia da vida e pelo aumento de salários;

— luta contra o domínio dos monopólios e contra a submissão ao imperialismo;

— Pela paz e pela segurança internacional e pelo estabelecimento de relações de amizade e cooperação com todos os povos.

— Pela criação de um sistema de segurança social, previdência e saúde, gerido pelos trabalhadores e que efectivamente sirva os seus interesses;

— Pela liberdade de ensino, pela sua efectiva democratização e pela total gratuitidade do mesmo, incluindo todo o material escolar.

Tudo por:

Uma sociedade justa e livre!

Por uma democracia económica e política!»

Cursos médicos

Começam amanhã, pelas 15 horas, nas instalações da Escola Nacional de Saúde Pública, os cursos de Administração Hospitalar, Saúde Pública e Medicina do Trabalho.

Exames de aptidão ao I.S.T.

Segundo informa a direcção do Instituto Superior Técnico, as classificações das provas escritas dos exames de aptidão efectuados neste estabelecimento estão patentes amanhã e depois, das 10 às 13 horas e das 15 às 20 (entrada pelo portão da Alameda D. Afonso Henriques).

As provas orais têm início dia 24, às 8 horas, segundo calendário afixado juntamente com as classificações das provas escritas.

A A.N.P. RESPONDE A UM CANDIDATO DA C.D.E.

Das comissões eleitorais da ANP recebemos o seguinte comunicado:

«De acordo com a notícia publicada na «República» de 12 de Outubro último, o candidato da Oposição, António Abreu, prestou um péssimo serviço à CDE, patenteando notável falta de lógica, e sobretudo, uma manifesta ignorância. Custa mesmo a crer que pessoas que se arrogam a responsabilidade de participar num acto eleitoral, se apresentam ao País com tanta inconsciência e, repita-se, tanta ignorância.

Falava-se, numa sessão da Brandoa, acerca da juventude, e o candidato António Abreu, comentando um comunicado da ANP, diz que «tanto quanto sabemos» a única forma que o Governo tem procurado para a participação da nossa juventude na vida do País não é voluntária, porque, se o fosse, ela não participava». Analisemos com detalhe estas afirmações.

VOLUNTARIEDADE

O sr. António Abreu está muito mal informado acerca do que se passa no País no sector da juventude. Se ao menos lesse o jornal saberia que desde 1971 a política formativa de tempos livres da juventude assenta integralmente na adesão voluntária dos jovens. Assim se passa com o Secretariado para a Juventude (Decreto-Lei n.º 446/71, de 25 de Outubro) e com a Mocidade Portuguesa e a Mocidade Portuguesa Feminina (Decreto-Lei n.º 486/71, de 8 de Novembro). Já daqui se vê que o candidato António Abreu, ou não sabia o que estava a dizer, o que é grave, ou sabia mas não disse, o que é ainda mais grave.

ADESÃO À PARTICIPAÇÃO

Mas dirá o sr. Abreu que tudo isto se passa no papel, ou na boa intenção do legislador, e que, na prática, a juventude não adere. Puro engano, mais uma vez revelador de que a Oposição faz eleições noutro país. Com efeito, fornecem-se os seguintes números:

Secretariado para a Juventude (actividades de 27 de Setembro de 1972 a 27 de Setembro de 1973):

— Centros de juventude — cerca de 7000 jovens inscritos

— Colónias de férias e campos de trabalho — 3674 jovens inscritos

— Centros de animação de férias — 10 940 jovens inscritos.

Para além destes números, haverá que referir os milhares de participantes jovens nas permanentes actividades culturais (música, teatro, centros de leitura, artes plásticas, fotografia e cinema, xadrez, etc.), de ar livre (campismo, mergulho, espeleologia, montanhismo, aeromodelismo, etc.), sociais e familiares, e outras, bem como nos sucessivos cursos de formação de quadros. Lembremos ainda que o Secretariado conta apenas com cerca de um ano e meio de actividade.

No que respeita à **mocidade Portuguesa,** estão voluntariamente inscritos, também em cerca de ano e meio de actividade efectiva a partir da reforma, mais de 5 mil jovens, tendo ainda participado nas grandes actividades (cursos, jornadas de formação, acampamentos, etc.), 3311.

Finalmente, a **Mocidade Portuguesa Feminina** reuniu, no corrente ano, 30 mil raparigas em actividades eventuais diversas (fins-de-semana, convívios, campos de férias, serviços de comunidade, actividades culturais), enquanto que, em actividades permanentes (cerca de 40 modalidades gimnodesportivas, artísticas e de preparação familiar), cerca de 6 mil. Todos estes números se referem à Metrópole.

«PALAVRAS OCAS»

«Apenas palavras e mais palavras, todas elas ocas», diz o candidato António Abreu referindo esta realidade indesmentível, que é o sucesso da nossa política de juventude... É óbvio que, se o Governo temesse essa juventude que o apoia, e que, há tantos anos, dá ao Mundo lição de coragem e dignidade, não assentaria o fulcro da reforma no voluntariado dos jovens.

Voluntariado esse, com o que implica de responsabilidade na opção, de lúcida adesão, de liberdade de participação, corresponde ao único caminho de dignificação da juventude portuguesa, chamada a participar, consciente e responsável, na obra de desenvolvimento nacional.

Palavras ocas, disse-as o sr. António Abreu. Esperemos que as próximas sejam mais pensadas, menos precipitadas e mais verdadeiras.»

Jogo americano nos Açores

A concessão de uma zona de jogo nos Açores foi solicitada ao Governo português por uma firma norte-americana com sede em Nova Iorque, a qual se propõe construir um Hotel-Casino na Ilha Terceira, junto à Praia da Vitória.

Corrida de toiros a favor da Misericórdia de Santarém

A corrida de toiros a favor da Santa Casa da Misericórdia de Santarém, integrada na FATSA-73 (Feira Agrícola Técnica), efectua-se esta noite.

Cartaz: David Ribeiro Teles, Mestre Baptista, Gustavo Zenkel e D. José João Zoio. Actua o Grupo de Forcados Amadores de Santarém.

A FATSA encerra amanhã.

NÃO PROPAGAMOS IDEIAS CONTRÁRIAS AO BEM-ESTAR DO POVO - DISSE EM FARO O ALMIRANTE TENREIRO

Na sala de espectáculos do cinema Santo António, em Faro, realizou-se, ontem à noite, uma sessão pública de apresentação dos candidatos da ANP por aquele círculo eleitoral, onde a Oposição Democrática decidiu não participar na campanha eleitoral.

Presidiu a sessão o dr. César Levy Guimarães que fez a apresentação dos candidatos almirante Henrique Tenreiro, engenheiro Leal de Oliveira, dr. Gabriel Medeiros Galvão e dr.ª Maria de Lurdes Cardoso de Medeiros e Oliveira.

Começando por referenciar a experiência política adquirida no decorrer da X Legislatura, o que o encorajou a candidatar-se de novo a deputado pelo círculo de Faro, o engenheiro Fonseca Leal de Oliveira recordou a problemática agrária algarvia, em situação de crise gravíssima. Outro ponto sobre o qual teceu considerações foi o tema da Previdência Social que disse saber ser contravertida.

A terminar a sua intervenção o candidato sublinhou:

«É necessário que a abstenção não seja aproveitada pela propaganda de certos agrupamentos cuja cor facilmente se reconhece pelos minutos de silêncio que em várias sessões de propaganda eleitoral foram propostos e aceites em memória de Salvador Allende e de Amilcar Cabral».

O candidato dr. Gabriel Medeiros Galvão, o segundo dador, começou por afirmar que «se a eleição da lista de candidatos para deputados pelo círculo de Faro foi confirmada pelo elitorado, então impenderá sobre nós as maiores responsabilidades nas solitações, anseios e desejos de maior bem-estar social daqueles que sancionaram a nossa eleição», debruçando-se depois sobre a estrutura básica dos orgãos da soberania nacional.

E terminou declarando que se for eleito deputado, na sua qualidade de médico há cerca de quarenta anos no Algarve, continuará a pugnar pelo bem-estar físico com a mesma devoção «na sequência da linha de pensamento do Presidente do Conselho em conseguir para todos os portugueses uma vivência cada vez melhor».

O almirante Henrique Tenreiro, depois de declarar que os candidatos da ANP «não pactuam com os inimigos da Pátria e não propagam ideias contrárias ao bem-estar do povo português, ao seu progresso e à Unidade da Nação», afirmou que o rumo está bem definido. Referindo seguidamente o facto de na generalidade das sessões da Oposição se estarem a «guardar minutos de silêncio em homenagem a certas individualidades de princípios ideológicos bem conhecidos».

No seu discurso abordou também o IV Plano de Fomento de que fez uma análise, afirmando depois:

«O Plano de Fomento contempla, também, de forma válida, o problema da habitação, e todos sabemos o interesse que há em promover que cada português tenha o seu lar próprio, evitando que seja alvo de alguns especuladores e oportunistas. Este facto contribuirá para reduzir a emigração, vinculando os trabalhadores ao seu lar e à sua terra.

A Nação precisa de todos para realizar a grandiosa obra iniciada por Marcello Caetano e que o capital-trabalho, tão essencial à concretização dessa obra, esteja presente e activo.

Os emigrantes sofrem com a separação da Pátria e, longe da sua terra natal, enfrentam problemas difíceis, relacionados não só com a falta de habitação condigna, como também com as diferenças salariais impostas por empresários gananciosos que, embora lhes aproveitem as qualidades de trabalho, esquecem a condição humana desses trabalhadores.

Os altos salários que por vezes auferem no estrangeiro são, ao fim e ao cabo, ilusórios e não compensam as vicissitudes a que o emigrante está sujeito. Congratulamo-nos com as medidas que estão a ser tomadas pelo Ministério das Corporações, que constituem um polo válido de atracção para que os nossos trabalhadores tenham a alegria de regressar, pouco a pouco, às suas terras, como aliás já está a suceder.»

E terminou recordando a vastidão de problemas que dia a dia surgem aos governantes, tendo evocado no final a figura do almirante Américo Tomás.

No início do seu discurso a professora liceal Maria de Lurdes Oliveira começou declarou que a última «conversa em família» de Marcello Caetano «soou como clarim» na responsabilidade do acto eleitoral. Mais adiante, assinalou que a ausência de candidatos oposicionistas pelo círculo de Faro «não justifica, de modo algum, que os algarvios de formação nacionalista optem pela inércia do abstencionismo, erradamente convencidos, de que não vale a pena votar.

Nesta competição com um adversário ausente, a ausência dos nossos não teria sentido.»

E terminou por proferir que se for eleita pugnará pelos interesses da terra.

O grupo de Agentes da Fábrica Portugal no momento do embarque para Amesterdão e Londres.

Agentes da Fábrica Portugal visitam Amesterdão e Londres

A Fábrica Portugal convidou os seus Agentes que mais se têm distinguido nas vendas dos seus produtos para uma viagem turística a Amesterdão e Londres, que inclui visitas aos pontos de maior interesse em cada uma destas cidades.

Totalizando 54 pessoas, a caravana da Fábrica Portugal viajou no passado sábado em avião a jacto da TAP com destino a Amesterdão.

"O TRIÂNGULO ESTADO-UNIVERSIDADE -EMPRESAS NÃO FUNCIONA BEM"

Encerram na Faculdade de Engenharia do Porto as II Jornadas de Informação Técnica que ali principiaram no passado dia 18.

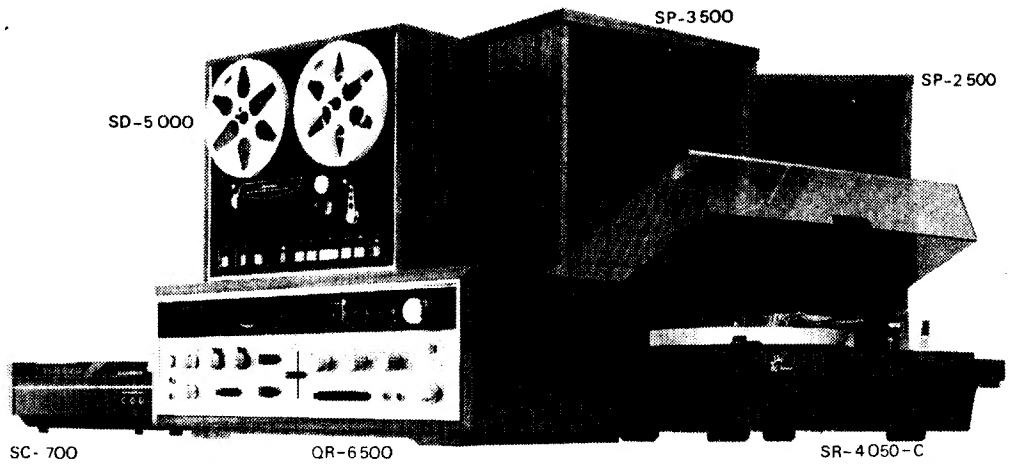
Antes de lidas as conclusões, o eng. João Talone, falou sobre a necessidade urgente de uma autonomia científica do país para pôr fim à situação actual da inferioridade a esse respeito. Focou, depois, alguns indicadores dessa situação a começar pela percentagem de produto nacional bruto gasto na investigação tecnológica e científica o que é entre nós de apenas 0,30 por cento, quando em países com semelhante grau de desenvolvimento é de um por cento e nos países muito desenvolvidos, de 3 por cento. Outros indicadores são o número de investigadores por mil habitantes que é o mais baixo entre os países economicamente semelhantes ao nosso, tendo nós quatro vezes menos investigadores do que precisamos, o défice acentuado na nossa balança de pagamentos de tecnologia, que nos coloca em situação subsidiária relativamente ao estrangeiro, o qual é calculado em valores variáveis de 100 e 400 000 contos.

Prosseguindo, aquele técnico disse que o Estado de Portugal não participa, a não ser muitíssimo pouco no financiamento da investigação a cargo das empresas, no qual gastou 4000 contos, sendo pelo contrário as empresas que financiam a investigação do Estado, as quais gastaram recentemente 30 000 contos. Em outros países verifica-se que é o Estado que financia a investigação particular. Pode afirmar-se daqui que em Portugal «o triângulo estado-universidade-empresas não funciona bem».

As conclusões lidas depois são as seguintes:

Considera-se indispensável que seja progressivamente instituída uma rede integrada de informação técnica para a indústria: considera-se igualmente necessária a criação de serviços de informação extensivos à agricultura e ao comércio. Preconiza-se a intensificação das ligações do sector produtivo com os departamentos de investigação do ensino superior e de outros órgãos de administração e a criação de um organismo de promoção e apoio da inovação, selecção de tecnologia estrangeira e promoção de patentes nacionais. Chamou-se ainda a atenção para a necessidade de uma maior racionalização da investigação da administração pública quanto ao financiamento e estímulo às actividades de investigação, orientação dos projectos de investigação para os objectivos do IV Plano de Fomento, e ainda nos domínios da exportação e cooperação internacional no seio de organismos internacionais e no âmbito da cooperação bilateral.

Já conhece o sistema quadrifónico QS da Sansui?



O nosso sistema de codificação QS está a tornar-se rapidamente favorito entre as maiores companhias de gravação e apreciadores de música.

Um grande número de companhias de gravação estão produzindo discos codificados segundo o nosso sistema QS. Entre outras, citamos as seguintes etiquetas: A&M, Ovation, Project-3, Pye, Barclay, ABC/Dunhill, Audio Treasury, Command.

Para aqueles que desejam possuir um equipamento quadrifónico, que se inclua em excelentes padrões de excelência técnica e económica, estamos produzindo uma gama de aparelhagem muito interessante, e a vários niveis de preços.

Já ouviu um equipamento quadrifónico QS da SANSUI? Achamos que deveria fazê-lo.

Para uma demonstração, ou para obtenção de material informativo, contacte-nos.

Sansui QS REGULAR MATRIX 4-CHANNEL STEREO

CENTELEC

SECÇÃO COMERCIAL: AV. FONTES PEREIRA DE MELO, 47-4.°-Dt. · TELS. 561211 · 561647 · LISBOA-1
SECÇÃO TÉCNICA: RUA MANUEL FERREIRA DE ANDRADE, 6 S/L · LISBOA 4

PRESENTE NA I EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DE MATERIAL ELÉCTRICO E ELECTRÓNICO NA HABITAÇÃO E INDÚSTRIA NO PALÁCIO DE CRISTAL NO PORTO (Stands 17 a 21. 1.ª Galeria, Sector C — VII)

A política da exportação

Das Comissões Eleitorais da A. N. P. recebemos o seguinte comunicado:

As C. D. E. silenciam, estrategicamente certos temas, não por falta de interesse nacional, não por serem insusceptíveis de largo e fecundo interesse — mas porque o sucesso da acção do Governo torna incómoda a referência, para quem não põe o interesse do Psís acima dos interesses partidários.

Fieis a um princípio, intransigentemente seguido ao longo da campanha, de elucidação serena do eleitorado, de descrição objectiva da realidade nacional, parece-nos útil trazer ao País as grandes linhas da política de exportação, resultados obtidos, e ilações de interesse geral que se podem extrair.

AUMENTO DE QUASE 30 POR CENTO DA EXPORTAÇÃO NACIONAL

Assim, interessa saber que a **exportação nacional aumentou, de 1972 para 1973, 25,4 por cento, atingindo mais de 30 milhões de contos.** E que nos primeiros 6 meses deste ano, aumentou mais 28 por cento, **em relação a igual período do ano passado, excedendo já 15 milhões de contos.**

Este aumento para nós é vital, na medida em que só quem não ande neste mundo, ou finja não andar para efeitos eleitorais, poderá pretender fechar o País à expansão comercialmente agressiva, dada a inevitável criação dos preços económicos unificados. A exportação é hoje, cada vez mais, o barómetro da vida económica — e não só: também, um indicador precioso, como veremos adiante, da própria imagem internacional do País.

POLÍTICA ACTIVA DE EXPORTAÇÃO

Várias conclusões imediatas se podem tirar.

— aumento da capacidade industrial do País, logo, da riqueza e do bem estar generalizados;

— acerto de uma política activa de exportação;

Este último aspecto é relevante, e o País bem o sabe. São por exemplo divulgadas as actividades do Fundo de Fomento de Exportação, organismo especializado, que, no seu palmarés, conta com, entre tantas mais, algumas realizações de destaque:

— funcionamento de 18 delegações em 17 países;

— organização de 23 missões comerciais mult ssectoriais **que levaram a 22 países mais de 500 exportadores portugueses;**

— organização de **36 missões sectoriais**

— chamada a Portugal de **59 missões de importadores estrangeiros**

— organização da presença de Portugal em **24 Feiras Internacionais, com mais de 300 exportadores presentes;**

— concessão de **subsídios, elaboração de cursos, estudos de mercado, contactos comerciais, publicações, etc.**

A influência do Fundo faz-se ainda sentir em diversos instrumentos de apoio à exportação, cuja importância justifica especial destaque.

OS NOVOS INSTRUMENTOS DA POLÍTICA DE EXPORTAÇÃO

Torna-se com efeito necessário atingir a dimensão-base das indústrias, adequada à competição internacional. Grupos de exportadores, em regime da tttal liberdade de opção, põe em comum o respectivo equipamento, para atingir idênticos fins de exportação. Têm sido criados numerosos destes agrupamentos, sobretudo nos sectores do calçado, confecções, etc.

Trata-se de um esquema de apoio, a cargo da Companhia de Seguro de Crédito, segundo o qual são dadas garantias de seguro e avales aos créditos de pré-financiamento da exportação. Sobem a muitos milhares de contos as verbas englobadas nesta acção.

O Estado concede apoio específico a grupos de exportadores que articulem entre si finalidades comuns de planeamento e desenvolvimento. Desde Janeiro, já se constituiram quase 20 sociedades deste tipo, representativas do sector de confecções, calçado, papel e artes gráficas, materiais de construção, metalomecânicas, etc, envolvendo para cima de 60 empresas.

OS CONTRATOS DE DESENVOLVIMENTO PARA A EXPORTAÇÃO

A via contratual é aquela que mais seguramente garante a harmonização de interesses entre o Estado e os particulares. Claro, para aqueles que defendem que os particulares não têm que defender quaisquer interesses perante o Estado, o problema nem se põe: mas para quem, pelo contrário, acredita na liberdade individual, a via do contrato, em que o Estado e os particulares se comprometem mutuamente a respeitar direitos e deveres, para a finalidade social comum, é a mais eficaz e a mais válida.

Assim, vigoram desde 10 de Fevereiro deste ano os Contratos de Desenvolvimento para a Exportação, destinados a garantir, mediante o acesso de diversos apoios e benefícios, desenvolvimento das empresas de exportação. Pois não obstante os escassos meses de vigência do sistema, já se celebraram para cima de 17 contratos (no valor de milhares de contos) relativos aos sectores de frutas e legumes, calçado, mobiliário, vidros, etc.

NOVOS PRODUTOS

Outro aspecto de interesse, reside na renovação da gama de produtos exportados — renovação essa, aliás, conciliável com a permanência, os mercados estrangeiros, dos produtos tradicionais. E evidente que os nossos vinhos, as nossas cortiças, as nossas conservas, continuam a encontrar larguíssima aceitação. Mas a circunstância de se exportarem, cada vez mais, por exemplo pasta para papel, concentrados de tomate, têxteis e confecções, aparelhos eléctricos, calçado, tubos e válvulas electrónicas, móveis cutelaria... representa um prestígio cada vez maior da nossa indústria, justificado pela evolução tecnológica em qualidade e (?)

PRESTÍGIO INTERNACIONAL

Acima dissemos que o fenómeno económico da exportação traduz também, e de forma eloquente a imagem internacional do País. Diremos mesmo que é um dos espelhos mais fieis, pois reflecte a opinião do consumidor anónimo — o estrangeiro que voluntariamente opta por um produto português, escolhendo-o entre a fartíssima concorrência internacional, porque se lhe impõe qualidade, pela seriedade de fabrico, pelo desenvolvimento que pressupõe.

Isto diz mais do que certas condutas tão apregoadas por aqueles que optam por atitudes demagógicas, para satisfazer minorias ideológicas activistas.

O aumento da exportação mostra, a seu modo, que o País está longe do isolamento e do desprestígio junto dos países estrangeiros.

Isto difere das afirmações das C.D.E.; mas o eleitorado, o povo português, já estão habituados e já nem estranham...

PROVA ANUAL DO DIREITO AO ABONO DE FAMÍLIA E ASSISTÊNCIA MÉDICA

DECLARAÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR

Os beneficiários dos regimes geral e especial de abono de família têm de comprovar ANUALMENTE que se mantêm as condições de atribuição do direito ao abono de família e da assistência médica em relação aos seus familiares.

Leva-se ao conhecimento dos interessados que poderão, desde já, entregar a «DECLARAÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR», utilizando impresso próprio que lhes é fornecido pela respectiva Caixa de Previdência, suas delegações administrativas ou Casas do Povo.

Lisboa — Setembro de 1973.

A DIRECÇÃO DA FEDERAÇÃO DAS CAIXAS DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA

A A.N.P. EM VILA FRANCA DE XIRA

Ontem à noite o Cine Teatro de Vila Franca de Xira foi palco de mais uma sessão de propaganda eleitoral promovida pela ANP.

O primeiro orador foi o eng. Afarcão e Silva, que se referiu a problemas agrícolas, nomeadamente do Ribatejo, rematando assim:

«Resta-me terminar formulando o voto de que todos quantos se sintam portugueses auxiliem com toda a força dos seus braços e o brilho da sua inteligência este notável esforço de modernização de Portugal.

A Nação conta convosco e nós também. Estamos certos de que não regateareis o vosso esforço de que sabereis cumprir um dever: o de votar, e, certamente Portugal sairá engrandecido com os resultados das eleições.

A hora é vossa, o destino vos pertence. Portugal conta convosco, e nós também.»

AS MULHERES DE PORTUGAL

«Por mim tenho pensado muito nas mulheres de Portugal e quando digo Portugal, refiro-me a todas as latitudes e longitudes onde nos encontramos por direito histórico e natural — refiro-me ao Portugal íntegro que é o de hoje e será o de amanhã» — **afirmou, no início do seu discurso, a candidata dr.ª Maria Clementina de Azevedo Vasconcelos.**

Referiu-se às mulheres portuguesas de Africa, «com os mesmos anseios que animam as portuguesas da Metrópole, irmanadas no mesmo ideal de tradições comuns a respeitar», derivando daí para a análise da mulher na sociedade do nosso tempo. Falou depois da promoção da mulher, afirmando que se ela for, de facto, responsável e plenamente consciente dos seus deveres, nenhum homem se negará a compartilhar responsabilidades, baseadas em amor, respeito mútuo e consideração. E afirmou: «mas isto não se consegue através de rápidas reformas legais, ou de revoluções, mas tão-somente através de todo um processo de formação e informação que leva tempo a dar os seus frutos.»

Mais adiante:

«Os jardins de infância e os infantários, hoje designados em conjunto, centros de bem-estar infantil, são uma importante medida a que em boa hora o Governo de Marcello Caetano vem dedicando a melhor atenção. São um auxílio valioso de que a mulher está a dispor cada vez mais.

Devemos estar agradecidas ao Governo pela certeza de que na política de **desenvolvimento social** em curso esta ajuda esteja a ser encarada tão prioritariamente, como está previsto no IV Plano de Fomento.

E terminou com as seguintes palavras:

A mulher portuguesa tudo merece porque é já um activo factor de desenvolvimento do nosso Portugal e porque com a sua ponderação e espírito de sacrifício sempre mereceu que nela acreditassem.

Numa geral afirmação de paz e progresso porque todos ambicionamos; de bem-estar e alegria porque todos aspiramos, a mulher tem de estar atenta e marcar presença!

E — nós, as mulheres — quando se fala do nosso Governo devemos sentir-nos felizes porque no **Estado Social** de Marcello Caetano impera a **justiça** que permite viver **sem discriminações;** que permite viver com **igualdade de oportunidades;** que permite viver em paz.

Nós queremos colaborar com Marcello Caetano, arcando com as nossas responsabilidades para lhe demonstrar quanto valemos e quanto o admiramos.

Na grande obra pelo **Progresso em Paz,** queremos que o nome da mulher portuguesa, aí fique gloriosamente escrito.»

O dr. Manuel Homem Themudo, último orador, referiu-se largamente às razões porque aceitara a candidatura e aos princípios que irá defender, se for eleito, acabando por enunciar as grandes linhas de desenvolvimento a promover ou a consolidar no que se refere à promoção económica, desenvolvimento social, cultural e político.

Afirmou em determinado passo:

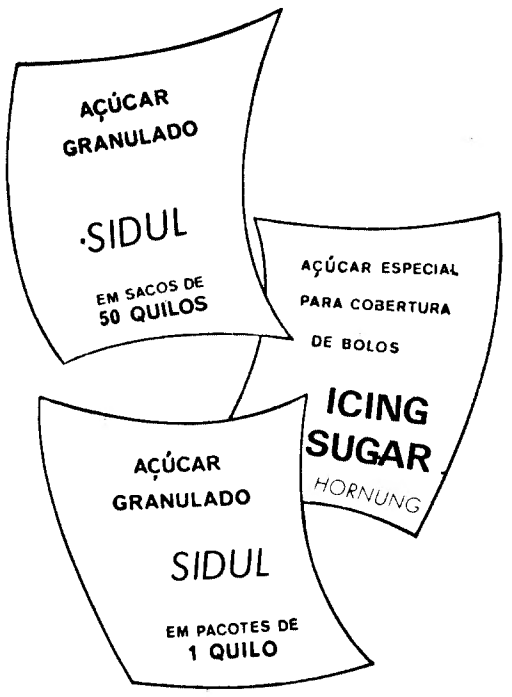
«Defendo o homem na eminente dignidade da sua condição.

Defendo a Nação, na independência e na integridade do território.

Defendo a paz social, na concórdia e na justica.

Defendo a ordem política, na liberdade de que não queremos abdicar e na autoridade de que não podemos prescindir.

REFINARIA DO ULTRAMAR



QUALIDADE GARANTIDA

DR. JOSÉ GOMES MOTTA

MISSA DO 7.º DIA

Joaquim Manuel de Macedo Pinto Gomes Motta, sua mulher Maria de Lourdes Lemos de Araujo de Macedo Pinto Gomes Motta, Elsa Maria de Macedo Pinto Gomes Motta de Nápoles Pacheco, seu marido Mário de Nápoles Pacheco, netos, bisnetos e demais família participam que amanhã, dia 22, pelas 12,30 horas, no Altar-Mor da Igreja de N. Sr.ª do Rosário de Fátima, será celebrada missa pelo eterno descanso da Alma de seu muito querido pai, sogro, avô, bisavô e parente, agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a este piedoso acto.

P. N. A. M.

AGÊNCIA MAGNO — Telef. 534167

PARA ESTA SEMANA O

RESTAURANTE CHEZANNE

SUGERE-LHE

2.ª Feira: Sauté de Veau Aux Champignons. 3.ª Feira: Poulet Aux Morilles. 4.ª Feira: Bouillabaisse Marseillaise. 5.ª Feira: Cabri Rôti à L'Ancienne. 6.ª Feira: Choucroute Alsacienne. Sábado: Entrecôte Marchand de Vin.

RUA BARATA SALGUEIRO, 28

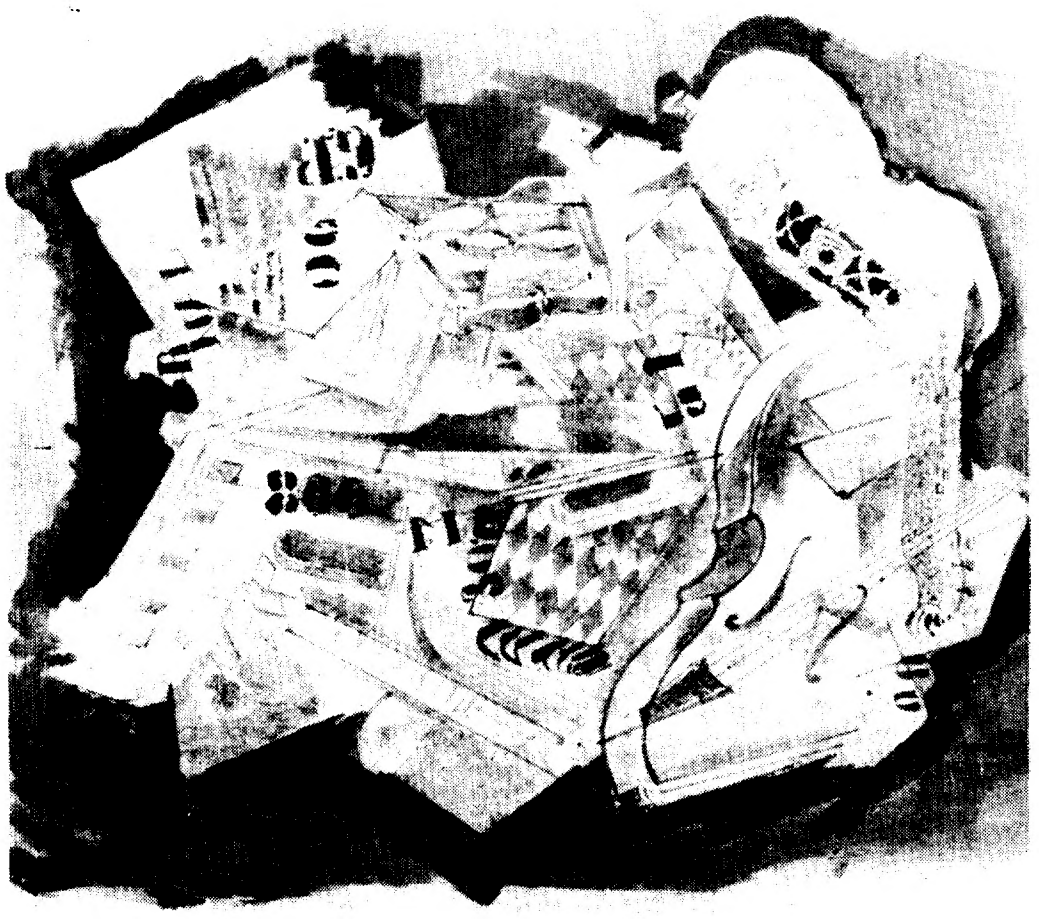
TELEF. 56 36 47

EXPOSIÇÃO DE DESENHOS DE AMADEO SOUZA CARDOSO

Quinze desenhos de Amadeo de Souza Cardoso estão patentes ao público, pela primeira vez, na Galeria de S. Mamede, que pretende assim assinalar a passagem do 55.º aniversário da morte do famoso artista desaparecido aos 31 anos, vítima da pneumónica, em Espinho.

Amadeo de Souza Cardoso conseguiu, no pouco tempo que viveu, situar-se entre os melhores pintores portugueses e, se a morte o não tivesse levado tão cedo, teria conquistado um lugar de destaque na vanguarda artística europeia. Amadeo de Souza Cardoso foi para Paris em 1906 para frequentar o curso de arquitectura da Ecole des Beaux Arts e aí permaneceu até à eclosão da I Guerra.

Dele escreveu Almada Negreiros: «*Em Portugal, no nosso século, dois gritos de Poesia se ouviram: Mário de Sá Carneiro e Amadeo de Souza Cardoso. Poesia das letras e Poesia das cores. Grito do verso que é arte precoce, e grito das cores que é arte não precoce. Os dois modos da Poesia actuante em que o protagonista é o autor e não ficção.* E mais adiante: *A Amadeo de Souza Cardoso é a vida que lhe recusa a grande-obra por ele mesmo anunciada em grito de poeta mobilizado «cantor-de-dia na alegria do mundo». Amadeo de Souza Cardoso é a primeira descoberta de Portugal no século XX escreveu-se a tempo, em vida do pintor. Havia de terem sido entre nós estes dois gritos da Poesia. Foram* eles.»



Um dos desenhos agora expostos.

MONSIEUR VERDOUX, 1973

Faz um quarto de século que Chaplin lançou Monsieur Verdoux como quem lança uma bomba à face da América e não só. A América deixaria ele, em breve, para sempre, e o filme foi ajuste de contas antigas; ao resto de um mundo saído da guerra estava ele farto de dirigir mensagens: há trinta anos que o fazia desde, por exemplo, **Charlot nas Trincheiras** — da outra guerra.

Em 1947 o discurso foi feito em sentido contrário, por forma irónica e incluía um imenso desprezo...

Na metódica reposição comercial das obras de Chaplin que em Paris se está realizando, chegou agora a vez de **Monsieur Verdoux** — e o êxito foi, e é, grande.

Há vinte e cinco anos, o filme, cortando a série dos «charlots» foi extremamente discutido — atacado e defendido, ou seja mal e bem entendido. Eu quero crer que, então, o entendi bem, vendo nele o ponto de chegada de uma trajectória que toda a obra de Chaplin cumpriu com um exemplar rigor balístico. O ponto de chegada, de impacto e de explosão — num cair de pano final que a célebre frase de Verdoux, a caminho da execução, sublinha: «Que posso fazer por si?» «Por si», diz ele, referindo-se ao interlocutor que o pretende consolar — mas bem sabemos que é a nós que se dirige, ou a cada um de nós, a nós um por um... Agora e aqui, como se costuma dizer. A pergunta do que pode um Verdoux fazer pelos homens com a sua lógica irrepreensível, numa irrespondível demonstração, continua, sem dúvida, a ter cabimento. Mas talvez tenha deixado de nos espantar...

Ser «clássico» um filme tem, entre outros perigos, o de deixar de nos surpreender. Classificado, saudado, conferido — já sabemos ou supomos saber, o que é e o que nos dá. E o sucesso que lhe façam vem ao mesmo tempo de uma verificação cultural e de um sentimentalismo algo saudoso. Assim aconteceu agora com **Monsieur Verdoux**, tal como a crítica quotidiana o recebeu e as usuais bichas de bilheteira o confirmam.

...E eu fico a lembrar-me também do que ele representou, em 1947, para uma sociedade ocidental em mutação; e do que não quiseram que ele então representasse; e da maneira como foi culturalmente abafado, com o pretexto de não ser o «Charlot» do costume... E fico a ver que vai ser o mesmo agora, recusando-se-lhe o impacto com o pretexto de ser antigo, e clássico...

O filme, linear na sua estrutura, com este ritmo adicionante que à demonstração convém, não envelheceu, decerto, como nunca «envelhecem» as realizações de Chaplin (com excepção da mais recente, a **Dama de Hong-Kong**). A personagem dramática, tal como o Charlot de que é consequência ou duplo, tão negativo quanto positivo na mitologia em que se insere, a personagem dramática canonizei-a eu, há um quarto de século: «São Verdoux, cavalheiro» — e não me arrependo agora!

JOSÉ AUGUSTO FRANÇA

OWARCH-BMW DE NICHA CABRAL NA "TREVAUTO"

Amanhã, dia 22, pelas 15 horas estará em exposição no novo Stand da TREVAUTO, na Avenida Casal Ribeiro, 21-C, o MARCH-BMW, carro de corrida de Fórmula 2, que hoje esteve presente em competição no Autódromo do Estoril e que foi pilotado pelo corredor nacional Nicha Cabral.

A TREVAUTO honra-se em receber nas suas novas instalações, às 15 horas, todos os corredores estrangeiros que estiveram presentes na competição, e, juntamente com os seus clientes e amigos, estabelecer um convívio amigável

POLÍTICA

...-hidra de sete cabeças
e veneno que nunca
mais sai do corpo e
da alma onde penetre-...

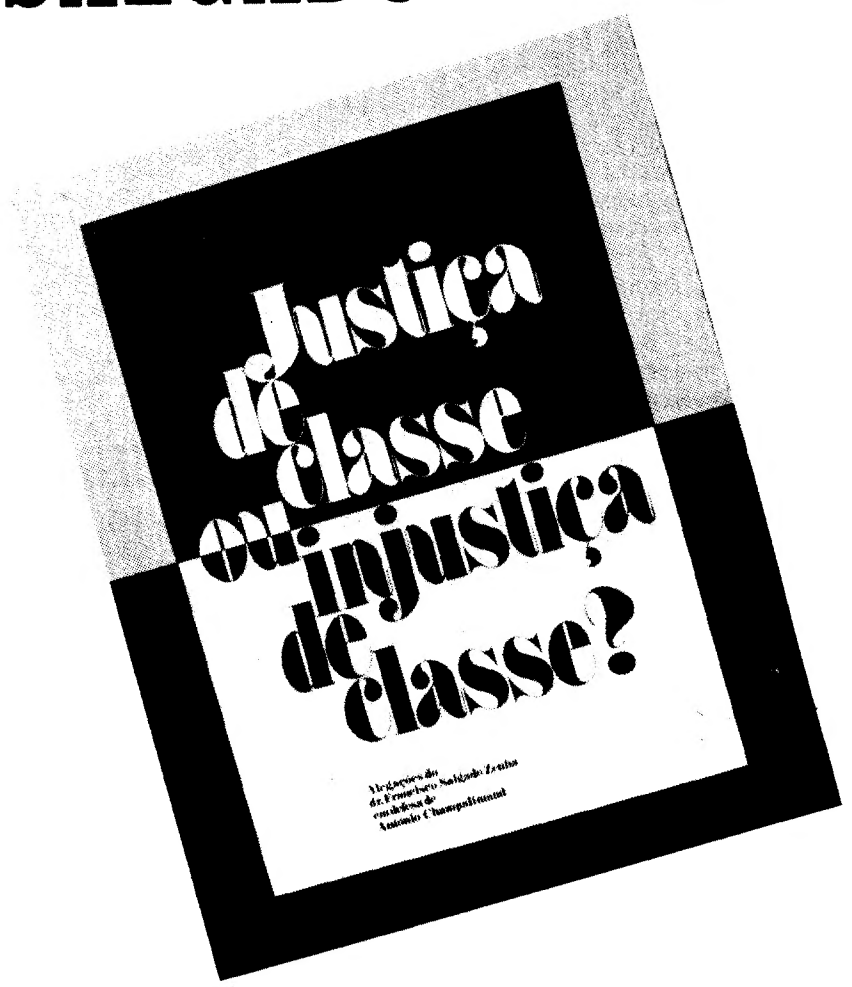
POLÍTICA

Um novo livro de

Oliveira e Castro

NAS LIVRARIAS

UM LIVRO DO DR. FRANCISCO SALGADO ZENHA



Editado pela Renascença Gráfica, acaba de ser posto à venda o livro «Justiça de classe ou injustiça de classe?» em que o Dr. Francisco Salgado Zenha reúne as suas alegações no processo do industrial António Champalimaud.

Trata-se duma obra cuja leitura é essencial à compreensão dum caso que interessou todo o País e que ocupou os tribunais durante 14 anos.

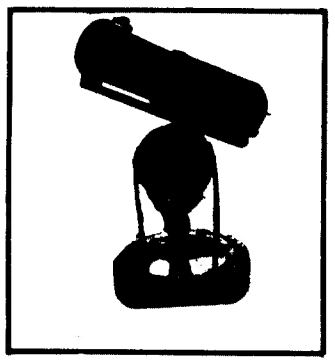
À venda em todas as livrarias

PEDIDOS À RENASCENÇA GRÁFICA

Rua Castilho, 185-1.º — LISBOA - 1

A CIÊNCIA E O HOMEM

por ANTÓNIO BAPTISTA



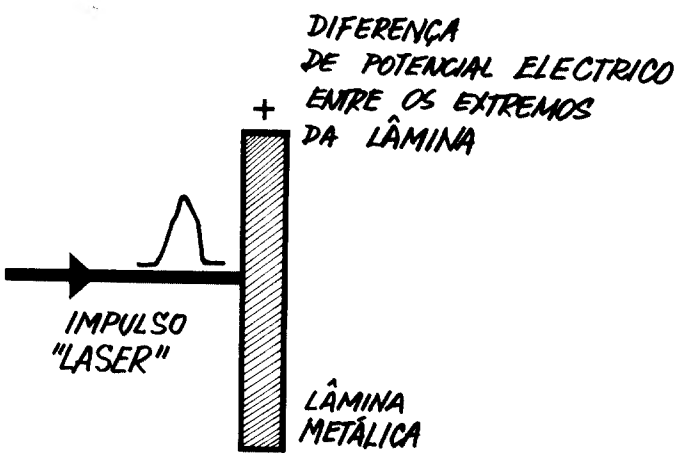
UM NOVO EFEITO OPTICO-ELÉCTRICO NA FÍSICA?

Embora só agora tivéssemos conhecido o trabalho, ele já foi publicado em Agosto passado na Applied Physics Letters a revista científica que serve para a publicação rápida de comunicações breves da Física Aplicada. Trata-se da descoberta dum novo «efeito» na Física o que é sempre motivo de celebração, pois, a confirmar-se, com certeza vai abrir caminho a uma série de investigações que levarão com certeza, neste caso, a muitas aplicações. Dois investigadores do Centro de Investigação Thomas J. Watso da I. B. M., Robert J. von Gutfeld e Eugene E. Tyman verificaram que, quando faziam incidir um impulso de luz laser numa película delgada metálica (molibdnio ou volfrâmio, por exemplo), se originava uma diferença de potencial entre os bordos da lâmina, de 50 milivolt a 1 volt.

Essa diferença de potencial tem contudo uma direcção que é perpendicular à direcção de incidência do raio laser (ver figura).

Os autores atribuem o efeito ao gradiente térmico que se estabelece entre as duas faces da lâmina metálica, pois a face da lâmina por onde penetra o feixe de luz laser fica a uma temperatura mais elevada do que a oposta. O que é surpreendente é que a diferença de potencial tenha uma direcção perpendicular a este gradiente térmico. Sabe-se, com efeito, que a condutibilidade térmica está ligada ao movimento de electrões no interior dos corpos. Assim, não é surpreendente que a um gradiente térmico, uma diferença de temperatura entre dois pontos, esteja associada uma diferença de potencial pois esta origina-se sempre que em dois pontos dum meio condutor existe uma diferença de concentração de electrões. O que surpreende, neste caso, é a direcção desta diferença de potencial ser perpendicular à direcção do gradiente térmico, do feixe de luz. Os autores pensam que o efeito se poderá explicar por distorsões microscópicas causadas por tensões formadas quando se deposita a película, ou deslocamento irregular dos átomos à medida que estes se vão depositando formando a película. Se o feixe laser for contínuo em vez de pulsátil, o efeito desaparece, o que indica que o gradiente térmico está na origem do fenómeno observado. O aquecimento da película metálica (até 200º C pelo menos) reforça o efeito.

Como é óbvio este efeito, seja ele novo, ou um efeito conhecido disfarçado, poderá ter aplicações, pois o aparecimento duma diferença de potencial associada a um impulso luminoso servirá para detecção deste e, portanto, é natural que possa ser empregado nas comunicações e numa nova família de detectores com variadas aplicações. Mas quem, como dizia Benjamin Franklin, poderá dizer para que servirá um recém-nascido?



O novo efeito: um impulso dum feixe de radiação «laser» origina o aparecimento duma diferença de potencial numa direcção normal à direcção de incidência. Se se invertesse o sentido da incidência da luz «laser», a diferença de potencial teria sinal contrário.

Os descobridores do novo efeito, Tyman e Von Gutfeld, mostrando uma película metálica onde observaram o efeito eléctrico dum impulso dum feixe «laser», e a imagem ampliada dessa película.

ANTOLOGIA

Do professor J. Thomson no seu livro «Introdução à ciência», **a recordação baconiana de ciência** «lucífera» **e ciência** «fructifera».

O homem, com as suas tendências intensamente práticas, acostumou-se de tal modo a colher os frutos da ciência que, facilmente, esquece que a ciência não pode prosperar se as suas raízes morrem. Por esse motivo, quando a crítica se lamenta do tempo gasto em estudar as minutas plantas marinhas enquanto do que «necessitamos é de mais trigo», ou em realizar investigações embriológicas em vez de criar viveiros de peixes; ou em decifrar os enigmas da Zoologia em vez de procurar mais carvão ou mais ferro, devemos responder, em primeiro lugar, de que nem só de pão vive o homem; em segundo lugar, que se deve ser paciente para assegurar os resultados que desejamos; em terceiro lugar, que a ciência é uma unidade, e a fundamentação teórica é-lhe essencial, se for seguida de aplicações práticas progressivas; e, finalmente, que a realidade nos ensina como a maioria das investigações teóricas menos prometedoras foram a origem das grandes descobertas práticas subsequentes.

Actualmente, como sempre quando é tão manifesto o entusiasmo pelos «resultados práticos», faremos bem em recordar a distinção estabelecida por Bacon, há aproximadamente quatrocentos anos, entre aqueles resultados da ciência que são luminosos (**lucífera**) e aqueles outros que possuem imediata utilidade prática (**fructífera**). Partindo desta distinção, chegava o filósofo à seguinte conclusão notável: «Assim como a visão da luz mesma é algo mais excelente e formoso que as suas variadas aplicações, é indubitável que a contemplação das coisas tal como são, sem preconceitos ou imposturas, sem erro ou confusão, é, em si mesma, algo de mais nobre do que todo um cúmulo de invenções.»

Representa uma estreiteza de vistas intolerável supor que a ciência possa ser julgada somente pelos seus frutos práticos e não pela sua virtude no esclarecimento da verdade.

PRINCÍPIOS DE ADMINISTRAÇÃO CIENTÍFICA APLICADOS... À SINFONIA INCOMPLETA DE SCHUBERT

Com a devida vénia, recolhemos esta lição do Suplemento de Educação Superior do «Times». É seu autor o vice-cancelário da Universidade de Liverpool, o professor Trevor Thomas, que parece ter surpreendido todos os seus ouvintes numa reunião em que se tratava de problemas da administração universitária, com a seguinte intervenção:

«Uma brigada especializada em métodos de organização e administração visitou a Universidade de Liverpool para inquirir sobre a eficácia ou falta dela do gabinete do vice-cancelário.

A visita coincidiu com um dos concertos da Real Orquestra Filarmónica de Liverpool a que sempre assistia o vice-cancelário. Nesta ocasião, contudo, ele não podia assistir ao concerto e, com a sua habitual generosidade, ofereceu o bilhete ao chefe da brigada, que nunca tinha assistido a um concerto ainda que tivesse recebido na escola a educação musical. A obra principal do programa dessa noite era a Sinfonia Incompleta de Schubert.

Na manhã seguinte, quando o vice-cancelário perguntou à sua visita se tinha gostado do concerto, com grande espanto viu que esta lhe entregava um relatório com duas páginas dactilografadas onde se lia:

1 — Durante períodos consideráveis, os quatro tocadores de oboé não tinham nada que fazer. O seu número deveria ser reduzido e o trabalho distribuido mais convenientemente pelo concerto todo, eliminando, assim, ontas de actividade.

2 — Todos os 12 violinos tocavam as mesmas notas. Isto parece uma duplicação desnecessária. O pessoal desta secção deve ser drasticamente reduzido e se, realmente se deseja um volume de som maior, isto pode ser obtido por meio dum amplificador electrónico.

3 — Gastou-se grande esforço em tocar semifusas. Isto parece um refinamento excessivo e recomenda-se que se recuza o valor das notas a fusas. Se isto se fizer, será possível usar estagiários e, até, trabalhadores menos especializados.

4 — Parece haver muitas repetições de passagens musicais. Nenhum objectivo se consegue repetindo com os metais uma passagem que já tinha sido tocada nas cordas. Se todas estas passagens redundantes forem eliminadas, a duração total do concerto que foi de duas horas, seria reduzida a 20 minutos e não haveria necessidade dum intervalo.

Além disso, se o compositor tivesse considerado estes pontos, possivelmente teria podido acabar a sua Sinfonia».

A NOTÍCIA, PREMATURA, DA MORTE DOS GRANDES CONGRESSOS CIENTÍFICOS INTERNACIONAIS

Recordamos hoje, as palavras de há alguns anos de J. H. Page: «Os Congressos Científicos Internacionais, com o seu movimento formalizado e «browneano», estão morrendo de degenerescência obesa. Podemos acrescentar que a agonia tem sido longa e não há sinais evidentes dum desenlace fatal próximo. Ontem, dia 20 de Outubro, terminou em Madrid mais uma dessas enormes manifestações, o XIII Congresso Internacional de Radiologia, em que participaram mais de dez mil pessoas. Este ano viu-se que a cidade de Miami já não tinha sequer as facilidades necessárias para a reunião anual da Sociedade Americana de Medicina Nuclear e os dirigentes anunciam que terão já em 1974 de se reunir numa das cidades americanas **especializadas em Congressos...**

É natural que as pessoas se interroguem: qual a utilidade real destas reuniões gigantescas que mobilizam meios fantásticos? Serão eles mais um dos meios de promoção turística disfarçada em motivações científicas? Ninguém poderá negar que a comercialização turística é um facto importante nestas empresas. E quem fala de turismo pode até ir até à propaganda política no sentido em que o país hospedeiro tenta utilizar as suas realizações científicas com este objectivo que nos atrevemos, forçando talvez, um pouco a nota, a considerarmos legítimo. Mas que ganha a ciência com toda esta «pompa e circunstância»? A resposta defensiva e tímida e que parece um pouco gasta já é que estes congressos interessam à comunicação entre os cientistas, e a comunicação está, efectivamente, na base da ciência. Se há uma característica comum evidente no homem de ciência, é o seu gosto de comunicar, de partilhar das suas experiências. E nestas reuniões que se forjam os laços fortes dos Colégios Invisíveis, através dos quais a comunidade científica marca o sentido de desenvolvimento da Ciência.

Estes Congressos deverão ser a oportunidade educacional para os jovens cientistas se iniciarem nos ritos da vida científica e podem servir para desmitificar a Ciência. E através de perguntas pertinentes (e impertinentes por vezes) melhor do que pela leitura de trabalhos que se podem observar as fendas e falhas das construções científicas, o seu carácter necessariamente imperfeito, inacabado sempre. Quando um autor, incarnado, visível e exposto, discute um tema, aquilo que torna a vida científica tão atraente que é a vida do cientista por detrás dela, torna-se evidente. Não temos dúvidas que o grande Congresso ainda tem as suas funções únicas a desempenhar, até, se acontece realizar-se num país pouco desenvolvido cientificamente para dramatizar o ramo da ciência de que se ocupa, influenciando o seu povo e as autoridades competentes. Mas, naturalmente, que tem de haver um embrião já notável no país hospedeiro para que essa acção se possa prolongar no tempo. Caso falte esta condição, então, na verdade, o Congresso Internacional é actividade circence em que os que se divertem são os seus componentes à custa dos palhaços que assistem. Pode alguém, nos seus sentidos cabais, explicar qual o interesse para o nosso País na realização dum Congresso Internacional de Medicina Astronáutica, por exemplo?

Ao nível profissional ninguém terá dúvidas que a pequena reunião de especialistas é muito mais produtiva e é a que importa fomentar. O que se deve lamentar nos grandes congressos é que alguns, como este de Radiologia de Madrid, perderam a sua unidade pela fragmentação das especialidades que englobam, neste caso a Radilogia propriamente dita, a Radioterapia, a Medicina Física e a Medicina Nuclear. Estes estão condenados, não por degenerescência obesa, mas por desarticulação do seu sistema nervoso central. Importa, por isso, salvar deste perigo as grandes assembleias mundiais da Ciência, que são os congressos científicos internacionais.

CARTA DO BRASIL

CHIANCA DE GARCIA

CONVERSA COM PRÓS E CONTRAS

A renomada Bienal de São Paulo que ao longo da sua existência deu motivo a várias destas Cartas do Brasil, e que, na sua mostra inicial, em 1961, tinha revelado ao Brasil a História da Pintura Contemporânea, dá-nos agora, no seu 12.º ano, e após toda a espécie dos mais variados ismos plásticos, um tema diferente: a comunicação.

Já no último decénio, a pintura saíra das molduras virando objectos acabando mesmo por tomar conta do espaço físico da Bienal, com aquilo a que se dá o nome de **Arte Construída.** Estamos portanto completamente distantes do que, em 1961, se entendia por artes plásticas.

A revolução é total. No entanto o público compadece, admira, e o que é essencial, admite e aceita. São mutações da estética.

PRÓS E CONTRAS __ 1

No campo da arte existiu sempre um desejo de reformulação. Facto de modo algum isolado. Pois segundo é fácil de verificar também a Poesia procura novas estruturas. Aí estão os vários concretismos, **praxis,** processos e tropicalismos, tentando no Brasil novas fórmulas. O mesmo sucede com a música. E isso demonstra que se procuram destruir velhos **tabús.** Eis a razão, leitor, desta conversa de hoje, que começa com esta interrogação: __ Na arte da prosa continuaremos a ser escravos do passado?

E repetindo Luís Valmor, o autor de Floresta em Chamas, acrescenta: __ Continuará o português do Brasil a **não ter fóros de idioma autónomo?**

Não, leitor, não franza a testa porque vou falar-lhe com palavras alheias...

E voltando a Luís Valmor (23 anos): __ A linguagem brasileira terá de ser eterna borboleta presa com um alfinete nas pranchas dos especialistas? Porque não havemos de aceitar que novos signos estão modificando o valor da linguagem?

PRÓS E CONTRAS

Tenho trinta anos de contacto com o português do Brasil. Gosto de usá-lo. Menos agora do que no começo desta correspondência dominical. Explicarei mais tarde. Ou nunca? O que eu penso é que o português tradicional se acomodou a uma característica que é nossa, a da intolerância, enquanto que eu, neste lado do oceano, ganhei um contacto vivificante com o que há de mais expressivo na linguagem coloquial do Brasil. O que me permitiu escrever para os palcos populares do Brasil. E disso viver.

Português do Brasil, português de Portugal. O que nos separa, no fim de contas? Andei então relendo os professores Celso Cunha e Adriano da Gama Koury:

__ O que é afinal a linguística?

PRÓS E CONTRAS __ 3

A linguística no Brasil só agora começa a ser ciência. Sim. Ciência, que não mais quer aceitar os dogmas prescritivos dos chamados mestres do idioma. Entende-se que a linguagem deve ser estudada no próprio presente, isto é, no seu funcionamento independente, e não em raízes históricas. Enfim, a linguagem tem de fixar-se na realidade que cerca o ser humano e o leva a encontrar os próprios signos orais. Signos que têm por fonte a etnologia, a antropologia, a psicologia e outras ciências afins, sem esquecer a sociologia.

PRÓS E CONTRAS __ 4

Bem, o leitor sabe disso. Por certo através dos seus vizinhos da França, Merlean-Ponty ou Levi-Stauss, que também discordam de que a linguística tenha de obedecer à gramática.

PRÓS E CONTRAS __ 5

No Brasil Celso Cunha é uma autoridade. Claro, sou apenas um curioso. Mas, como sabem, gosto de trazer para estas páginas debates com interlocutores rebeldes às normas do convencional. O que faz que muitas coisas se percam nas entrelinhas, ou nas linhas dolorosamente omissas.

PRÓS E CONTRAS __ 6

Reconheço com mágoa que a maneira culta de se escrever em Portugal não mais corresponde à linguagem coloquial do Brasil que, aliás, os portugueses aceitam com agilidade, e compreendem com risonho agrado, embora entendam que no Brasil se fala um português gostoso, __ mas errado.

Em contrapartida, dizem os mestres brasileiros da linguística como ciência:

__ Não há erro, não. Apenas o português do Brasil tem uma estrutura própria cada vez mais afinada com o seu **status** social. Porque, na verdade, tudo se impõe. O meio. A natureza. O envolvimento físico. As solicitações do desconhecido. O progresso técnico. A realidade. E até o sobrenatural. O meio é que faz a língua. Há, no Brasil, palavras portuguesas que têm, aqui, um sentido completamente diverso. São as mudanças dos tempos, a que se dá o nome de **diacronia.**

PRÓS E CONTRAS __ 7

__ Então indaguei, onde estão as regras, as leis, do português do Brasil como língua autónoma?

__ Certo. A situação é ambígua porque ainda não estão fixados os padrões fixos da nossa linguagem. Mas tudo virá a seu tempo. O assunto está sendo pesquisado do norte ao sul do país. E não está longe o dia em que será publicada a **Norma Oficial da Linguagem Urbana do Brasil.** A nossa verdadeira carta de alforria. Ela fixará finalmente uma maneira nacional de escrever onde os brasileiros possam pisar com firmeza fugindo de vez às regras normativas da língua portuguesa...

__ Quer dizer...

__ Que no Brasil nem o povo, nem os artistas, consentem em que se petrifique o idioma. Com a nossa linguagem padrão, eles irão buscar o colorido e o imprevisto na pura oralidade nacional.

PRÓS E CONTRAS __ 8

Tudo isto, creio, pode parecer a vocês, em Portugal, um tanto utópico. Mas não é bem assim. Ainda recentemente nas selectas escolares para o ensino de **bem escrever** ofereciam-se aos alunos textos na prosa bem comportada de Machado de Assis, de Euclides da Cunha, de Rui Barbosa, de Joaquim Nabuco. Isso acabou. Os textos que são escolhidos, hoje, para esses compêndios recaiem especialmente sobre o trabalho dos cronistas que escrevem na Imprensa, com harmonioso encanto, no tom quotidiano e oral que começa a formar o tipo padrão do **português do Brasil,** a que os estruturalistas da linguagem querem dar unidade nacional.

BREVE DOCUMENTÁRIO

E para distraí-los, estes exemplos do prof. Koury:

__ De futuro não será erro escrever: Me dá, me empresta, tou nessa. De futuro os alunos não hesitarão em escrever: **custou-me a fazer** quando o mestre quer que ele diga: **custei a fazer.** Ou: __ digo **entre mim e ele,** ou **entre ele e eu?**

É isto que, de significado tão evidente, eu tenho usado nestas páginas de várias formas:

__ Se você passar no exame **(pausa. E depois com grande esperança nos olhos)** tu vais ganhar um automóvel.

Para correspondência: Rua Fernando Mendes, 28 __ Apartamento 308 Copacabana __ G. B. Brasil

PORTO SANDEMAN

Sandeman recomenda os seus vinhos **Partner's** e **Clipper**.
Partner's é um Porto Ruby-velho, muito melhor Porto **Clipper** Branco Extra-seco aperitivo simples, "on the rocks", com soda ou agua tonica
Deliciosamente refrescante
Não ter **Porto Sandeman** - esquecimento desastroso! Perigosissimo! Para o seu bom gosto

TRIBUNA LIVRE

JOÃO MANUEL DE ABREU FARIA

PANORÂMICA DA REFORMA EDUCATIVA

Um dos pontos fulcrais da Reforma Educativa promulgada e que passou quase despercebido da Câmara Corporativa e da Assembleia Nacional é o carácter **demasiadamente estrangeiro e tecnocrata** de que está imbuída, profundamente, toda a Reforma e também das delicadas implicações que do facto resultaram. A década de 60 foi fértil em experiências pedagógicas e a maioria das nações da Europa aceitou como bom o princípio da aplicação das leis da Economia à Educação. A O.C.D.E. e a U.N.E.S.C.O. tomaram a seu cargo, concedendo avultados subsídios, a formação de técnicos especializados, elaborando planos de reoganização de Ministérios da Educação, bem como de estudo e conteúdo das matérias e, nada, no ensino, ficou fora da influência da nova ideologia economista. Nos lugares de comando foram colocados especialistas em finanças e outros técnicos de economia, inteiramente alheios à escola.

Decorridos alguns anos os técnicos ficaram, completamente, desiludidos com «a máquina da educação» sonhada que não era a galinha que punha ovos de ouro que todos esperavam. Erros de várias ordens foram cometidos nestas arriscadas e esterilizantes experiências. Educar é mais alguma coisa que desenvolver meios de «produtividade» para assegurar a «rendibilidade» de um «capital» empregado.

Educar é, primeiro que tudo, procurar aumentar a capacidade do homem e fazer o enriquecimento da pessoa humana e, como consequência, desenvolver as suas aptidões para as pôr ao serviço da sociedade em que vive. A falência das experiências realizadas foi, honestamente, confessada pelo antigo director do Instituto Internacional de Planeamento Educativo, o sr. Coombs ao afirmar: «a inutilidade da educação actual»! Ora, é este o panorama das falhadas reformas espanhola e francesa sobre as quais a Reforma Educativa Portuguesa (L.G.R.E.S.e P.S.E.), solidamente se apoiou e seguiu muito de perto.

Parece da maior oportunidade a citação das palavras do senhor Presidente do Conselho de Ministros, proferidas na TV, no início de 1971, numa das suas habituais «Conversas em Família».

«Quase todos os países estão agora a ensaiar reformas de ensino; e há modas lançadas de uns para os outros na pedagogia como nos vestidos femininos. Que bom seria se fossemos capazes de pensar pelas nossas cabeças os problemas que nos preocupam, sem nos deixarmos impressionar por essas modas só porque o são! Até porque não tardará muito que a prática nos países que primeiro se aplicaram possa elucidar-nos melhor sobre o que fica delas e o que passa, poupando-nos a ensaios arriscados com o seu inevitável custo económico — e até custo humano!»

É caso para perguntar: — Se a Assembleia Nacional e a Câmara Corporativa tivessem estudado, cuidadosamente, tão magno problema nacional, e reflectido uns instantes sobre o evidente silogismo implícito nas palavras do economista citado e nas do sr. Presidente do Conselho, teriam hesitado em reprovar esta base fulcral da Reforma?!

Cientificamente, uma experiência falhada em determinadas condições nunca mais se repete, em idênticas circunstâncias!

RIGIDEZ DO PROJECTO DA REFORMA

O projecto da Reforma Portuguesa é bem acabado de mais! Não deixa a possibilidade de se introduzir no quadriculado do seu xadrez novas casas que a experiência própria e alheia, neste momento, já, sobejadamente aconselhariam. Refiro-me a uma plasticidade do tipo da tabela periódica de Mendeleeff, onde existem espaços vazios aguardando a descoberta de novos elementos, cujas propriedades terão de ser análogas às dos vizinhos. Por esta razão e, dentro do quadro promulgado, torna-se bastante difícil resolver os problemas universitários, como sejam o da «Autonomia», da «desmassificação da Universidade», do «Ensino Permanente», etc. Por exemplo, por que razão se torna tão difícil reorganizar o Ensino Superior das Belas-Artes e das Artes Aplicadas? Em primeiro lugar porque os cursos complementares dos liceus artísticos (com os liceus técnicos sucede a mesma coisa) ainda não se encontram, convenientemente, estruturados e depois porque no projecto da Reforma não existem escolas do tipo das chamadas «Junniors-Colleges», artísticas, do ensino médio superior, não-universitário, que possam formar bons profissionais de cinema, «design», fotografia, etc., aproveitando aqueles a quem falte centelha para ingressar em estudos superiores artísticos, ao nível da universidade.

E não se confunda a plasticidade de que vimos falando com a «permeabilidade» de que o projecto fala, com os seus muitos corredores e portas, algumas das quais falsas, justamente com esta facilidade que permitiria introduzir ou suprimir ramos novos, sem quebra de continuidade ou sobreposições inúteis, quando a necessidade o aconselhasse, como é o caso atrás referido.

A UNIVERSIDADE DE MASSAS

Tema largamente debatido na Assembleia, foi igualmente mal equacionado pelo Governo e pela Câmara Corporativa e, portanto, mal resolvido por a Assembleia Nacional. Infelizmente, têm aqui pleno cabimento as palavras de S. Ex.ª o prof. doutor Marcelo Caetano «não nos poupando a ensaios arriscados...» e a situações delicadas como, infelizmente, está a suceder nas reformas espanhola e francesa que nos serviu de modelo.

O que é de lamentar é que depois de «a prática nos países que primeiro se aplicarem possa elucidar-nos melhor...» nos ter dado a conhecer os seus insucessos, persistamos em não os seguir no rumo certo!

A «Universidade de Massas» é um absurdo, por injusta e insensata que pareça tal afirmação. A injustiça, se é que de injustiça se pode falar, é a realidade indesmentível de sermos, intelectualmente, todos diferentes. A Universidade foi, é e será, sempre, uma escola de elites!

Elite de inteligências e de aptidões que não carece de privilégios nem de favores de ninguém. O que é preciso é que ela seja verdadeira e que haja quem a descubra onde ela existe, que se cultive com o maior desvelo e que, finalmente, se saiba pôr ao serviço da Nação. E, então, a tal injustiça de não irem todos para a Universidade?! Será atentatória contra a «democratização do ensino»? Será que nos países socialistas a Universidade é uma «Universidade de Massas»? Bem mal avisados andam os que assim pensam.

Injustiça é, efectivamente, quando como no caso da nossa reforma não há outra alternativa ou ir para a Universidade ou limitar-se a ficarmos com o curso do liceu, que como é tradicional entre nós, serve para tudo e, na verdade, para a vida prática, não serve para nada!

As escolas inglesas e americanas resolveram, muito habilmente, este problema com as escolas de ensino médio superior, não universitário, que em dois ou três anos habilitam para as mais variadas profissões, aliás condignamente remuneradas. Desta forma o Estado oferece a todos os indivíduos iguais oportunidades de acordo, exclusivamente, com as suas capacidades intelectuais, o que realmente será admirável se as condições básicas, económicas e sociais de cada um, estiverem garantidas. Será assim na nossa reforma?

Da aprovação desta base resultariam benefícios de incalculável valor para a universidade como sejam a resolução dos problemas: «Desmassificação da Universidade», «Autonomia», «Investigação Científica», «Disciplina», etc., etc. Não se pode, à sombra de uma falsa democratização do ensino, atirar para as universidades com uma legião de ineptos e esperar o milagre da transmutação das inteligências! O resultado traduz-se, necessariamente, numa desorganização dos serviços, na impossibilidade de regularizar a docência e, portanto, na confusão, na indisciplina, nas reivindicações justas e injustas, num permanente clima de tensão e indisciplina e violência.

AUTONOMIA PEDAGÓGICA

A autonomia pedagógica que, aliás, a Carta Orgânica do M. E. N. preconiza não se libertou do vínculo tecnocrata que está na origem da Reforma Portuguesa. A Reforma não diz respeito, exclusivamente, a escolas, a professores, a métodos, a instalações e tantas outras coisas inerentes ao ensino.

Respeita, também, aos «órgãos de comando», de «concepção» e «apoio» definidos e estruturados noutro diploma, à semelhança de figurino estrangeiro. Na imensidade de departamentos em que o Ministério ficou estruturado: Direcções-Gerais, Serviços, Sectores, Divisões, Secretariados, Relações Públicas, etc., à frente dos quais se encontram, nos pontos-chave, especialistas em economia, finanças, engenharia, agronomia, farmácia e, até, em pedagogia. Na referida lei especifica-se, com o maior cuidado, que se adopta a «estrutura horizontal» do Ministério «baseada na diferenciação necessária da pedagogia e da **gestão** educativa acrescentando, ainda, para garantir «a continuidade e interpenetração dos diversos ramos e fazer vingar uma **racional ordem de comando**».

Teoricamente, os críticos e censores do projecto acharam bem tão ambicioso e lógico fim, esquecendo-se, lamentavelmente, de que os circuitos educativos não são análogos aos circuitos económicos, pois que nos primeiros estão em causa valores de finalidade, nos segundos, apenas interessam os valores de produção. As leis e os princípios, em pedagogia, investigam-se e fazem-se na escola, não se descobrem nas Direcções-Gerais, não são «ordens racionais», são normas de Ciências da Educação que evoluem e não podem aplicar-se com carácter rígido, a todas as escolas e com a mesma receita. Há doentes e não doenças! De tais desacertos teríamos de concluir da inutilidade dos médicos, pois bastaria receitar para cada doença o mesmo medicamento! Igualmente, para cada ano escolar a mesma receita — as mesmas «ordens racionais» e alguns mandatários para as fazer cumprir e não haveria mais a praga dos professores. Mas, à frente das Direcções-Gerais-Pedagógicas (!) há, na verdade, alguns pedagogos distintos. Esquecem-se de que um professor sentado dias e dias a uma secretária a redigir e transmitir «ordens racionais» em série deixa de ser o mesmo educador que era quando na escola dava as suas lições, quando estudava, fazia a sua investigação pedagógica, etc. A mentalidade deste professor acaba por ser destruída e triturada pela pesada engrenagem da tecnocracia. Positivamente, os liceus em Portugal são organismos sem pulmões! Há uma **asfixia pedagógica total** com as «ordens racionais» e contra-ordens em que os reitores desempenham uma acção pedagógica passiva e servem, apenas, de fiéis transmissores e fiscalizadores de ordens recebidas. O reitor é, apenas o «funcionário-chefe» e não o educador por excelência do liceu.

Quando se fala tanto na democratização do ensino, não seria oportuno que os reitores dos liceus fossem indicados pelos respectivos conselhos escolares dos diferentes estabelecimentos? Poderá haver obra pedagógica válida sem o chefe de uma equipa de trabalho ter a confiança plena de todos os seus colaboradores?

FRACA QUALIDADE DE ENSINO

Será um diletantismo académico, com intuitos de propaganda eleitoral, afirmar que a má qualidade de ensino de lés-a-lés de Portugal, está a tomar uma feição gravíssima, ou será de facto uma realidade que se vê crescer a todo o momento? Mais uma consequência das reformas tecnocratas: ganha-se em extensão do ensino o que se perde em qualidade, formação docente acelerada, programas e livros improvisados, deficientes instalações escolares, professores mal preparados, etc., etc.

Até onde será possível levar uma tal extensão do ensino à custa da sua qualidade sem comprometer, irremediavelmente, todo o sistema escolar?! Há que analisar duas situações diferentes: na primeira há que atender às perturbações transitórias e progressivas devidas à inserção da Reforma. Estarão neste momento todas as escolas criadas, a funcionar com todos os seus professores? Admitindo a resposta afirmativa, o que é muito pouco provável, outra surge, igualmente importante: quantos desses professores possuirão as condições mínimas para o bom desempenho das suas missões? Em certo liceu de Lisboa com 100 professores em exercício, apenas 6 são professores efectivos do quadro, estando mais 10 efectivos em exercício, em comissão, mas pertencentes aos quadros de outros liceus!

Quando em Lisboa é esta penúria de professores qualificados o que será por essas províncias de Portugal?!

Analisemos, agora, rapidamente, o que a Reforma nos oferece para o futuro em relação aos professores do ensino secundário.

Para os professores do Ciclo Preparatório a efectividade de serviço pode atingir-se por três vias diferentes: professores do ensino primário com dois anos de serviço, bacharéis e licenciados, correspondendo a todos igual vencimento, para os do liceu é obrigatória a licenciatura, correspondendo um vencimento sensivelmente igual ao daqueles.

Se as condições mínimas de habilitações podem ser consideradas as do ensino primário por que razão nos havemos de dar ao luxo de esbanjar bacharéis e licenciados, como professores do ciclo, havendo tanta necessidade deles noutros graus de ensino? Na penúria de professores qualificados em que nos encontramos, perder 3 ou 5 anos na preparação docente representa uma sangria de potencial humano altamente prejudicial para a Nação.

Mas, o pior de tudo, como se torna evidente, é um verdadeiro desastre para a qualidade do ensino, visto que podendo obter-se as mesmas regalias e o mesmo vencimento com menos estudo e com menos trabalho, ninguém mais se aventurará a licenciar-se, ou tirar o bacharelato, para ser professor do ciclo!

O mesmo problema persiste em relação aos professores do curso complementar dos liceus, que têm a mesma preparação dos do curso geral, e com exigências completamente diferentes, no ensino. Para o curso complementar as habilitações mínimas terão de ser as de uma licenciatura no ramo científico, única que é digna deste nome. A «licenciatura» no ramo educacional é um engano! Trata-se de um baptismo de um simples bacharelato, uma das tais portas falsas de que falei, que existem no projecto.

Outra causa do abaixamento da qualidade do ensino é a Telescola como está a ser usada entre nós. Quando usada como um meio directo, no ensino, antes dos 15 anos, tem como efeito uma poderosa degradação do ensino. É uma das características

Continua na pag. 17

SURDOS

A directora ILDA SANTOS

CASA SONOTONE

Chegou de Londres a Directora Ilda Santos, acompanhada de sua filha Eng.ª Ilda Capinha, seu sócio Sr Gastão de Oliveira e sua esposa D. Emília de Oliveira, onde foram assistir ao Congresso de Audiologistas que ali se realizou, a fim de estarem sempre na vanguarda das novidades acusticas para bem servir todos os que necessitarem de corrigir a sua audição. Se precisarem dos nossos serviços, proporcionamos exames e demonstrações que são gratuitas, prestamos assistência técnica permanente a todos os aparelhos, sejam ou não vendidos por nós, de qualquer casa ou marcas. Vendemos pilhas de todas as voltagens. LARINGES ELECTRÓNICAS para os que não podem falar. Esperamos a vossa visita com um grande OBRIGADO em

LISBOA — Poço do Borratém, 33, S/L — Telef. 868352
PORTO — Praça da Batalha, 92-1.º — Telef. 02-35602
LUANDA — Largo Luís Lopes Sequeira, 2-2.º A — Telef. 38381

SILENO — Sociedade Distribuidora de Bebidas, Lda.

(MUDANÇA DE SEDE)

Tem o prazer de informar os seus clientes e fornecedores que, a partir do dia 25 de Outubro, os Escritórios da sua Sede serão transferidos do Largo do Corpo Santo, 6-1.º, para a:

AVENIDA INFANTE SANTO, 25-2.º ESQ.º
LISBOA-3

Semana Internacional

PARA QUEM...

por A. VILLAVERDE CABRAL

Para quem tenha presente que, não há muito, seis milhões de judeus foram friamente assassinados por essa Europa fora é natural que sinta simpatia pelo Estado de Israel na sua luta contra os árabes; para quem, lendo os jornais, se aperceba que, em Israel, o Governo é eleito, existem partidos políticos de todas as tendências, liberdade de Imprensa, não será difícil estabelecer um fluxo de simpatia com o Estado de Israel, uma vez que, nos países árabes, muito poucas vezes se verificam estas condições de alguma liberdade; para quem veja o Estado de Israel, pequeno e pouco populoso, cercado por países hostis, muito maiores e com muito mais gente, fácil se torna tomar o partido do mais pequeno, assim como se se tratasse de um Benfica-Cascalheira.

Porém, para quem atente nas fotos da guerra e note como a infantaria israelita é toda escura e os generais têm todo o ar de ocidentais loiros e bem constituídos, algumas dúvidas se poderão começar a levantar; para quem saiba que só se pode adquirir a cidadania de Israel se se professar a religião judaica e, além disso, se provier de um ventre judeu (não basta o pai), o Estado de Israel começa a surgir como demasiado dogmático em matéria de religião e, sobretudo, na forma como a religião comanda os destinos do Estado; para quem souber que o «milagre» económico de Israel se deve na sua maior parte à ajuda que o país recebe dos grandes capitalistas sionistas que proliferam um pouco por toda a parte, o «milagre» deixa de o ser; para quem souber que Israel recebe auxílio, tantas vezes gratuito, dos Estados Unidos, ao mesmo tempo que os capitais americanos retiram dos países árabes um dividendo, que reexportam para sua casa, da ordem dos 65,4 (!) por cento do capital investido, então a simpatia pode começar a ser outra; para quem se lembrar dos dois milhões de palestinianos que vivem em tendas de campanha nas piores situações de miséria, devido única e exclusivamente ao facto de os israelitas terem conquistado _ à moda da Idade Média a sua pátria, melhor será o entendimento da luta desses escorraçados e, até, o entendimento do seu desespero.

O conflito israelo-árabe _ como aliás todos os conflitos não é esquematicamente simples como muitos o pretendem mostrar. Se a esmagadora maioria dos regimes árabes, por exemplo, está longe de ser progressista, o de Israel não o está menos.

Na verdade, além das discriminações religiosas já apontadas, Israel é, de facto, um dos Estados mais racistas que hoje se podem ver no mundo. Aquilo que judeus sofreram às mãos dos seus algozes nazis, estão, salvaguardando as devidas proporções, os israelitas a fazer aos palestinianos, sem que mesmo faltem os campos de concentração. Como que seguindo as pisadas do regime de «apartheid» de Pretória, o capitalismo israelita também utiliza a mão-de-obra barata dos árabes que, vivendo em zonas perfeitamente delimitadas, vão trabalhar para as áreas brancas, perdão, judias. Muitas vezes, esses trabalhadores só regressam a casa para verem a mulher e os filhos no bantustão, perdão, na aldeia árabe, ao fim de uma semana.

A população do Estado de Israel pode dividir-se em três grandes grupos: os judeus originários da Europa e da América, os judeus asiáticos e os árabes. Destes três grupos, evidentemente, aquele que detem o poder é o que veio da Europa e da América. Por outro lado, aquele que arca com os trabalhos mais pesados, tal como os imigrantes nos países europeus de capitalismo desenvolvido, são os árabes. (Abra-se aqui um parêntesis para dizer que estes árabes são imigrantes na sua própria terra. Muitos foram pura e simplesmente expulsos das terras de que arrancavam o seu sustento. Nessas terras estão hoje, talvez, modelares «kiboutz»...). Os judeus asiáticos, hoje 50 por cento da população judaica, mas em permanente declínio devido à imigração dos europeus, estão atirados para aquela triste situação em que se encontravam os plebeus romanos: grande percentagem de desemprego, desenvolvimento da criminalidade. São eles que, em números cada vez maiores, constituem o que se chama hoje o **lumpenproletariado.**

A destruição na solidão do deserto

Um prisioneiro israelita

Moshe Dayan na frente

A situação destes plebeus judaicos é tão grave que, nas últimas eleições sindicais, surgiu com algum apoio, pela primeira vez, um partido exclusivamente de judeus asiáticos: os «Panteras Negras» (até o nome escolhido é significativo). Se a guerra o permitir, os israelitas irão às urnas no próximo dia 28. Antes do conflito armado rebentar em grande, não se esperavam grandes alterações além de um aumento do apoio aos «Panteras». Agora, será provável que a direita venha a obter alguns ganhos, pois a defesa é um aspecto em que os israelitas são muito exigentes. Diga-se ainda, para quem julga ser grande a participação dos israelitas na elaboração da política do seu país, que nenhum partido se arriscou a utilizar o pavilhão dos desportos de Telaviv _ o que noutros locais do mundo seria por muita gente desejado , pois era certo que a casa ficaria às moscas o que nunca se verificaria nos tais outros locais.

O ELOGIO

Transcrição sem comentários de um telegrama da Reuter de 19 de Outubro de 1973:

. O almirante Huerta (ministro dos Negócios Estrangeiros da Junta Militar chilena), durante a sua conversa com os jornalistas, teve palavras de elogio para a atitude do Governo chinês em relação ao Chile após o golpe militar.

«A sua atitude para com o nosso país tem sido excelente» disse o almirante, recordando nomeadamente que a delegação chinesa, ao contrário das delegações de outros países, não abandonou a sala quando ele próprio falou na Assembleia Geral da ONU, a 9 de Outubro, para apresentar a justificação oficial da junta para o golpe de Estado que derrubou o Governo de Unidade Popular.

«Por outro lado, as autoridades de Pequim comunicaram já ao embaixador chileno naquela cidade, que se mantêm fiel ao (ele, o embaixador) regime deposto, que deixaram de o reconhecer como representante oficial do Chile».

PRESER
uma ponte entre empresas
Av. Infante Santo, 65, 6ºEsqº Lisboa 3 - TELEF.-674191/2/3

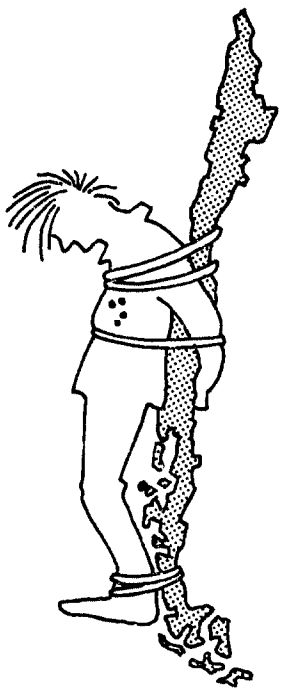
DOSSIER INTERNACIONAL

CHILE:

A NORMALIZAÇÃO MILITAR PASSA PELA DESPOLITIZAÇÃO

VALPARAÍSO — **«Não é para me gabar, mas fizemos um bom trabalho».** O almirante Arturo Troncoso, director do pessoal da I Região Naval e um dos principais planeadores do **putsch**, com os seus galões novos, enterra-se na sua poltrona de coiro: — **«Na véspera à noite** — conta ele — **as licenças foram suspensas e a tropa mantida nas casernas. Às seis horas do dia 11, tínhamos o controlo de toda a cidade e dos subúrbios industriais. Eu estava pessoalmente encarregado das comunicações, e desde um pouco antes da hora H, a cidade e a província de Aconcágua estavam já completamente isoladas do resto do país. Não encontrámos resistência e praticamente não disparámos um só tiro. Dois dos nossos foram mortos, um deles por acidente, e mortos foram mais quatro ou cinco extremistas. Foi apenas três dias mais tarde, a 14, que os franco-atiradores atacaram duas casernas e um hospital em Vina-del-Mar. Depois, mais nada.»**

Valparaíso está em calma aparente. A Marinha, a mais resoluta das três armas, mantém o domínio sobre o seu feudo. O contraste é, aliás, chocante com Santiago, que continua a ser um foco de extrema tensão. Não vimos barragens militares nem soldados na estrada que desce, em declive suave, durante uma centena de quilómetros até à costa do Pacífico. Podemos distender-nos à vontade na contemplação destes verdes vales entremeados de pequenas casitas de madeira voltadas às pequenas culturas. Atravessa-se uma plantação de pinheiros e eucaliptos, e, num desvio da estrada, entre duas colinas abruptas, aparecem as primeiras casas de Valparaíso, agarradas ao flanco das encostas. Ao longe, o mar, que cintila ao sol.



Desenho de Plantu.

Do seu gabinete, o almirante pode ver as longas filas de espera dos habitantes que vêm declarar às autoridades municipais as armas de fogo que possuem. Sorri por trás do fumo do seu cigarro. **«Fizemos o que a grande maioria do povo queria que fizéssemos. Não queríamos destituir o Governo, mas apenas obrigá-lo a mudar de política. Os marxistas tinham atingido o limite, mergulhando o país no caos económico e provocando a sua divisão em dois grupos irreconciliáveis, o que punha em perigo a segurança do país. Os partidários de Allende preparavam-se para nos liquidar, e se nós não tivéssemos assumido a iniciativa teria sido a guerra civil».**

Profundamente hostil à Unidade Popular e cheia de admiração pelos Estados Unidos, a Marinha preparava o seu «golpe» de há longa data. Não esperava de facto, senão pelo apoio das outras duas armas e dos «carabineiros», acumulando argumentos a seu favor: importações clandestinas de armas e de munições detectadas pelos serviços de informação, participação activa de elementos estrangeiros, cubanos entre outros, infiltrações marxistas em certas unidades navais, ingerência de homens políticos do Partido Socialista: em suma, coisas destinadas a fazer perder a paciência aos generais. Os planos estavam preparados, tal como as listas dos extremistas a abater. **«Detivemos mil e quinhentas pessoas em toda a província de Aconcágua»** diz-nos o almirante Troncoso, **e há outras tantas ainda a pôr à sombra. Todos os dias, procedemos a novas prisões que vêm engrossar o número de pensionários do Lebu, um cargueiro ancorado no porto. Todos os prisioneiros serão levados perante os tribunais militares, cujos membros são, na sua maioria, advogados da Marinha».**

Todos aqueles a quem as autoridades permitem expressar-se, exultam, e as autoridades permitem que se expressem aqueles que exultem. Autorizado a reaparecer a seguir ao golpe de Estado, o muito conservador **Mercúrio**, orgão gémeo do diário da capital do mesmo nome, anunciava na primeira página em letras azuis: «Depois de se ter rendido, Allende suicidou-se». Dos industriais aos criadores de frangos, passando pelos **chauffeurs** de táxi e pelas damas de caridade, todas as forças vivas da província fizeram publicar nesse jornal, que festejava o seu quadragésimo sexto aniversário, comunicados em glória das forças armadas. O próprio arcebispo, monsenhor Emilio Tagle Covarrubias, lhes agradeceu por **«terem libertado o Chile dos gravíssimos males económicos e morais que o afligiam».** Aqui, as lágrimas, os agravos e as lamentações foram abafadas.

E agora? O almirante Troncoso, que manifesta um gosto pronunciado pelas questões políticas, arde por terminar a **«operação de limpeza». «Temos as vistas largas** — diz ele — **mas na administração e sobretudo na Universidade, temos que nos desembaraçar de todos aqueles que agiram segundo critérios políticos. Os simples militantes dos partidos marxistas poderão conservar os seus empregos, mas ficarão sob observação. Os simpatizantes não serão incomodados.»**

«Não somos, conclui, **um governo militar para os militares, somos um governo nacionalista, que aspira ao progresso de toda a nação».**

O almirante abomina os marxistas — põe as suas teorias entre as doutrinas «caducas» — e gaba os méritos dos dirigentes dos «grémios patronais».

A CUMPLICIDADE DOS GRÉMIOS

É, aliás, o primeiro dos nossos interlocutores militares a admitir estreitas relações com os líderes das associações gremiais, que combateram o Governo de Allende e contribuiram largamente para o abater.

«Estabelecemos, já há meses, um programa de governo conjunto e é por isso que não improvisamos» afirma o almirante. Esta aliança das forças armadas e dos grémios, entre outros grupos de pressão organizados, parece-lhe ser uma garantia de êxito para o governo militar. Quanto tempo poderá este durar? O almirante não hesita em responder: **«Dois, cinco, dez anos, todo o tempo que for necessário para que o Chile volte à normalidade. Mas evidentemente, lembra-se de acrescentar, o menos tempo possível».**

Para os marinheiros, como para os seus colegas do exército ou da aviação, a **«normalização»** do Chile passa pela **«despolitização»** do país, tarefa que julgam prioritária, sobretudo através de uma profunda reforma da educação. Sob a aparência de pluralismo ideológico, querem eliminar todo o traço de **marxismo**, quer dizer: todo o ensino contestatário. O almirante Hugo Castro, que terá sido contactado para se encarregar do Ministério da Educação, é claro: **«É necessário produzir mais técnicos e menos sociólogos, filósofos e pedagogos.»** De facto, os militares preferiam produzir apenas técnicos, os futuros quadros do seu regime.

De momento, as universidades estão fechadas e não se sabe quando poderão reabrir. Os reitores de todos os estabelecimentos do ensino superior do país foram convidados a apresentar a sua demissão, e serão sem dúvida substituídos por homens de confiança dos militares. Em Valparaíso, a Marinha não perdeu tempo e, à cabeça da Universidade do Chile, da «Católica» e da Universidade Técnica Santa-Marina, o intendente, evidentemente, um almirante, colocou «interventores», oficiais do quadro e da reserva.

Como os dois outros estabelecimentos da segunda cidade do país, a Universidade Santa Marina, uma enorme construção de estilo inglês que domina a baía de Valparaíso, foi atacada pelos fuzileiros navais na noite de 10 para 11 de Setembro. Várias centenas de alunos internos foram detidos até o dia seguinte. A Marinha pretende ter lá encontrado armas e 9 toneladas de livros marxistas, o que parece excessivo para uma Universidade Técnica. Nos portões da escola, os **marines** encontram-se de sentinela com metralhadoras ligeiras de último modelo. No interior, por detrás do gabinete do reitor, Domingo Santamarina, antigo ministro e antigo embaixador do Governo de Frei, acaba de instalar-se o «interventor». Trata-se do lugar-tenente naval John Naylor que, como os nossos outros interlocutores, fala indiferentemente o inglês (americano) ou espanhol.

«Não se pode pôr toda a gente na rua, mas os marxistas terão de ser expulsos, e em primeiro lugar os que, de entre eles tiveram actividade política; quanto aos outros, consultar-se-ão pessoas de confiança, os nossos amigos dos grémios, em particular».

Sentado diante de um **pisco sour**, o coronel tem um sorriso encantador. Grande, com o peito forte, apertado num uniforme impecável, este «marine» da missão militar americana que encontrámos em Valparaíso não tem palavras suficientemente elogiosas para os seus amigos do almirantado: **«Os militares foram forçados a intervir»**, diz-nos por fim.

PHILIPPE LABREVEUX

UM ESPÍRITO UNIVERSAL

Filósofo, dramaturgo, crítico, músico, Gabriel Marcel nascera em Paris, a 7 de Dezembro de 1889. Acompanhou seu pai, diplomata, nomeadamente a Estocolmo, aonde passou uma parte da sua infância.

Em 1910, foi admitido ao concurso para agregado de filosofia, no ano seguinte é professor no liceu de Vendôme, antes de o ser no de Paris (Condorcet) e de Sens. Em 1922, pede uma licença ilimitada, entra como leitor para as editoras Grasset e Plon, aonde, em 1926, toma a direcção de colecção de autores estrangeiros criada por Charles du Bos, colecção que passa a chamar-se «Fogos Cruzados».

Atraído pelo catolicismo, converte-se e é baptizado em 23 de Março de 1929.

Assume a crítica dramática em **L'Europe Nouvelle**, entre 1929 e 1931, antes de ter esta rubrica em **Nouvelles Littéraires** a partir de 1945. Colabora na **Nouvelle Revue Française e em numerosas outras publicações.**

A partir de 1946 percorreu o mundo como conferencista.

Foi delegado à conferência geral da UNESCO em Beirute, em 1948. Foi eleito para a Academia das Ciências Morais e Políticas, para o lugar de Emile Bréhier, na secção de filosofia, em 1952.

Ocupa-se, por outro lado, do «Rearmamento moral» e reúne, em 1958, um conjunto de testemunhos e de factos sob o título: **Un changement d'espérance.**

As colunas do Le Monde estão-lhe abertas sempre que quer testemunhar sobre alguns problemas que toma a peito: «Homenagem em Cioran», «Não ingerência e cumplicidade», «Livre opinião» (em que se erguia, uma vez mais, contra os atentados à liberdade de expressão na U.R.S.S.), «O resgate da paz».

Numerosos prémios e recompensas consagraram a sua obra: oprémio Hanswático-Goethe (1958), o Grande Prémio Nacional das Letras (1958), o prémio Osiris (1963), o prémio da Paz, concedido pelas livrarias alemãs (1964), o prémio Erasmo autorgado pela Fundação Europeia da Cultura, em Roterdão (1969).

De todas estas obras, eis os principais títulos originais: FILOSOFIA: **Journal metaphysique, Être et Avoir, Du refus à l'invocation, Homo Viator, Le mystère de l'être, Les hommes contre l'human, Le déclin de la sagesse, Présence et Imortalité, La dignité humaine, Pour une sagesse tragique.** TEATRO: **Le seuil invisible, Le coeur des autres, L'iconoclaste, Le Quatuor en fa dièse, Le regard neuf, Le mort de demain, La chapelle ardent, Le monde cassé, Le chemin de Crète, Le fanal, Le dard, La soif, L'horizon, Rome n'est plus dans Rome, Mon temps n'est plus de vôtre, La dimension florestan, etc.,** bem como um conjunto de críticas: **Regards sur le théâtre de Claudel.**

Alem disso, profundamente impregnado pela musica, Gabriel Marcel dela se alimentou durante toda a vida, nunca tendo deixado de improvisar ao piano desde os dezoito ou dezanove anos. E autor de muito numerosas melodias.

Gabriel Marcel era oficial da Legião de Honra.

Um copo de boa disposição...

...para todo o dia!

Mas disposições azia nauseas e enfartamentos provocados por excesso de comidas e bebidas são eliminados por um agradavel e refrescante copo de «Samarin»

Caixas com 36 cartelas individuais

A venda nas Farmácias

CASA DA COMÉDIA

RUA S. FRANCISCO BORJA

Hoje e todas as noites pelas 22 h., sabados e domingos «matinées» às 16 h. 2.ª feira descanso da Companhia

A célebre peça de Kopit

OH PAPÁ POBRE PAPÁ A MAMÃ PENDUROU-TE NO ARMÁRIO E EU ESTOU TÃO TRISTE

Marc. Telef. 67 72 99. Grupo D. Maiores 18 anos

Subsidiado Fundo Teatro

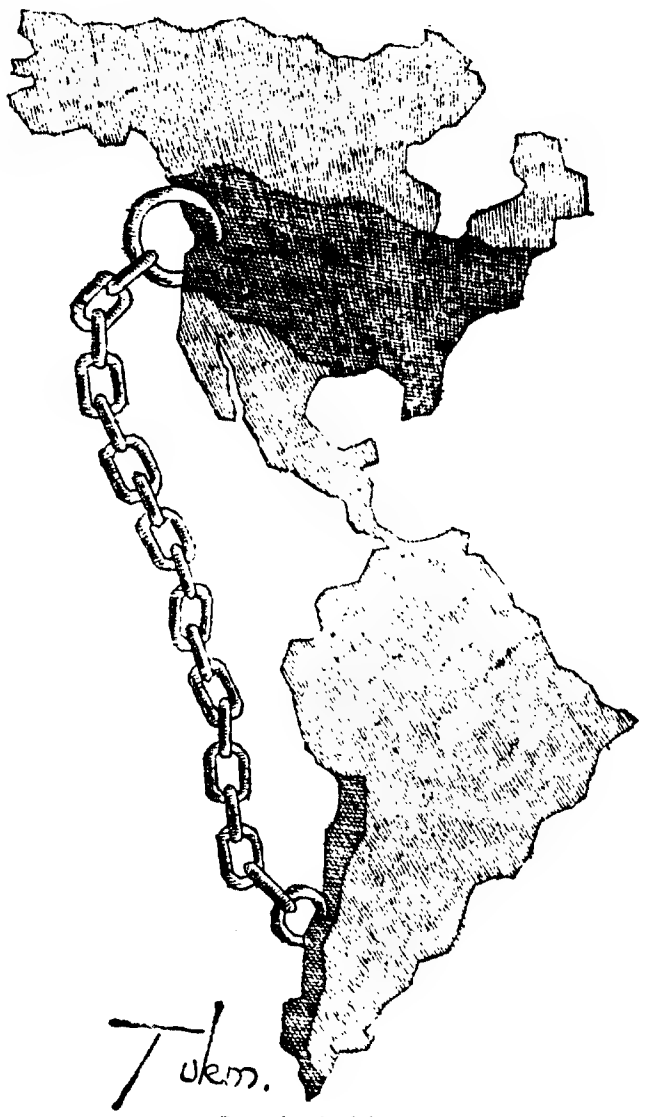
ALLENDE QUERIA REALIZAR UM PLEBISCITO

No próprio dia do golpe de Estado militar, Allende devia anunciar um plebiscito sobre a manutenção das instituições democráticas.

Salvador Allende sabia que o golpe de Estado estava iminente. Conhecia a amplitude da conspiração civil e militar contra o governo. Tinha desesperadamente tentado, durante os últimos dias de Agosto, restabelecer o diálogo com a democracia cristã para tentar preservar, pelo menos, aquilo que havia jurado respeitar: a democracia chilena. Tinha falhado apesar da ajuda generosa que lhe havia dado nesta última tentativa o arcebispo de Santiago, o cardeal Silva Henriquez. Tinha falhado porque os dirigentes da ala direita da democracia cristã, Patricio Alwyn e Eduardo Frei, haviam rejeitado esta última mão estendida.

Então, Allende, lutador obstinado, resolveu-se a jogar uma outra cartada: a do **plebisito.** Tinha-a considerado frequentemente como possível, reservando-se, no entanto, a escolha da hora e do tema. Nas eleições gerais de Março de 1973 a União Popular havia melhorado a sua pontuação relativamente à eleição presidencial de 1970. Apesar da crise económica, da penúria, das dificuldades quotidianas, do clima de tensão provocado pelo aumento dos perigos internos e externos, dos atentados, das greves, 44 por cento dos eleitores chilenos tinham-se postado atrás do governo. Não era absurdo pensar que pelo menos 10 por cento daqueles que tinham votado pelos partidos da oposição eram, mesmo assim, em última análise, partidários da manutenção do livre jogo das instituições democráticas do Chile. A aposta não era ridícula. E, de qualquer maneira, não havia outra saída. A alternativa era clara: vencedor do plebiscito, Allende podia ainda esperar fazer recuar os «putschistas», reunir uma Assembleia constituinte para desbloca o aparelho do Estado enterrado, amarrado pelas argúcias infinitas da oposição parlamentar. Batido, retirar-se-ia com honra: as forças da esquerda continuavam intactas para futuros combates e a Constituição era respeitada.

Em 11 de Setembro de 1973, Salvador Allende tinha, pois, decidido dirigir-se solenemente ao povo chileno para lhe anunciar um plebiscito que permitisse encontrar uma saída para a crise. Porém, em 11 de Setembro, às 2 horas da tarde, Allende era morto, La Moneda estava em chamas e a caça aos partidários do governo começava em Santiago e em todo o país.



Desenho de Julem

Os testemunhos dos mais próximos colaboradores do antigo presidente chileno, que começámos a recolher, permitem reconstituir melhor as últimas fases do drama chileno. É assim que Juan Garces que se dirigiu para França, secretário particular de Salvador Allende, se manteve com este último no palácio de La Moneda atento aos preparativos de defesa e às últimas instruções do dirigente da Unidade Popular. Abandonou La Moneda ao fim da manhã por ordem do presidente. Conseguiu furtar-se aos militares, refugiou-se numa casa amiga e, depois, numa embaixada. Deixou o Chile no domingo 23 de Setembro, graças ao seu passaporte espanhol.

Durante três anos, de Novembro de 1970 a Setembro de 1973, seguiu, no séquito do presidente, as horas de alegria e de angústia do governo. Considera que a conspiração que devia conduzir ao golpe de Estado se estabeleceu seriamente no dia seguinte às eleiçoes legislativas de Março último. É o momento chave da crise.

«Os resultados muito favoráveis para o governo, pois a Unidade Popular conseguia mais do que quando da eleição presidencial, o que é perfeitamente excepcional no Chile, deixaram estupefactos os dirigentes de uma oposição até então resolvida a abater Allende legalmente. Após o escrutínio de Março, o golpe de Estado legal já não era possível, a maioria dos dois terços requerida para deixar passar uma acusação constitucional contra o presidente não era atingida. A direita compreendeu, então, que a via eleitoral estava esgotada e que o caminho que restava para atingir o seu objectivo era o da força. Foi nesse dia que os oficiais «putschistas» começaram a pôr em acção o seu plano. Primeira tirada: eliminar os chefes do exército conhecidos pelo seu respeito pela legalidade e pela Constituição».

SINAIS DE LUTA

É bem verdade que, antes mesmo da chegada ao poder da coligação da Unidade Popular, o exército chileno havia deixado perceber sinais inquietantes de descontentamento e de luta. De 1931 a 1969, havia, por certo, merecido essa reputação de «grande mudo», tão fora do habitual na América Latina, que esta vontade de apolitismo tinha aumentado outro tanto: encontra-se somente, ao folhear os arquivos dos serviços de informação do exército, minúsculas conspirações imediatamente abafadas em 1939, em 1951 e em 1955.

Deste modo, o **«tacnazo»**, o levantamento «por motivos profissionais» do quartel Tacna de Santiago, em Outubro de 1969, havia causado surpresa. Apesar da «modéstia» do caso, o pânico reinara durante quarenta e oito horas nas fileiras do governo democrata-cristão de Eduardo Frei. Os rebeldes, tendo escolhido o general Roberto Viaux com seu chefe, recebiam, com efeito, no seu quartel, visitas de numerosos oficiais. As tropas «legalistas» e os aviadores faziam-se solicitar para intervir contra os seus colegas. A promessa de aumento dos soldos tinha levado a esta estranha revolta, minimizada por todos, dirigentes e chefes de estados-maiores, mas era difícil na época não perceber o desafio político ao governo. Aliás, devia voltar a encontrar-se, em Outubro de 1970, o mesmo general Viaux na conspiração que levou ao assassinato do general René Schneider, comandante-em-chefe das forças armadas. Que símbolo e que presságio! Allende, em Novembro de 1970, ao entrar em La Moneda ao lado de todos os dirigentes políticos reconciliados por um momento pela morte do chefe de um exército ainda legalista. Allende, condenado em Agosto de 1973 pelos mesmos dirigentes políticos que obrigam à demissão o general Prats, chefe de um exército que ele já não conhece, que já não controla, um exército de golpe de Estado.

«Houve, desde Novembro de 1970, múltiplas conspirações militares as quais não foram todas reveladas», afirma Juan Garces. **«Em Abril de 1972, por exemplo, depois em Setembro do mesmo ano. De cada uma das vezes, os generais legalistas conseguiram abafar, no ovo, as rebeliões. Não porque fossem pelo socialismo, mas porque eram pelo respeito pela Constituição. Nunca houve, embora se tenha dito isso, oficiais superiores socialistas, e ainda menos comunistas. Havia dois campos: os partidários da lei e os adversários do governo de esquerda. Os segundos, cada vez mais numerosos, acabaram por prevalever... Em 29 de Junho de 1973, quando os blindados vêm cercar La Moneda, é o general Prats, comandante-em-chefe, que desce à rua e se põe à testa das tropas fiéis. Porém, o aviso era grave. Desde o momento, Allende sabia que não lhe restavam senão três caminhos...»**

Estes três caminhos eram: 1.º) uma confrontação armada deliberada entre as forças da esquerda e as da oposição; 2.º) o diálogo com a democracia cristã para resgatar aquilo a que se chamava em Santiago um «consenso democrático», que implicava concessões por parte da Unidade Popular; 3.º) o plebiscito.

«Perante os chefes dos partidos membros da coligação popular, Allende rejeitou categoricamente, como sempre havia rejeitado, a primeira hipótese. Considerava que ela levaria à guerra civil e esta ideia causava-lhe horror. Pensava que a derrota dos trabalhadores era quase certa, dado que o exército teria, então, encontrado precisamente o pretexto que lhe faltava para intervir. Era para Allende o fim do regime democrático no Chile e o massacre do movimento trabalhador. Talvez houvesse no seio do governo homens persuadidos de que era a única solução. Mas todos respeitavam Allende, centro de gravidade e verdadeiro patrão da Unidade Popular. O presidente decidiu explorar o segundo caminho: o diálogo com os elementos moderados da oposição. Podia contar com o apoio da Igreja. O cardeal organizou conversações secretas entre o chefe do Estado e os dois dirigentes democratas-cristãos, Alwyn e Frei. Três semanas antes do «putsch» houve um encontra Allende-Alwyn, durante o qual o presidente expôs sinceramente as suas propostas e as suas esperanças e, também, os seus receios relativamente à coexistência pacífica entre os partidos. Como pode Alwyn pretender hoje que acreditava num contra-golpe do governo? Desafio os militares a produzir uma só prova convincente que venha em apoio desta tese...

Os dirigentes democratas-cristãos rejeitam, portanto, em Julho a oferta do diálogo. Diante de Allende e perante o cardeal, exprimem o seu **«ceticismo»**. Eduardo Frei declara, aliás, hoje, que, nesse dia, tinha feito **«um grande sacrifício»**. Votam no Parlamento a famosa moção, declarando que o governo **«viola a Constituição»**. Em 21 de Agosto, uma nova conspiração, na marinha e na aviação, é descoberta no último momento.

«Em 10 de Setembro, Allende reunira os seus ministros num conselho extraordinário para pôr em ordem o apelo anunciando o plebiscito. À meia-noite, recebemos informações, dando conhecimento de movimentos de tropas em San-Felipe, perto da capital. Orlando Letelier, ministro da Defesa, telefonou ao general Brady, comandante da guarnição de Santiago. Este, alguns instantes mais tarde, afirmava que tudo estava calmo. Às 7 horas da manhã de terça-feira, o presidente, informado do levantamento da marinha em Valparaíso, chamou ele próprio o general, que respondeu que iam ser tomadas as necessárias medidas. A traição desenvolvia-se. Às 9 horas da manhã os carros blindados dos carabineiros postados em defesa em frente do palácio presidencial abandonavam o seus postos. O general Mendoza acabava de suplantar o general Sepulveda à testa dest corpo. Quando Allende compreendeu que tudo estava perdido, não quis conservar junto de si senão os voluntários, o último quadrado. Deixou os seus ajudantes de campo, depois os carabineiros, depois os membros da sua guarda, escolheram livremente. A outros, julgados mais úteis algures, pediu instantemente que partissem. Sabia que a última batalha estava a travar-se e, sobretudo, não queria vítimas inúteis. Morreu, ele, combatendo...»

Marcel Niedergang

o seu DATSUN já pode ter os melhores faróis do mundo

***

substituindo as ópticas de origem por ópticas CIBIÉ *com lâmpada de iodo H4 nos centros de assistência técnica*

AUTOSIL

em: Lisboa · Porto · Coimbra · Viseu Castelo Branco · Setúbal · Évora · Beja · Faro

TEATRO E EDUCAÇÃO SEXUAL

No meio do palco uma boneca de grandes dimensões: de súbito abre-se no ventre uma pequena porta e uma miudinha salta para fora o nascimento esta consumado. Para os jovens espectadores que visitam o teatro infantil «Rote Grutze» em Berlim Ocidental, o episódio constitui um dos pontos culminantes do espectáculo e ao mesmo tempo, um dos mais divertidos.

Este grupo de teatro experimental que se propôs a informação sexual de crianças com novos métodos, não pretende «ensinar sabedorias sérias».

O elenco composto por dois estudantes, uma livreira, um actor e uma actriz de teatro, esforça-se em vez disso, por despertar no público compreensão pelo outro sexo de maneira divertida. Na boneca sobredimensionada no palco são demonstradas, com muito humor mas também com muito realismo, todas as etapas do nascimento, da fecundação até ao parto. Os jovens da assistência são convidados a participar activamente na peça, de modo que o elenco prescindiu de texto e acção fixos.

Muitos pedagogos de Berlim recomendam por este motivo uma visita deste teatro tão pouco convencional.

Dizem os leitores

OS UTENTES NÃO FORAM AVISADOS

. . A junção de duas empresas de exploração rodoviária, sem prévio aviso aos utentes, vem criando, segundo nos informa a nossa leitora Maria Felisbela, sérios problemas nos serviços de expedição e recepção de encomendas. Escreve-nos aquela leitora, fazendo uso da sua experiência pessoal: **«Dia 10 do corrente fui levantar uma encomenda aos «Claras», cerca das 12 horas, mas tive de desistir depois de ter permanecido mais de uma hora na bicha. Fui informado mais tarde de que aquela empresa havia mudado a sua garagem para a Avenida Casal Ribeiro, depois de ter tomado conta dos «Capristanos» e de outras empresas congéneres. Agora, para levantar encomendas é um autêntico pandemónio. Associam-se empresas, reduz-se o pessoal e o público acaba por ser a grande vítima. Com a falta de pessoal, são os utentes que têm de vir buscar as mercadorias aos armazéns.**

CANCIONEIRO DE LUÍS FRANCO CORREA

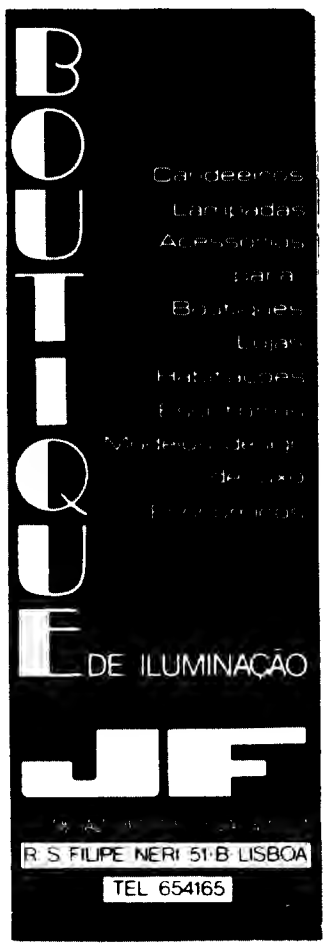
(ed. fac-similada)

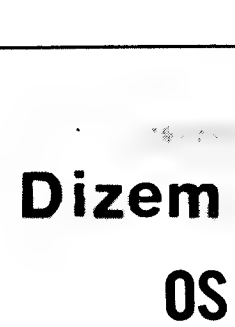
Edição da Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas»

Galerias Roldão

Artigos foto-cine, mobiliário, estofos, objectos decorativos.
AV. ALMIRANTE REIS, 13 E

1974 um calendário e o seu signo numa maravilhosa impressão a cores por 20$00, envie ao APARTADO 4088.





VERÍSSIMOS

ALÉM DA SUA PRODUÇÃO PRÓPRIA DE CASACOS DE CABEDAL E CAMURÇA PARA HOMEM E SENHORA:

APRESENTA

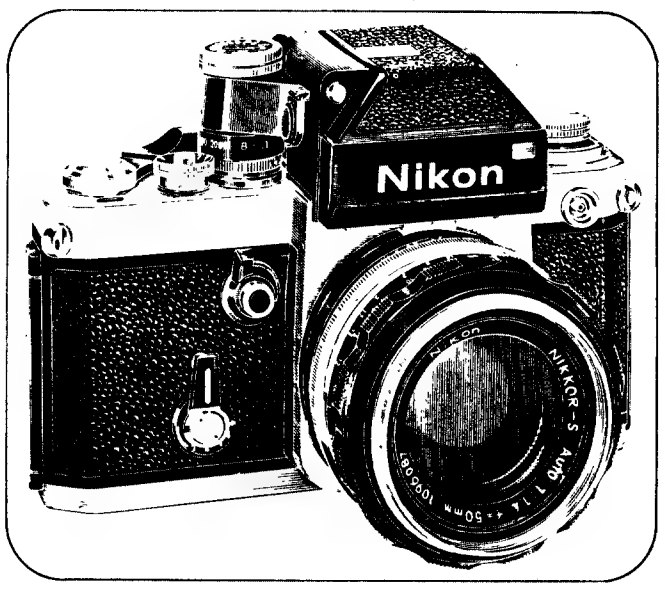
A SUA COLECÇÃO DE

PRONTO-A-VESTIR

EM FATOS, CASACOS E CALÇAS, SOBRETUDOS, GABARDINES E MARINES.
E AINDA GRANDE SORTIDO EM CAMISARIA, GRAVATARIA E MALHAS.
AV. GUERRA JUNQUEIRO, 8-C
TEL. 727335 — LISBOA

Nikon F2 Photomic

POSSIBILIDADES EXCEPCIONAIS
NOTÁVEIS APERFEIÇOAMENTOS



Nikon

1 Velocidades de obturação desde 10 segundos ate 1 2000 de segundo!
2 Pode utilizar um adaptador electronico «EE» (Electric Eye) para medir automàticamente a exposição
3 Sincronização para «flash» electrónico ate 1/80 seg
4 Luz piloto no visor, indicando estar o «flash» pronto a disparar
5 Fácil adaptação de um motor sem mudar de carcaça
6 Arraste mais suave do filme e trajecto mais curto da alavanca de transporte.
7 Rebobinagem por motor.
8 Espelho muito maior para evitar cortes na imagem ao empregar super teleobjectivas
9 Exposições múltiplas voluntárias mas fáceis de efectuar sem perda de fotogramas.
10 Comandos mais cómodos e mais bem localizados
11 Tampa posterior de dobradiça ou amovivel

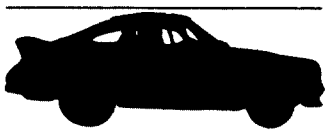
E MUITOS MAIS APERFEIÇOAMENTOS !

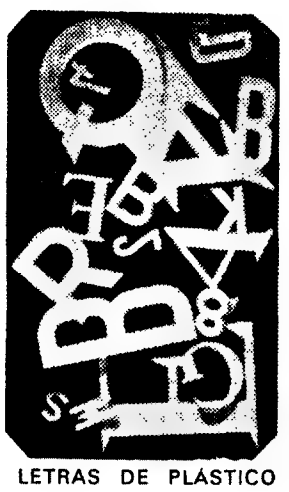
Dirija-se sómente às casas especializadas em material NIKON
Repres. exclusivos ESTAB. M. SIMÕES JR., SARL.
Divisão Foto-Cine LISBOA-PORTO

LUSTRES

de confecção esmerada, cores maravilhosas, fazem lares lindos. Fábrica, Av. 5 de Outubro, 203-r c.: Esq. (Ao Campo Pequeno). Telefone 77 16 39.

VENDA AO PÚBLICO





LETRAS DE PLÁSTICO
GRAVARTE
R. BACALHOEIROS, 28

AMORTECEDORES

Reparo e reconstruo todas as marcas c/ garantia. Mendes — R. Capitão Ramires, 2-A — Telef. 768423 (ao C. Pequeno).

AMIZADES

Pode tê-las em Portugal e todo o mundo: Peça informações enviando 2$00 em selos. Apartado 5035, Secção LDI, Lisboa-5.

EMBELEZE SUA CASA

Revestindo as paredes c/ papel ou Vinyl
Temos no n/ Salão em exposição 950 padrões Clássicos e Modernos
PESSOAL ESPECIALIZADO PARA ASSENTAMENTO

OXIDEX
— IMPORTADORES —

Av. João Crisóstomo, 10-B (junto Casa da Moeda)
Horário: Das 10 às 13 e das 15 às 20 horas
Encerrado aos Sábados

MERCEDES-ROVER
BMW • MARCAS DA GM

EM LOCAIS CENTRAIS DE FÁCIL ACESSO

OFICINAS DE REPARAÇÃO
EQUIPAS ESPECALIZADAS
FERRAMENTAL INDICADO

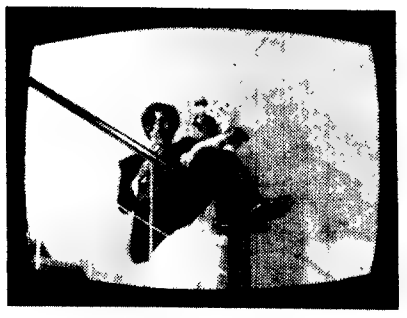
PEÇAS DE ORIGEM

TABELA DE PREÇOS DE MÃO-DE-OBRA AFIXADA A PÚBLICO

COTAL A — Rua de Artilharia Um, 105 - A e B
COTAL B — Rua dos Lusíadas, 113 - A e B

SERVIÇO INDEPENDENTE

HÁ MUITAS MANEIRAS DE



SUBIR

AI HÁ ... NÃO HÁ?

POIS HÁ!

PANORÂMICA DA REFORMA EDUCATIVA

Continuação da pág. 12

das reformas tecnocratas lançar mão de meios expeditos para, apressadamente, acudir à falta de professores, de material, de livros, etc., e tudo isto é conducente a uma desvalorização do ensino que acaba no que podemos classificar de um neo-malthusianismo-pedagógico, onde o alinhamento do ensino é feito ao nível mais baixo.

Outras causas poderiam ser examinadas como consequência de uma deficiente estrutura da Reforma mas limitaremos a nossa ambição à experiência da chamada «Matemática Moderna». Realizou-se uma interessante experiência, durante largos anos, sobre a modernização da Matemática subsidiada por uma organização internacional, exclusivamente, de natureza comercial O.C.D.E. (!) e que foi generalizada este ano a todas as classes dos liceus.

Foi uma experiência pedagógica fecunda e pena foi que o distinto matemático que, superiormente a dirigia tivesse desaparecido prematuramente; refiro-me ao prof. doutor Sebastião e Silva, que deixou preciosos elementos para que a experiência pudesse resultar com pleno êxito.

Infelizmente, nunca ninguém soube, oficialmente, quais foram os resultados estatísticos mais importantes a que a experiência conduziu os investigadores. Em todos os países onde ela se realizou foram apresentados relatórios circunstanciados, das mais importantes conclusões a que se chegou. E não se julgue que o caso foi simples pois que a controvérsia continua, em França, não se tendo chegado a conclusões definitivas.

Isto pode, realmente, ser muito grave no nosso país onde livros, programas, métodos e sobretudo professores, que não estão preparados para aguentar tão grande empate! Serão suficientes os cursos acelerados de 5 dias, com uma passagem-relâmpago da matéria?

INSTITUTO NACIONAL DE PEDAGOGIA

A Reforma vai terminar com a publicação do decreto que cria o Instituto Nacional de Pedagogia. Acaba-se, justamente, por onde se devia ter começado! Aqui quero deixar bem patente o erro que vai cometer-se ao desrespeitar o princípio fulcral de todos os institutos da educação: assegurar a investigação pedagógica a todos os níveis e como consequência, garantir um aperfeiçoamento seguro em todo o campo educativo e, particularmente, na formação profissional docente.

Em Portugal pretende-se seguir o caminho inverso e, como resultado, introduz-se o verdadeiro cavalo de Tróia dentro do Instituto; o curso de ciências pedagógicas, que pertence à Faculdade, vai para o Instituto, desvirtuando assim a sua verdadeira finalidade.

INSTITUTO DE TECNOLOGIA EDUCATIVA, DECEPADO

Será mal sem remédio ou será, apenas a título experimental?

Algumas palavras para denunciar o erro grave que se cometeu ao conceder autonomia ao Instituto de Tecnologia Educativa, o antigo Instituto de Meios Audio-Visuais. Em todos os Institutos de Educação do Mundo há, fazendo parte integrante deles, os institutos de Meios Audio-Visuais que colaboram, de forma importante, na investigação Pedagógica.

Aceitar a sua autonomia é roubar ao I.N.P. os **meios** necessários para desenvolver a sua investigação e, simultaneamente, decepar o I.T.E., cuja cabeça — a investigação — por direito próprio, pertence ao I.N.P.

Doutra forma como será possível evitar «sobreposições» indesejáveis e ainda manter a necessária unidade de comando?

DEMOCRATIZAÇÃO DO ENSINO

É um dos mais elementares princípios de justiça reconhecer o mérito da obra já realizada pelo M.E.N. e mesmo o grande esforço dos responsáveis para atingir os objectivos que se propuseram realizar. Há dois de extraordinária importância a que é necessário dar especial relevância: A escolaridade obrigatória de 6 anos, já prevista para 8 anos e, também, a finalidade de se procurar conceder iguais oportunidades educativas a todos os indivíduos, no acesso aos escalões mais elevados.

Pena é que não possa ser já levada a efeito para todo o curso secundário bem como a sua total gratuitidade, e, ainda a alimentação e material indispensável coadjuvante na cultura do indivíduo. É muito, mas não há dúvida que ainda não se pode parar por aqui. A democratização do ensino não é senão uma pequena parte do ensino da democratização, que tem por objectivo ajudar a criar uma nova mentalidade: Fortalecer a consciência dos direitos e dos deveres dos cidadãos, ensinar a respeitar a lei e demonstrar que perante ela todos somos iguais, dissuadir os homens do ódio e da violência, ensiná-los a amar e a serem tolerantes, levar o espírito da democratização aos programas e aos métodos de ensino, conceder autonomia pedagógica aos estabelecimentos de ensino, remunerar com justiça os servidores, etc., etc.

Aqui deixo uma apreciação crítica à obra realizada pela Assembleia Nacional na última legislatura, no sector educativo, certo de que ela poderá constituir um bom teste que bem habilite o eleitor a melhor julgar.

JORGE COSTA

Com a idade de 80 anos e após prolongada doença, faleceu na sua residência, no passado dia 15, o sr. Jorge Vallet des Brugnières Roquette da Costa, antigo dirigente bancário e distinto técnico financeiro, filho do jornalista e empresário Francisco Maria Roquette da Costa.

Até há pouco desempenhou o cargo de Presidente do Conselho de Administração da SOTELMO — Sociedade Hoteleira de Turismo, S.A.R.L., e sócio gerente da ATRA — Agência de Transacções e Administrações, Ld.ª.

Era pai do dr. Jorge Felner da Costa, Inspector Superior da Secretaria de Estado da Informação e Turismo e Administrador dos Transportes Aéreos Portugueses, e do sr. Pedro Felner da Costa, Administrador da SOTELMO

Deixa viúva a Exm.ª sr.ª D. Maria Margarida Monteiro Torres Felner da Costa e entre a sua numerosa descendência (11 netos e 8 bisnetos), o sr. Jorge da Fonseca Felner da Costa, Director do Centro de Portugal na Suécia.

A missa de 7.º dia, será celebrada amanhã, dia 22, às 11 horas, no Altar-Mór da Basílica da Estrela.

UM PROBLEMA CHAMADO "CONCORDE"

Galley aos jornalistas após o desembarque do «Concorde». **«Um voo sem incidentes, dentro dos tempos e das previsões de consumo»**, explicou, por seu turno, o piloto do avião, Jean Franchi.

Quarenta anos depois de Lindberg, que atravessou o Atlântico Norte em trinta e três horas, vinte e nove minutos e trinta segundos, o supersónico franco-britânico ligava Washington a Paris em dez vezes menos de tempo, mas consumindo, em média, 30 libras (o equivalente a 14 quilos) de carburante por milha náutica (1852 metros), segundo Robert Chevalier, director técnico central da SNIAS. À sua chegada a Paris-Orly, o «Concorde» conservava ainda nos seus depósitos, ao atravessar a baliza de entrada do aeroporto (isto é, no momento em que se decide a aterragem), cerca de 10.500 quilos de carburante, ou seja uma quantidade suficiente para percorrer até 700 milhas náuticas (1200 quilómetros) a velocidade supersónica para poder aterrar, em caso de necessidade, num outro aeroporto. O considerável consumo quando do processo de aterragem reduziu este número para 8800 quilos no momento de desligar os reactores.

E, no entanto, na altitude de 17.000 metros acima do Atlântico, as condições atmosféricas não eram as mais favoráveis ao «Concorde»: uma temperatura de 5 graus mais quente do que a temperatura padrão e, portanto, uma densidade mais fraca do ar, o que obriga a aumentar o regime dos reactores e, ao mesmo tempo, o consumo. Não obstante, seguindo uma rota ortodrómica (a via mais directa) com um pequeno desvio para o Sul para evitar a ilha canadiana de Sable, o «Concorde» chegou a bom porto, após uma ligação transatlântica, com uma carga de 11.300 quilos que representa os cem a cento e dez passageiros, segundo os arranjos interiores que as companhias Air France e British Airways desejam transportar a partir de 1975, em classe única.

ESCLARECER CERTAS AMBIGUIDADES

Foi feita prova de que as «performances» de voo anunciadas anteriormente pelos construtores, neste trajecto intercontinental, podem doravante ser oficialmente garantidas às companhias clientes. **«Esta viagem»**, considerou Henri Ziegler, **«marca uma reviravolta definitiva na carreira comercial do «Concorde». A era das contestações terminou.»** O director dos transportes aéreos do Ministério dos Transportes, Bernard Lathière, acrescenta: **«As companhias aéreas ganharão dinheiro com este avião.»** Porém, Geoffroy Knight, vice-presidente da British Aircraft Corporation, o parceiro britânico da SNIAS francesa para a construção do aparelho, apressou-se a recordar que não esperava, desta visita do «Concorde» à América, qualquer assinatura de contrato. **«Entre os construtores e as companhias aéreas americanas, disse, as discussões continuam.**

De facto, esta digressão do «Concorde» pela América Latina e Estados Unidos, de 21.000 quilómetros no total, foi a ocasião para esclarecer certas ambiguidades. Permitiu, em especial, demonstrar que o avião supersónico não é completamente uma **«máquina de fazer ruído e fumo»**, como acusavam **a priori** as associações americanas de protecção do ambiente. Houve, até agora, protestos dos habitantes das proximidades dos aeroportos utilizados ou das regiões sobrevoadas. A imprensa de além-Atlântico sublinhou-o e até o **Washington Post**, que nunca foi um partidário do «Concorde», notou que o aparelho não era mais poluente nem mais ruidoso do que os quadri-reactores actuais.

A resolução das companhias aéreas americanas será mais lenta de tomar e a sua convicção mais difícil de conseguir. A aposta técnica do «Concorde» foi mantida, porém, ainda não é certo que a opinião dos bancos e dos financeiros, colocados à frente destas companhias, esteja ganha definitivamente para a aviação supersónico.

Evidentemente, os construtores franco-britânicos não deixam de repetir que a companhia venezuelana Viasa e a companhia americana Braniff International — que sempre soube distinguir-se das outras — manifestam, mais do que interesse, uma verdadeira paixão pelo «Concorde», que lhes foi apresentado. Porém, as negociações em curso não são claras. Não é fácil, neste momento, discernir se os seus dirigentes consideram adquirir o aparelho por compra, adquiri-lo por meio de aluguer-venda (**leasing**) posto a partir de agora à sua disposição pelos governos francês e britânico, ou se não desejarão mais entender-se com a Air France e a British Airways para explorar em «**pool**» (acordo de preços e zonas de actuação), numa linha Paris-Las Palmas-Caracas-Nova Iorque ou Los Angeles-Lima, as unidades já encomendadas por estas duas companhias. Esta última hipótese parece mais provável.

O ENCONTRO GUÉNA-HESELTINE

Se uma parte da opinião americana parece ter sido seduzida no Texas aonde ocorreram mais de duzentas mil pessoas para ver o «Concorde», e se as companhias desejam reflectir mais, em contrapartida, os técnicos aeronáuticos dos Estados Unidos e numerosos responsáveis políticos não escondem que lamentam a decisão, de há dois anos, de suspender a construção de um avião concorrente, o S. S. T. da Boeing.

A digressão do «Concorde», por outro lado, reconfortou-os na ideia de que o Congresso fizera mal em abandonar este projecto, e a NASA já se lançou, com créditos públicos ainda modestos, no estudo de um avião supersónico, dito de tecnologia avançada, que se assemelha, em alguns pormenores, ao defunto S. S. T. O êxito do «Concorde» nos Estados Unidos reforça, paradoxalmente, o campo daqueles que desejam poder um dia opor-lhe um rival americano.

Yvez Guéna, ministro francês dos Transportes, e Michael Heseltine, ministro britânico da Aeronáutica, deverão ter em conta todas estas considerações, quando se encontrarem — a data não é ainda conhecida — para examinar a próxima cadência da produção em série do «Concorde» e da sua comercialização. Deverão manter o ritmo actual de oito exemplares por ano, ou correr o risco de que a má venda do aparelho leve à acumulação das existências nos hangares? Ou optarão pelo abrandamento da produção, até quatro unidades por ano, com todas as consequências desta decisão sobre o emprego nos dois países e o aumento inevitável dos custos industriais? Ou, ainda, preferirão, como é considerado actualmente, autorizar a construção de sub-conjuntos do «Concorde», que serão simplesmente montados, no dia em que a clientela vier a pronunciar-se, de maneira a poder reduzir o ciclo da produção e os prazos de entrega? De momento, estas três eventualidades continuam em aberto.

De qualquer maneira, parece difícil que os dois governos decidam uma política daqui até ao fim do ano. O primeiro-ministro francês confiou, com efeito, a um alto funcionário, o engenheiro-geral do armamento René Bloch, uma missão de investigação e o balanço da operação do «Concorde», desde as suas origens há onze anos até agora, sem esquecer a perspectiva de um super-«Concorde», com «performances» melhoradas, durante o próximo decénio. O relatório de René Bloch deverá ser entregue a Pierre Messmer, o mais tardar, até 30 de Novembro. Não resta qualquer dúvida de que o governo francês quererá tirar dele conclusões antes de se comprometer, ao lado do seu parceiro britânico, numa nova aventura.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ

ORQUESTRA FILARMÓNICA DE ZAGREB

MAESTROS

MLADEN BASIC

SILVA PEREIRA

PIANO

SEQUEIRA COSTA

23 DE OUTUBRO, ÀS 21.45 H NO

SÃO LUIZ

PÁSSARO DE FOGO — STRAWINSKY

4.ª SINFONIA — BRUCKNER

PAVILHÃO DOS DESPORTOS

DIA 29, ÀS 21.45 H

TRISTÃO E ISOLDA — WAGNER

CONCERTO N.º 3 — RACHMANINNOF

HOMENAGEM A BACH — BORIS PAPANDOPOLO

D. JOÃO — STRAUSS

DIA 1 DE NOVEMBRO, ÀS 21.45 H

BODAS DE FÍGARO — MOZART

CONCERTO PARA VIOLINO E ORQ. * IV SINFONIA — BRAHMS

MAESTRO SILVA PEREIRA

* O SOLISTA DESTE CONCERTO SERÁ O 1.º PRÉMIO DO CONCURSO VIANNA DA MOTTA A REVELAR OPORTUNAMENTE

BILHETES À VENDA

NO SÃO LUIZ, PARA TODOS OS CONCERTOS. NA AGÊNCIA ABEP, DOS RESTAURADORES, SÓ PARA OS CONCERTOS DO PAVILHÃO DOS DESPORTOS

GRUPO B M/10 ANOS

ESPECTÁCULOS

Corre o risco de morrer o grupo de teatro experimental de Lagos

O Grupo de Teatro Experimental» de Lagos vai levar à cena «A Catedral» de Júlio Dantas — anunciámos em princípio de Agosto. E naquele momento tudo parecia encaminhado para que se realizasse a montagem cénica daquela peça e que um mês depois se faria a representação, tendo em conta, mais do que os recursos por nós vislumbrados o entusiasmo demonstrado pelas três dezenas de jovens que compõem o elenco do G.T.E.L. e do seu director. Conceição Silva, entusiasmo bem patente no decorrer dos ensaios feitos em condições dificílimas, sem um recinto apropriado, ao menos.

Mas a data fixada para a representação passou, e nada aconteceu «no reino da Dinamarca». Por acaso estávamos nessa altura em Lagos e quisemos indagar das razões que não permitiram a esse grupo de lacobrigenses uma representação que seria o epílogo — segundo o que antes nos tinham confiado — de uma necessária continuidade, nesta tentativa de recomeço da actividade teatral que, em Lagos, há muito estagnara. Com amargura, disse-nos Conceição Silva:

— **Não pudemos concretizar a representação por falta de uma sala. Houve algumas tentativas para nos adaptarmos a outras soluções, chegando, inclusivamente, a pensar-se em realizar a subida à cena de «A Capital» num recinto ao ar livre, mas nem isso conseguimos. De maneira que tivemos de desistir, depois de dois meses de trabalho nos ensaios.**

— Quer dizer que o G.T.E.L. vai dissolver-se por carência de meios?

— **De forma nenhuma** — apressa-se a contrapor Conceição Silva. — **Não queremos deixar, eu e os meus rapazes** — referia-se, claro está, aos elementos do Grupo, aliás presentes a esta entrevista — **que tal aconteça. Pelo menos faremos quanto possível para manter a ideia, apesar de todas as contrariedades e dificuldades**

Mas não há apoios em Lagos, uma cidade que como qualquer outra terra também precisa de estruturas culturais para viver?

— **Bom** — responde-nos Conceição Silva como a procurar **«pôr água na fervura»** sobre a intenção da nossa pergunta — **o sr. presidente da Câmara Municipal prometeu que, dentro de pouco tempo, nos será cedido, parcialmente, um recinto na cave de um prédio que vai construir-se em Lagos.**

— Parcialmente?

— **Sim. Essa cave está indicada para sede da Filarmónica local, com a qual o G.T.E.L. terá de conviver e dividir o tempo e espaço das respectivas instalações.**

A CRUA REALIDADE

Claro que isto não é senão um arremedo de solução e nem sequer aponta a um mais que necessário imediatismo. Basta reparar-se na situação: primeiro, a continuidade imediata do G.T.E.L. que os seus componentes procuram com tanto afinco, está comprometida, pois há que fazer um longo compasso de espera até que a promessa da entidade camarária se concretize. Segundo, um grupo de teatro não vive apenas do facto de **«ter casa»**. Sem subsídios e auxílios, venham eles de onde vierem, como poderá subsistir? Terceiro, não adivinhámos, em Lagos, nenhum entusiasmo das entidades particulares por esta iniciativa — como se para uma boa parte dos lacobrigenses a cultura (e neste caso poderemos entender cultura-recreio) fosse algo supérfluo e sem interesse.

Também sobre isto quisemos ouvir o dr. Figueiredo Luís, presidente da Câmara Municipal, que nos declarou:

— **Estamos a tentar restituir a Lagos o seu antigo gosto pela cultura, um pouco esquecido de há vários anos a esta parte. Vamos apoiar a renovação da Filarmónica e procuraremos ajudar o Grupo Experimental de Teatro no que nos for possível. Inclusivamente, pretendemos ceder-lhe, em comparticipação com a Filarmónica, as instalações onde se localizará a sede desta. Além disso, na minha curta regência como presidente da Câmara, procurei movimentar os adormecidos estames culturais de Lagos. Dinamizámos o Museu, onde, inclusivamente temos neste momento** (estávamos nos princípios de Setembro passado) **uma exposição de pintura de artistas portugueses contemporâneos, alguns bem representativos. Temos, ainda, conseguido trazer até cá espectáculos de certa craveira, como concertos musicais em que intervieram intérpretes de nomeada.**

Se nos permitem, todos estes aspectos são um grão de areia no deserto cultural da cidade. Lagos — hoje já um centro de convívio importante, ou que deveria sê-lo — não deve satisfazer-se só com uma cultura sem raízes — quer dizer, com uma amostra de cultura vinda de longe, que hoje **está lá**, mas amanhã já não está. (O caso das exposições, concertos, etc., que, embora louváveis, não preenchem, verdadeiramente, a lacuna existente). A autonomia cultural, até por uma questão de orgulho regionalista, é um sonho de quase todas as terras. Porque o não é de Lagos? A cidade tem necessidade de que a ajudem a formar um bom e enraizado grupo de teatro amador, de que lhe dêem uma excelente biblioteca, de que se promovam constantemente palestras, concertos, concursos literários e artísticos, etc., nos quais os lacobrigenses tomem parte activa, quer como organizadores, quer como intérpretes. Lagos precisa ainda de um bom órgão de informação a nível regional, apoiado por gente jovem e capaz de romper com as malhas dos condicionalismos do meio e de formar opinião pública. Como nos disse um lacobrigense preocupado com estas coisas, **uma terra sem cultura, por mais turismo e belezas naturais, será sempre uma terra morta.** E a crua realidade de Lagos é que, embora os espectáculos itinerantes, aos quais, aliás, não acorre a grande maioria dos lacobrigenses por falta de incitamento e outros estímulos, não passa de uma terra sem quaisquer estruturas culturais. O que para muitos que a amam e lá vivem, não deixa de ser triste.

JOSUÉ DA SILVA

Bach na voz de estudantes

Pela primeira vez um conjunto vocal que inclui maioria portuguesa (dois norte-americanos e um brasileiro são os únicos «estranhos» no agrupamento) interpreta Bach numa gravação comercial. O agrupamento intitula-se «Maranata» tem nove figuras (na foto) e acaba de imprimir em acetato a sua interpretação dos trechos «Canto ao Mundo», «Caminhei», «There is more to life» e «Jesus» (este, exactamente da «Oratória» de Bach). Os arranjos e a direcção orquestral pertencem a Fernando Correia Martins. Os membros do «Maranata» que vão dentro de dias actuar em diversos espectáculos em terras espanholas e no próximo ano fazem uma «tournée pelos Estados Unidos são, na maioria estudantes de Medicina e Engenharia. Mas igualmente incluem um locutor: António Sala, dos Rádios Peninsular e Voz de Lisboa.

"CANCÃO POVEIRA"

No próximo dia 26 do corrente mês, realiza-se no Grande Casino da Póvoa de Varzim, a "II Grande Gala da Canção Poveira», organizada pelo Serviço de Turismo da Câmara Municipal e pela Sopete, com o patrocínio da S. F. I. T.

O programa é o seguinte: actuação do artista Carlos do Carmo, acompanhado pelo conjunto de Thilo Krassman e guitarristas privativos.

A orquestra de Resende Dias interpretará arranjos de temas populares poveiros e quatro canções dos autores convidados:

Miguel de Oliveira, Tavares Belo, Carlos Fernando Resende e Rodrigo.

A segunda parte está preenchida com a interpretação das seguintes canções: — "Póvoa, Cidade Menina", pelo Trio Boreal, "Rema", por Artur Garcia, "Poema de Sol", de Aníbal e "O Movimento", e, "Poema Salgado", por Ariana.

A terceira parte compõe-se de um "show" de Peppino Di Carlo e Deborah, acompanhados pelo conjunto I New Rockers.

O espectáculo que se repetirá no dia seguinte, vai ser transmitido em circuito fechado de TV.

KRUPA DEIXOU A VIDA, NÃO O JAZZ

Gene Krupa, um dos mais famosos «baterias» de todos os tempos, faleceu na sua residência perto de Nova York após ter lutado contra a leucemia, ou cancro do sangue, nos últimos 10 anos da sua vida. Krupa tinha 64 anos.

O famoso «bateria», o homem que na sua juventude entusiasmou milhões de adeptos do «jazz» sincopado em todo o Mundo, fabuloso talento da bateria com uma rapidez de movimentos com as baquetas até hoje inigualável, tinha reduzido drasticamente, em tempos recentes, os seus compromissos musicais devido ao agravamento da doença, mas várias semanas antes tinha tocado em Chicago com o xexteto original de Benny Goodman, com o acompanhamento de Lionel Hampton.

A vida de Krupa foi bastante prejudicada pela sua prisão, nos anos 50, na Califórnia acusado de fumar marijuana, tendo cumprido um ano de cadeia. Krupa foi prejudicado pela enorme publicidade feita à volta do seu nome chamando-lhe um viciado na droga.

Sobre a vida de Krupa foi já feito um filme, com o principal papel desenhado por Sal Mineo.

Com a morte de Gene Krupa encerra-se todo o balanço de uma «época de ouro» do «jazz» sincopado e so «swing».

Jazz em Cascais

PAUL GONSALVES

Nasceu em Boston, 1920. Depois de ter tocado viola, consagrou-se ao saxofone tenor e trabalhou em Boston com Sabby Lewis.

De 1946 a 1950 fez parte da orquestra de Basie. Após alguns meses com Dizzy Gillespie, foi então contratado por Ellington, com quem ficou desde então, exceptuando uma estadia com Tommy Dorsey, em 1956.

Da escola de Hawkins, o seu estilo sofreu a influência de Ben Webster, Don Byas e Lucky Thompson. A sua doce sonoridade é uma das mais belas jamais emitidas pelo instrumento, apesar da falta de volume; com frases sinuosas e finamente cinzeladas, sabe ser lírico e romântico, sereno e tempestuoso, sentimental ou explosivo de «swing».

É um dos grandes tenores do após guerra e um dos maiores solistas de Duke Ellington.

Actuará em Cascais, no dia 9 de Novembro.

CRITICA DE TEATRO — CARLOS PORTO

UMA NOITE "TALVEZ" HISTÓRICA

O «MISANTROPO» de Molière. Tradução, encenação e cenografia: Luís Miguel Cintra. Luzes e carpintaria: Pedro d' Orey. Execução dos telões: José Manuel. Execução do guarda-roupa: Elisa Alves e membros da companhia. Secretária: Helena Domingos. Director de cena: Pedro d' Orey. Intérpretes: Luís Miguel Cintra, Filipe La Féria, Jorge Silva Melo, Glicínia Quartin, Carlos Fernando, Raquel Maria, Luís Lima Barreto, Orlando Costa, Dalila Rocha. Teatro da Cornucópia. «Laura Alves». 13/10/73.

«... a coragem da aposta a partir de uma demasiado estreita margem de manobra...»

Esta estreia adquire uma importância muito particular por vários motivos: trata-se do aparecimento de uma nova companhia; esta companhia, caracterizadamente jovem, vem juntar-se a alguns grupos independentes que estão a lançar, com os sacrifícios inerentes, os alicerces do teatro que havemos de ter; pretende o Teatro da Cornucópia, no entanto, ocupar um outro espaço indiscutivelmente importante: o espaço onde os jovens (maiores de 14 anos) possam ver o teatro de que estão desprovidos graças a classificações mais ou menos aberrantes. Além disso, o Cornucópia pretende fazer a recuperação de clássicos, normalmente ou desprezados ou maltratados, recuperação assente numa óptica actual. Assinalemos, por último, o facto de este espectáculo trazer de novo Luís Miguel Cintra uma das mais completas personalidades do teatro português, e de ter permitido o reaparecimento de Dalila Rocha cuja ausência só o estado do nosso teatro pode explicar. Razões suficientes para considerar histórica esta estreia. Talvez... por razões a ver.

É este o terceiro espectáculo dirigido por Cintra e, como os anteriores, constitui um manifesto (demasiado óbvio, para meu gosto) dos princípios defendidos pelo encenador (1) que, não o esqueçamos, começou por ser crítico. Em síntese, esses princípios são os seguintes: o teatro parte de um texto e esse texto deve ser integralmente respeitado; o teatro é um fingimento e como tal deve ser mostrado; a encenação não pode deixar de ter como principal objectivo tornar coesos ao mesmo tempo esses dois axiomas (plano ideológico) e os elementos que compõem o espectáculo (plano estético), mediante a criação de uma linguagem cénica cuja modernidade não pode deixar de implicar essa coesão.

Sou o primeiro a admirar os homens de princípios, embora desconfie dos princípios demasiado rígidos e, portanto, não moldáveis, a uma realidade tão subtil, tão mutável como o teatro (leia-se: a vida) é.

Este espectáculo, que veementemente se recomenda mesmo aos que não acreditam no teatro português, ilustra o que há de certeiro nos princípios enunciados e denuncia os riscos da sua excessiva rigidez. A intenção de respeitar um texto é em si respeitável mas contém, a meu ver, miasmas capazes de provocar a sua destruição: penso que mais do que respeitar um texto é necessário respeitar um espectáculo e que este é uma unidade de cuja composição fazem parte vários ingredientes que podem entrar em conflito. Em última análise, a encenação é a arte ou a técnica ou o que quer que seja capaz de canalizar as tensões que formam esses conflitos, e canalizá-los em função das necessidades mais íntimas, essenciais do espectáculo: as relações das partes com o todo, tendo em consideração que o espectador é uma dessas partes fundamentais. Quando falo em público, não estou a pensar no público da estreia, ainda mais especial do que é costume, mas nos públicos para os quais o Teatro da Cornucópia pretende trabalhar.

Escrevo isto, sem deixar de admirar (ia escrever, invejar) a coragem como um espectáculo como este implica: a coragem das grandes opções contra as soluções talvez menos brilhantes mas mais eficazes; a coragem da aposta a partir de uma demasiado estreita margem de manobra __ quando perder a aposta pode equivaler a partir o pescoço. E ganhar a aposta é, a bem dizer, nada ganhar.

Com este desvio, deixei o problema que mais me preocupa na análise deste espectáculo: o da falta de uma articulação mais perfeita entre o discurso cénico e o discurso textual; o do demasiado evidente ou exterior processo de colagem utilizado pelo encenador na realaboração do material cénico (incluindo a interpretação) de que se serviu.

Um espaço para fingir. O teatro é o lugar onde se faz o teatro. O espaço que Cintra criou para o palco da representação é, em parte, o outro lado __ onde o teatro ainda não é. Se a acção de «O Misantropo» decorre no salão de Celimena, para Cintra o salão é um artifício que como tal deve ser revelado. É de teatro que se trata não de jogos de salão. Paradoxalmente, o encenador criou espaços igualmente, embora de outra maneira, fingidos: um camarim onde os actores se preparam em frente a uma série de espelhos que os devolvem nessa operação maravilhosa (mágica) de transformação; naquele duplo momento não é para logo ser **também** a personagem que vai mostrar. Assim, o público é posto não perante a personagem mas perante a construção do seu fingimento, da sua ficção. É esse itinerário que este lugar revela: o do teatro que se está a fazer. Também o espelho __ aliás, processo muito usado no cinema, e estou até a pensar numa cena admirável dum filme de Bergman __ serve para mostrar o duplo da personagem, para multiplicar os seus «rostos». Se a maquilhagem oculta o rosto autêntico do actor para nos dar o rosto da personagem, o espelho desoculta a «alma» da personagem. E as personagens da peça são exactamente caracterizadas pela duplicidade do seu comportamento. Por isso, Alceste (Cintra) não aparece, na cena introdutória, virado para o espelho mas sim virado para o público porque é ele a única personagem de um só rosto, capaz de dizer a verdade que as coisas merecem __ e de a sofrer.

Um outro espaço é criado, este à frente do pano de boca __ a imitar os antigos panos de boca dos palcos à italiana __ obrigando os actores a uma marcação linear. Estes dois espaços __ o do camarim e o da terra-de-ninguém entre o falso pano de boca e a ribalta, não esquecendo um terceiro mas este fingido através do descer e erguer de uma cortina inexistente __ criam um campo operatório que destrói, afinal, o conceito tradicional do espaço do palco à italiana, o que aliás, constitui uma das mais saborosas particularidades do espectáculo.

É Alceste __ o misantropo __ mais do que o centro da intriga __ porque aqui a intriga é de somenos __ a catalizador (e vítima) dos jogos de crueldade e de astúcia que se atam e desatam ao longo de uma peça que é mais um «puzzle» dramático do que uma acção em evolução. Talvez seja esse estatismo do texto que torna mais evidente a já referida falta de articulação com a dinâmica de uma encenação que se esgota a si própria porque falha o motor que devia impulsioná-la, justificando-a. Assim o texto de Molière parece prolongar-se excessivamente em cada fala e nontodo enquanto a marcação no espaço e a marcação gestual a ele se sopreпõe assumindo formas barrocas cuja coerência me parece discutível: Vejamos um exemplo: quando Alceste pega numa faca. Logo a seguir, coloca uma máscara no rosto e substitui a faca verdadeira por um punhal de teatro: assim Cintra mostra como se dá a passagem do «natural»nao «artificial», do verdadeiro ao fingido que o teatro é. Fá-lo, porém, neste caso, pelo menos, com uma subtileza que me parece muito pouco natural e não se conjuga com a falta de subtileza de outras cenas demasiado sublinhadas.

A utilização de instrumentos de percussão em que actores sublinham passagens de texto, a constante mutação do espaço (com o erguer e descer de cortinas, simuladas ou não), a intencionalmente sublinhada amostragem dos elementos da marcação ?utilização das cadeiras, figurinos, cenas das chávenas, o fumo, as penas, etc.) funcionam, ao mesmo tempo, como elementos constituintes de uma encenação __ ou seja da transcrição de uma linguagem, a do texto, para outra, a do palco __ e como elementos que no-la distânciam mostrando como se faz, fazendo-se. Só isso desculpa, em parte, as repetições de que Cintra se serve: o fumo não vem do pó do «Anfitrião»?

Falei no início desta crónica em colagem, lembrando declarações do próprio Cintra a propósito deste trabalho. No entanto, visto o espectáculo, o processo de colagem aparece mais como um recurso «a posteriori» do que como um ponto de partida; ou seja como um artifício de que Cintra se serviu para dar uma coerência outra ao que efectivamente surge, com grande surpresa minha, marcando por uma grande inocência. Refiro-me muito especialmente aos vários estilos de representação a que Cintra tentou dar uma unidade impossível, exagerando-os. Não dispondo de uma equipa a que pudesse dar a impecável homogeneidade que era um dos grandes trunfos do «Anfitrião», o encenador obrigou-se a explorar as várias tendências de cada actor, criando um amálgama que a sua própria interpretação deveria articular. Vemos, por isso, cenas de melodrama (intervenção de Dalila), de «commedia dell'arte» (a do proprio Cintra com a mascara, entre outras); e até de teatro de absurdo (a cena das chávenas não lembra «Vítimas do Dever», de Ionesco? A propósito, o facto das chávenas serem de plástico é bem um traço característico de Cintra). Vemos Cintra utilizar um tipo de representação muito marcado, recortando-se no espaço, recorrendo às suas enormes capacidades de expressão corporal e vocal; vemos Filipe La Féria na mesma linha mas sem conseguir ultrapassar o nível de uma imitação macaqueada agravada por um diccção paupérrima; vemos Jorge da Silva Melo numa representação muito mais livre, procurando uma definição mais caricatural da personagem, jogando com o seu poder comunicação, vemos Glícinia Quartim, representar, aliás, excelentemente, de forma tradicional, procurando explorar os aspecpresentação distancial. Vemos Dalila carregar a tecla do melodramático sem deixar de explorar a margem de gozo que a personagem implica. (A cena entre ambas é ao mesmo tempo uma das melhores cenas do espectáculo e uma das que estão fora do tom marcado por Cintra). Vemos ainda Raquel Maria, que se integrou no teatro profissional com o acerto esperado, representar uma cena de teatro romântico.

Esta colagem de estilos de representação e os excessos e as repetições das marcações não jogam com o texto de Molière e esse desfasamento que, penso eu, Cintra encarou de frente e ao quel não procurou fugir, marcou espectáculo para bem e para mal.

Falei em aposta. Escolhendo o que é talvez o mais difícil o menos teatral dos textos de Molière; optando por uma tradução que acentua essas dificuldades, tradução deficiente sob o ponto de vista de linguagem para o palco; aceitando trabalhar com intérpretes que dificilmente poderiam integrar-se no seu estilo; procurando, mesmo assim, subordinar o espectáculo a determinadas concepções próprias, em vez do contrário; fazendo a encenação e interpretando o principal papel, interpretando-o de forma esgotante, em resumo, escolhendo o mais difícil, Cintra fez de facto uma aposta «impossível» Ganhá-la-á? Só o público poderá dizê-lo.

(1) Remeto o leitor interessado para a notável exegeses que Joaquim Benite fez dos «princípios cintrianos» na sua crítica aonespectáculo (O Sec lo» 15/10/73) Escreve Benite N há aqui, portanto, lugar para a lusã para quaisquer ilusões O teatro n pode imitar a vida ndeve criar ur outra espécie de vida, artificial f n da E mostrar claramente esse f n mento Estaremos comnBrecht? Nã Porque **o teatro, é, afinal, é verdad um espelho da vida. Certo e espec espelho para que a vida nele se rec nheça:** Se estivéssemos com Brec leríamos» para que a vida através de possa ser corrigida » Inteiramente acordo

"O teatro da cornucópia"

TEATRO DA CORNUCÓPIA é uma empresa teatral fundada e dirigida por Luís Miguel Cintra e Jorge Silva Melo com os seguintes objectivos, características e planos de actividades para a primeira temporada:

1 Objectivos

Tendo em vista que:

1. A tendência de certo jovem teatro profissional tem sido a afirmação de uma vocação de vanguarda destinada a um público já formado e necessariamente restrito;

2. Tem sido eficaz a corajosa tendência que se verifica em alguns grupos profissionais para afirmar um teatro profissional português tem tentado uma renovação de reportórios baseada fundamentalmente em textos contemporâneos, recorrendo apenas muito ocasionalmente aos clássicos;

4. A crise do público que se tem manifestado é sobretudo uma crise de formação de público e é urgente a formação de público jovem;

5. O teatro profissional português visa quase exclusivamente um público adulto e o teatro que se destina ao público infantil é declaradamente pouco interessante para um público adolescente;

Pretende esta companhia:

1. Apresentar quase exclusivamente textos clássicos universais de reconhecida importância não segundo uma concepção académica tradicional mas recriando-os em termos de um teatro contemporâneo informado pela consciência da época histórica e da cultura em que eles se inserem (para o que utilizará uma linguagem teatral renovada que tomará ao mesmo tempo em conta essa conjuntura histórica e os tornará vivos e capazes de despertar o interesse de um público moderno);

2. Atribuir à encenação a importância fundamental que, desde o princípio do século, tem no teatro contemporâneo e que não é ainda reconhecida pela maior parte do público;

3. Colaborar na acção mais geral das jovens companhias profissionais que se têm afastado de produção regular;

4. Realizar espectáculos que, pela acessibilidade dos temas e dos tratamentos cénicos, possam interessar simultaneamente o público adulto já formado pela actividade das restantes companhias e o público jovem que ainda não tem consciência nem hábitos de espectador e assim tentar várias formas de aproximação do público adolescente.

II. Características

Tendo em vista que:

1. Os objectivos são sobretudo de ordem cultural;

2. Um dos objectivos é o da formação de um outro público;

3. O êxito de bilheteira não estará desde o início garantido e antes se terá de ir garantindo graças a uma certa continuidade;

4. As obrigações e despesas da exploração de uma sala de espectáculos por um período prolongado sobrecarregam demasiadamente o orçamento geral de uma companhia em início de actividade;

5. Uma carreira curta de um espectáculo, devidamente publicitada, acaba por abranger um mesmo público que uma carreira normal;

6. A ausência de público adolescente se pode atribuir fundamentalmente à falta de hábito de ir ao teatro (para a qual contribui a já acima referida percentagem de peças exclusivamente dedicadas a um público adulto) e à falta de motivação desses jovens para cada espectáculo;

7. O programa proposto exige uma continuidade estética e uma regularidade de trabalhos;

Esta companhia:

1. Terá necessariamente de se basear economicamente em subsídios recebidos e só parcialmente em receitas de bilheteira;

2. Estrearáa 3 a 4 espectáculos por ano;

3. Realizará séries de 3 a 4 semanas com cada um dos espectáculos em teatro;

4. Não terá sala própria;

5. Recorrerá a salas de espectáculos de Lisboa para, mediante empréstimo ou aluguer, realizar os seus espectáculos;

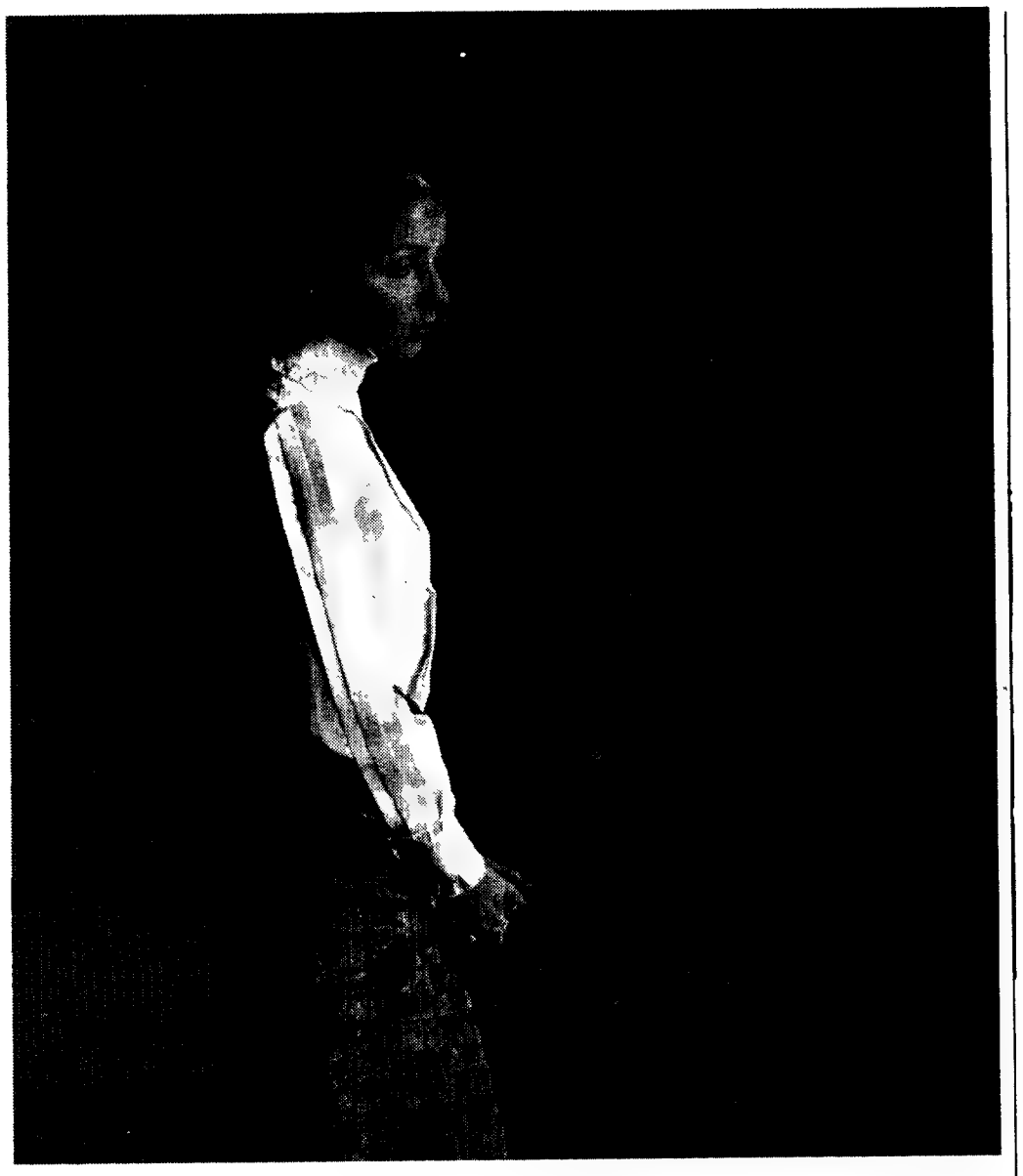
6. Tentará, de acordo com as autoridades escolares, motivar directamente os jovens por meio de idas colectivas aos espectáculos, realização de espectáculos em vários estabelecimentos de ensino secundário, realização, em complemento tanto de umas como de outras, de reuniões de análise dos textos e das formas teatrais com os alunos, nos seus próprios estabelecimentos de ensino;

7. Terá dois encenadores permanentes trabalhando alternadamente.

III Plano de actividades

Na presente temporada conta estrear três espectáculos:

O MISANTROPO, de Molière, A ESTALAJADEIRA, de Goldoni, A ILHA DOS ESCRAVOS, de Marivaux.



MÚSICA JOVEM

OS 10 MAIS

Demis Roussos, mantém a primeira posição dos discos mais vendidos em Lisboa na semana que findou. Shariff Dean surge espectacularmente no segundo posto, enquanto os Greenwindows passam do sexto para o terceiro lugar. Isto, no que se refere a «singles» e «EPs», porquanto em «albuns», a ordem é a seguinte:

1.º) «Foreinnger» Cat Stevens; 2.º) «Dark side of the Moon» Pink Floyd; 3.º) «Forever and ever» Demis Roussos; 4.º) «Recorde live» Ten Years After.

1	**«Goodbye my love, Goodbye»** (1) Demis Roussos	6	**«Masterpiece»** (-) Temptations
2	**«Do you Love me»** (-) Shariff Dean	7	**«Never, Never, Never»** (2) Shirley Bassey
3	**«Vinte anos»** (6) Green Windows	8	**«Soueeze me, Pleeze me»** (4) Slade
4	**«I like you»** (8) Donovan	9	**«Guitarra Toca Baixinho»** (-) Francisco José
5	**«Sitting»** (5) Cat Stevens	10	**«Isabela»** (-) Daniel-Gérard

No estrangeiro

Conhecestes David Cassidy como «rei» dos adolescentes, como «selvagem» e como «ídolo». Ides conhecer, agora, David Cassidy, o cantor.

David, que se livrou já da imagem de adolescente que teve de usar para o seu papel na série da televisão «A Família Partridge», produziu um novo «álbum» cheio de visões.

Com o título «Dreams Are Nothing More Than Wishes», o «álbum» é uma colectânea de canções que, além de revelarem os pensamentos íntimos de um «astro» da música «pop», mostram de uma forma notável o seu talento como vocalista. Incluída no «álbum» encontra-se a canção «Bali Hi» do filme musical «South Pacific».

«Daydreamer», outra faixa do «álbum», surge esta semana nos «Dez Mais» da Grã-Bretanha, dando aos admiradores do «astro» o sabor do que David Cassidy sonha.

Entretanto, a Simon Park Orchestra mantém-se na posição cimeira em Londres, seguida de perto por «Nutbush», de Ike e Tina.

O conjunto Slade passou para o terceiro lugar com o seu novo sucesso «My Friend Stan».

Nos Estados Unidos, os Allman Brothers destronaram do topo Stevie Wonder com um disco intitulado «Ramblin' Man».

A seguir, os «Top Ten» da semana em centros mundiais escolhidos, com a classificação da semana passada entre parêntesis:

LONDRES

1 (1). «Eye Level»: Simon Park Orchestra
2 (2). «Nutbrush City Limits»: Ike And Tina Turner
3 (6). «My Friend Stan»: Slade
4 (5). ««Laughing Gnome»: David Bowie
5 (9). «Caroline»: Status Quo
6 (__). ««Daydreamer/The Puppy Sing»: David Cassidy
7 (4). «Monster Mash»: Bobby Picket And The Crypt Kickers
8 (3). «Ballroom Blitz»: Sweet
9 (8). «For The Good Times»: Perry Como
10 (__). «Goodbye Yellow Brick Road»: Elton John

BONA

1 (5). «Der Kleine Prince (The Little Prince)»: Bernd Cluever
2 (1). «48 Crash»: Suzi Quatro
3 (3). «The Free Electric Band»: Albert Hammond
4 (2). «Can The Can»: Suzi Quatro
5 (10). «Ballroom Blitz»: Sweet
6 (4). «Warum (Why)»: Chris Roberts
7 (6). «Schmetterlinge (Butterflies)»: Juergen Marcus
8 (__). «Angie»: Rolling Stones
9 (9). «I'm A Clown»: David Cassidy
10 (__). «Smoke On The Water»: Deep Purple

NOVA YORK

1 (3). «Ramblin' Man»: Allman Brothers
2 (4). «Angie»: Rolling Stones
3 (2). «Half-Breed»: Cher
4 (5). «Keep On Truckin'»: Eddie Kendricks
5 (1). «Higher Ground»: Stevie Wonder
6 (6). «That Lady»: Isley Brothers
7 (9). «Midnight Train To Georgia»: Gladys Knight And Pips
8 (8). «China Grove»: Doobie Brothers
9 (__) «Heartbeat-It's A Lovebeat»: The Defranco Family
10 (10). «Free Ride»: Edgar Winter Group

AMSTERDÃO

1 (3). «Angie»: The Rolling Stones
2 (1). «My Friend The Wind»: Demis Roussos
3 (2). «Ballroom Blitz»: The Sweet
4 (6). «Dag Zuster Ursula»: Rob De Nijs
5 (5). «Prisencolinensinainciusol»: Adriano Celentano
6 (__). «Het Is Weer Voorbij Die Mooie Zomer»: Gerard Cox
7 (4). «Radar Love»: Golden Earring
8 (__). «The Old Fachioned Way»: Charles Aznavour
9 (7). «Maribaja/Time Machine»: The Cats
10 (9). ««Carly»: Santabarbara

ESTOCOLMO

1 (1). «Killing Me Softly With His Song»: Roberta Flack
2 (2). «Aj Aj Aj»: Schytts
3 (2). «So It Was When Grandfather Was Young»: Yngve Forsell's Orchestra
4 (8). «I'm The Leader Of The Gang»: Gary Glitter
5 (__). «Hideaway»: Lena Maria And Sweat Wine
6 (4). «I Fought The Law»: Wild Angels
7 (5). «Honolulu»: Harpo
8 (10). «Cóme Again»: Lill Lindfors
9 (9). «Lord I'm Bored»: Scafell Pike
10 (__). «Sweet Freedom»: Uriah Heep

HONG-KONG

1 (1). «How Can I Tell Her»: Lobo
2 (2). «Touch Me In The Morning»: Diana Ross
3 (4). «Goodbye Is Just Another Word»: New Seekers
4 (5). «Say Has Anybody Seen My Sweet Gypsy Rose»: Dawn
5 (9). «Young Love»: Donny Osmond
6 (3). «He Was Me, He Was You»: The Bells
7 (__). «Saturday Night's Alright For Fighting»: Elton John
8 (6). «Wouldn't I Be Someone»: The Bee Gees
9 (7). «Today I Started Loving You Again»: Tom Jones
10 (__). «We're An American Band»: Grand Funk

NOVOS DISCOS

VICKY LEANDROS

Nascida em Corfus, ilha situada algures na Grécia, de Moustaki e Mikis Theodorakis, Vicky Leandros teve uma carreira fulgurante no campo musical. Educada na Alemanha, mais concretamente em Hamburgo onde estudou na Berlitz Schoool, Vicky participou em 1967 no Eurofestival, onde ficou classificada em 4.º lugar com a canção «Love is Blue» (L'amor est bleu) representando nessa altura o Luxemburgo. Havia, no entanto, ganho na Alemanha em 1955 o direito ao título de «Juvenil Star».

Foi o «abrir das portas» para uma carreira ascencional. Participou em numerosas «tournées» e foi considerada na Alemanha como a mais popular artista cantando em língua alemã.

Depois duma série de dezoito «shows» na TV e na Rádio do Canadá durante uma longa «tournée», obteve o «Leão de Bronze» da Rádio Luxemburgo, antes de em 1972 participar uma vez mais no Eurofestival que desta vez venceu representando mais uma vez o Luxemburgo.

«Aprés Toi» título da canção vencedora foi, simultâneamente 1.º lugar no «Top de Portugal e Holanda e 3.º lugar na Inglaterra, tendo nessa altura vendido mais de um milhão de cópias do «single» vencedor.

Depois do êxito «Ich hab'die liebe Gesch'n» da autoria do quarteto Theodrakis-Cristodoulou **Tominelli-Arnie,** surge-nos o mais recente disco de Vicky Leandros __ **«Chante Bouzouki».** No lado 2 ___ «Reviens Vite».

ODAIR JOSÉ

Cantor dotado de boas qualidades vocais, guitarrista de méritos reconhecidos Odair José é actualmente um dos mais populares artistas no Brasil.

Depois de «Cristo quem é você?» e «Esta noite, você vai ter que ser minha» que foram «best sellers» surge-nos um novo single, autêntica «coqueluche» do Brasil: «Uma Vida Só (Pare de Tomar a pílula)» (Face A) e «Que Saudade de Você» (face B).

DONNY OSMOND

Donny Osmond é um dedicado pelo estudo de equipamento electrónico sendo frequente encontrá-lo às voltas com complicados estudos e complicadas maquinarias electrónicas no estúdio privativo que os Osmonds possuem.

«Puppy Love», «Sweet and innocent», «Go Away little girl», «Too young» e «Why» são, entre muitos, alguns dos temas de Donny Osmond «a solo», tendo todos eles sido primeiros lugares em diversas «charts» mundiais.

Agora publica-se o novo «single» de Donny que tem como credenciais de apresentação entre nós, o facto de ter sido 1.º lugar em Inglaterra durante três semanas consecutivas: __ «Young Love». No lado 2 o tema «A Million to one».

Maria Valejo ligada à dupla Paião-Damas em dez trechos: «O segredo que eu te disse», «Como posso ter ciúmes», «Já sabem que tu és meu», «Quem quiser falar que fale», «Estive um dia sem te ver», «O meu coração já não é meu», «Os meus passos e os teus», «Já passaram tantos beijos», «Cantem» e «Se a vida parasse». No mesmo LP surgem ainda «Falso rumo» (Clemente Pereira-João Alberto) e «Noite na madrugada» (Clemente Pereira-Jaime Santos).

O «Coro de Santo Amaro de Oeiras», dirigido por César Batalha, em «Ciranda», Padeirinha», «Cravo Roxo», «Vai de ronda», «Meu benzinho», «Carqueijinha», «Descante», «Velho», «Eu a amar-te», «Perinha amarela», «Aurora» e «Pastorinha». Solistas: Ema Gonçalves, Carlos Nascimento, Ana Maria Neves, Isabel Henriques, Lurdes Silva, Alberto da Nóvoa, João Oliveira Pires e Rosa Maria Nascimento.

Um 45 rotações com a voz de José Manuel de Castro em «Barco à deriva», «A prova dos nove». «Fado do meu amanhã» e «Obrigado».

«Mornas e coladeras» por Frank Minita: «Deusa», «Cada», «Sete quinze» e «S'cuta».

Melodias populares pelo conjunto Beira-Rio: «Marcha», «Moças modernas», «Turistas em Portugal» e «Moda da amora negra».

Nelo disse adeus ao «twist» e agora canta composições populares: «Quem mora naquela rua», «Eu quero», «Vem ser feliz» e «Milagre d'amor». Francisco Carvalhinho e Manuel Mendes (guitarras) e Júlio Gomes-Zeferino Pinto (violas) fazem o fundo musical.

Maria Ostiz em «Adios amor» e «Gorgona» com a orquestra de Waldo de Los Rios.

Paul Simon (divorciado de Garfunkel) em «Me and Júlio down by the schoolyard» e «Congratulations».

Ainda em terras africanas, Horácio Reinaldo escreve-nos a comunicar o regresso ao Continente para gravar dois EP e um LP, com trechos de música angolana e moçambicana.

A A.N.P. EM CHAVES

Os problemas da região transmontana dominaram três dos quatro discursos proferidos em Chaves, na sessão de apresentação dos candidatos da A. N. P. pelo círculo de Bragança. Os oradores revelaram uma aititude crítica e documentada sobre a política económica governamental aplicada ao distrito como já acontecera aliás na legislatura cessante.

Só o dr. João Canedo se referiu desenvolvidamente à conjuntura política nacional. Segundo o resumo noticioso das suas palavras fornecido à Imprensa pelos serviços da A. N. P. o orador **«referiu que a verdadeira oposição aquela que entende ser necessário regressar-se ao regime parlamentar vigente antes de 1928, não concorre às urnas, em seu entender, por duas razões fundamentais. Primeiro porque já está convencida de que o Governo do prof. Marcello Caetano está a cumprir inteiramente a tarefa que se propôs e que levará o País para o nível de progresso social e económico que todos desejamos; em segundo lugar porque não quis ser confundida com as oposições que aí apâreceram nalguns círculos e visam a destruição de todas as êstruturas políticas, económicas e sociais vigentes, assim como a demissão de Portugal como País independente e livre».**

PROMOÇÃO

O candidato eng.º Humberto Cardoso de Carvalho disse que **«não podemos honestamente deixar de reconhecer que muito se fez no quadriéneo que agora termina. Não podemos de facro negar que, nos últimos tempo,s os interesses das regiões mais desprotegidas como a nossa, começaram a pesar mais significativamente nas preocupações do Governo».**

Mais adiante, afirmaria que **não pode esta região pensar a sério em promoção enquanto se não dispuser de acessos adequados às exigências dos nossos dias. Enquanto a obsoleta Linha do Corgo não encontrar uma solução actual; a rede de estradas, que nos serve, não sofrer a modernização de que carece; não forem restabelecidas as carreiras regulares de táxis aéreos que, após tão fugas existência foram canceladas, sem, quanto a nós qualquer justificação válida».**

O eng.º Luis Saraiva disucrsando a seguir referiu-se deste modo ao problema da emigração: **«como consequência directa do fomento florestal e pecuário decerto se há-de incrementar a instalação de indústrias afins, para o devido aproveitamento dos produtos dele derivados, este facto vai facilitar a fixação da população, pelas condições de trabalho, que cria, travando de certo modo o êxodo para os grandes centros ou para o estrangeiro. É ainda preocupação dominante do Governo a justa repartição dos rendimentos no que se refere à exploração das matas. As auatarquias locais passaram a auferir 25 por cento do rendimento bruto das mesmas o que no ano em curso se cifrou já nuns largos milhares de contos».**

INTERROGAÇÕES

O discurso mais desenvolvido sobre os problemas da economia transmontana foi o dr. Manuel Freire que afirmou ter-se candidato por acreditar ser desejo do Governo **«o bem estar e o progresso social e a correcção dos desequilíbrios regionais».**

Perguntou o dr. Manuel Freire: **«conseguirá de facto o IV Plano de Fomento como se projecta corrigir os desequilíbrios regionais? Teriam os programadores dado expressão às boas intenções de Marcello Caetano?».**

Sobre a agricultura regional disse: **«permito-me pedir aos poderes públicos desde já que impeçam por todos os meios a destruição da nossa parca superfície agrícola útil através de urbanizações anárquicas que sistemáticamente destroem com pilares de cimento um bem insubstituivel e deixam para a agricultura os vastos pedregais de que somos tão ricos. A agricultura doente precisa de muita coisa, rapidez de acção, crédito fácil e barato, serviços eficientes de reconhecimento e ordenamento agrário, um capacitado serviço de reconversão agràroa, assim como uma lei, tão urgentemente quanto possível de orientação agrària».**

O dr. Manuel Freire disserou depois sobre a situação dos transportes terrestres e' aéreos equipamento sanitário indústria ensino e equação cidade-campo.

SESSÕES DA OPOSIÇÃO

Do Gabinete de Imprensa do M. D. C. recebemos o seguinte comunicado:

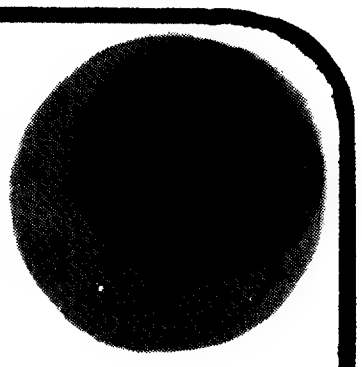
1. O Movimento Democrático de Coimbra informa que se verificaram algumas alterações ao calendário das próximas sessões, passando estas a ser:

Coimbra — dia 24, às 21.30, no Teatro Avenida.

Mira — dia 22, no salão de festas do Café Moderno. **Soure** — dia 22, no salão de festas dos Bombeiros Voluntários. **Cantenhade** — dia 23, no salão de festas dos Bombeiros Voluntários. **Montemor** — dia 23, no Teatro Ester de Carvalho. Todas estas sessões realizam-se às 21.30.

2. O grupo socio-profissional convida todos os trabalhadores democratas a tomar parte na mesa-redonda que leva a efeito na sede do M. D. C. hoje, às 21.30. O tema proposto pelo grupo é «Problemas do Trabalho», deixando no entanto ao critério de todos os participantes a abordagem livre de qualquer problema relacionado com a situação do trabalhador em Portugal.

ELEIÇÕES 73



AS LINHAS DAS NORTH CONTINENT-PORTUGAL CONFERENCE (SOUTH-BOUND) E PORTUGAL-NORTH CONTINENT CONFERENCE (NORTHBOUND)

Anunciam que, em virtude da contínua e pronunciada subida nos preços de combustível, vêem-se obrigadas a aumentar a sobretaxa de combustível (Bunker Surcharge) de 5 para 7,5 por cento nas taxas de frete, a partir de 1 de Novembro de 1973, no tráfego do Norte da Europa para Portugal e vice-versa.

ENGENHEIRO

OU

AGENTE TÉCNICO DE ENGENHARIA

Para a Sucursal no Algarve de Empresa de Montagens Eléctricas, com experiência da elaboração de preços e direcção de obras. Resposta ao n.º 947.

AGENTE TÉCNICO DE ENGENHARIA

Empresa de montagens Eléctricas admite para a sua Sede em Lisboa, um ATE com experiência na direcção de obras.
Resposta ao n.º 946.

ATLANTICA LINE

Serviço semanal totalmente contentorizado Portugal USA e Canadá.

«ATLANTICA MARSEILLE» 30/10/73	**NEW YORK/BALTIMORE/ ST. JOHN / MONTREAL / TORONTO**
«ATLANTICA LIVORNO» 6/11/73	**NEW YORK / BOSTON / BALTIMORE / NORFOLK**

Recepção de carga em contentores (grupagem) todas as sextas-feiras no Parque de Contentores da Matinha.
Tempo do percurso Lisboa/New York 6,5 dias.
Aceitam passageiros.

OS AGENTES GERAIS:

SOCIEDADE COMERCIAL
OREY, ANTUNES S. A. R. L.
Praça Duque da Terceira, 4 Tel. 36 60 56 / 36 22 66
Lisboa 2 Portugal

Para fecho da sua brilhantíssima temporada de verão

o cinema

CONDES

apresenta

o mais belo filme de amor e suspense jamais realizado

À LUZ DO SOL
« PLEIN SOLEIL »

a obra-prima de
RENÉ CLÉMENT

com
ALAIN DELON
MARIE LAFORET MAURICE RONET

FILMES CASTELLO LOPES 50 apresenta
AMANHÃ às 21.45

GRUPO C – 14 ANOS EASTMANCOLOR

UM FILME DE
STANLEY KRAMER
GEORGE C.SCOTT
FAYE DUNAWAY
JOHN MILLS
JACK PALANCE

O POÇO DO ÓDIO
(OKLAHOMA CRUDE)

Em exibição no CINEARTE

GRUPO D/18 ANOS

Bibliotecário(a) Arquivista

Empresa de grande projecção no domínio de urbanização e da construção procura bibliotecário(a) arquivista para o seu centro de documentação.

Dá-se preferência aos candidatos que tenham curso superior e a especialização de bibliotecário arquivista.

Enviar «curriculum vitae» completo e indicar ordenado pretendido.

Resposta a este jornal ao n.º 949.

DESPORTO

O ENSAIO DA BANDA

«Agora, eles deram até para cantar», proclamam muitos alemães sobre o ensaio geral do grupo orfeónico da selecção alemã de futebol. Os jogadores alemães acabam de gravar, em Wildorf (perto de Frankfurt), um LP, e na foto aparecem (da esquerda para a direita), Franke, Kappelmann, Gerd Müller, Beckenbauer, Hoeness, Maier, Schwarzenbeck e Flohe, quando entoavam (a muitas vozes), as velhas canções alemãs para o referido disco. E cantaram de graça, esses «astros» milionários do futebol. Há nisso também um interesse imediato para o empresário de maior êxito no ramo das diversões públicas da República Federal da Alemanha: participar desde já no grande negócio que, sem dúvida, será o Campeonato Mundial de futebol de 1974. Os cálculos desses homens de negócio são simples e claros: se a equipa nacional de futebol alemão é considerada, por metade da nação, como de verdadeiros «heróis», e se a outra metade da nação tem verdadeira loucura pelos cantores e astros dos grandes «hits», então esse disco (com dez títulos muito populares) interpretados por Beckenbauer e Cia., poderá ter 100 por cento de «chance» para um sucesso comercial. O que consola um pouco os observadores indiferentes dessa idéia genial é que a importância do preço de cada disco vendido é destinada à DFB (Federação Alemã de Futebol) que por sua vez aplicará parte do dinheiro assim recolhido para estimular os desportos na Alemanha: o futebol em primeiro lugar. A outra parte será para a UNICEF — campanha mundial das Nações Unidas a favor da criança.

NOVO "SHOW"

Basquetebol com "All Stars"

Uma equipa profissional norte-americana de basquetebol, representante da «Gillette» (com a designação «All Atars») exibindo-se em dias seguidos no Porto (F.C. do Porto), em Lisboa (Algés e Benfica) e em Coimbra (Associação Academica). Anturma norte-americana, mostrou-se de um equilibrio defensivo-atacante ao nível de grandes formações europeias e até comuma particularidade (agressividade defensiva, não violenta acrescente-se) que não estamos habituados a ver a jogadores da sua origem. Com uma média de alturas que deve aproximar-se do 1,90 M. para os dez jogadores que normalmente utilizou, anulou frequentemenoe lances quando a bola viajava para o seu «cesto» que transportavam imediatamente em contra-ataques, invariávelmente concretizados pelos flancos. Quando a defensiva contrária já estava organizada (na zona ou no homem a homem) cobraram «passes» para deslocar os adversários, conquistavam boas situações de lançamento . que não perdoavam Nesse aspecto, Kaferrky (que actuava com o n.º 15) foi impressionante de vivacidade ofensiva, um driblador «fora de série», um meia-distância terrivelmente eficaz, um jogador de qualidades excepcionais que ordenou sempre a manobra mais convenidente para dominar a oposição contraria. Mais: foi o jogador que vimos marcar melhor homem a homem e o continuador de quase todos os contra-ataques após receber a bola do seu companheiro «tabeleiro». Depois de tudo isto Kaferky mostrou-se um basquetebolista de tal modo ambidextro, que só através de uma observação muito atenta verificámos não ser um «esquerdino» nato. Joga com as duas mãos de igual modo mas denunciou uma preferência a jogar com a direita no «passe» longo que colocava no companheiro junto do «cesto» do adversário. Mas a quipa da «Gillette» foi composta por outros jogadores de grande categoria, embora não os mesmos (pelo menos os nomes não corresponderam) antecipadamente anunciados e que haviam jogado na Bélgica e na Polónia.

Vimos aquela equipa jogar contra o F.C.Porto, logo no seu primeiro desafio em Portugal, portanto, ainda, desambientada, ou não afeiçoada á nossa maneira de jogar. Certamente, por isso (ou talvez porque o F.C. do Porto ofereceu melhor oposição o que também é de considerar) os americanos nas Antas ficaram a 14 pontos da centena, a mesma centena que excederam nos dois jogos em Lisboa e no de Coimbra. Fica a certeza de ter sido o F.C. donPorto que conseguiu melhor resultado (68-84) já que o Algés (62-101) o Benfica (66-102) como a Académica (85-115) foram dominados com maior expressão do que oa «azuis-brancos» . Estes confrontos (embora deles foque algo de proveitoso) não se verificaram na altura ideal para as equipas do Benfica e da Académica, como se sabe interessadas em provas europeias a meio de Novembro: os «lisboetas» na «taça da Taças e os «estudantes» na Taça Korac, também europeizada, em que participará, igualmente, o F.C. DO Porto, mas este só a partir da segunda eliminatória por ter ficado isento da primeira.

SE aqueles desafios fossem na primeira semana de Novembro parece-nos que seria muito mais útil para as equipas nacionais, do ponto em que os técnicos extrairiam melhores conclusões do valor momentâneo dos seus grupos, em vésperas dos citados compromisses europeus.

Para já, ficou a certeza (na expressão negativa dos números) de que as equipas portuguesas tem de cuidar melhor da sua organização defensiva, em especial os jogadores americanos que as integram, tão gritantes são os exemplos de que o basquetebolista americano é pouco propenso a defender, cingido ou presistinado a «deixar jogar».

O jogador americano defende que, marcando mais um ponto do que o adversário ganha o jogo. Aduziremos, que quem sofre menos um ponto também vence o jogo. Uma forma diferente de dedução com os mesmissimos resultados.

Mas, no caso presente, parece-nos mais ltgico insuflar no americano mais esforço defensivo, de que «obrigar» os restantes componentes portugueses a realizar mais pontos.

Por outras palavras: é menos dificil adaptar um profissional do que umnamador (nos clubes onde ainda há amadores) aos interesses do conjunto.

ANTÓNIO ABEL

CAIXA NACIONAL DE PENSÕES

CAMPO GRANDE, 6 — LISBOA-5

AVISO

DISTRIBUIÇÃO DE FOGOS DO BAIRRO DE CASAS DE RENDA ECONÓMICA DE LAGOS

1 — Torna-se público que está aberto concurso, pelo prazo de 30 dias a contar da data deste «AVISO», para distribuição dos fogos que constituem o bairro de casas de renda económica de Lagos.

2 — O número total de fogos é de 72, assim discriminados:

16 fogos do tipo II	650$00
36 fogos do tipo III	800$00
20 fogos do tipo IV	900$00

As rendas indicadas são acrescidas de 50$00, 100$00 e 150$00, respectivamente, quando atribuídas a não beneficiários da Previdência.

3 — A classificação dos concorrentes far-se-á de harmonia com o «Regulamento da Distribuição de Casas de Renda Económica», em vigor.

Dá-se preferência na classificação dos concorrentes que sejam beneficiários (ou casados com beneficiárias) de Caixas de Previdência, e trabalhem, há mais de dois anos, nas freguesias que constituem o concelho de Lagos.

4 — Os requerimentos de habilitação ao concurso por parte dos beneficiários da Previdência devem ser entregues, até ao dia 20 de Novembro p. f., nas respectivas instituições de previdência.

Os requerimentos dos restantes concorrentes devem ser entregues, dentro do mesmo prazo, na Caixa Nacional de Pensões, Campo Grande, n.º 6, em Lisboa.

5 — Todos os esclarecimentos podem ser prestados na Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro.

Lisboa, 22 de Outubro de 1973

A DIRECÇÃO

O HOMEM DA SEMANA

É polaco, joga a guarda-redes e lançou a Inglaterra futebolística no mais profundo desespero, mesmo, a fazer fé nalguns jornais, em verdadeiro «luto». Seu nome: Jan Tomazewsky.

Foi ele que, através de uma exibição espantosa, fechou a torneira do ataque inglês no último jogo de apuramento para o Campeonato do Mundo. Bateu-se como um leão. Defendeu tudo menos uma grande penalidade e culminou de maneira soberba o sereno jogo da equipa da Polónia que conseguiu arrancar um empate surpreendente em Wembley.

«Sir» Alf Ramsey e todos os outros responsáveis pela equipa de futebol de Inglaterra hão-de recordar por muitos anos o nome de Jan Tomazewsky este homem tranquilo que, na imagem, confraterniza com os cozinheiros do hotel, em Dublin, onde o seu grupo joga esta tarde um encontro particular.

SPORTING EM INGLATERRA: VALTER NO LUGAR DE PINHAL

Valter é o mais jovem dos guarda-redes profissionais do Sporting, seguindo-se na hierarquia «leonina» a Damas, Botelho e Pinhal. A lesão de Botelho e o impedimento de Pinhal lançam o jovem Valter nas viagens com a equipa principal acompanhando Yazalde e seus pares até Sunderland, para o jogo da Taça das Taças. Daí a sua satisfação.

..O Sportingur parte esta tarde para o norte de Inglaterra onde se vai demorar até quarta-feira, para jogar com o Sunderland na primeira mão dos oitavos de final da Taça das Taças. Para além da forçada ausência de Dinis (castigo disciplinar imposto pela UEFA) a comitiva do Sporting regista mais uma forçada mudança: o guarda-redes suplente (Pinhal) não se pode deslocar por motivos de índole militar, seguindo em seu lugar o ex-internacional junior Valter.

Ambos são jovens, ambos têm um futuro promissor à sua frente dentro da profissão. Mas ambos têm, também, a responsabilidade de se manterem aptos a render o mais espectacular de todos os «keepers» portugueses, um senhor de nome Damas.

Chama-se Pinhal e é o guarda-redes suplente de Damas. Umquase ilustre desconhecido, elevado a primeiro plano na equipa «leonina» por lesão de Botelho. Mas, o jovem Pinhal bem merecia já esta chamada, pois continua na linha tradicional do Sporting: ter sempre bons guarda-redes.

TÉNIS DE MESA

TAÇA "DIÁRIO DE LISBOA"

A Associação de Ténis de Mesa de Lisboa sorteou o Torneio de Homenagem à Imprensa, em que participam os clubes filiados e são disputadas taças correspondentes aos jornais que mais têm apoiado a modalidade. A taça «Diário de Lisboa» destina-se à categoria de infantis e tem a primeira eliminatória em 28 do corrente (às 10 da manhã) com os seguintes jogos: C. D. Graça-Sp. Alenquer; S. L. Águias «A»-S. L. Águias «B»; Est. Amadora «B»-G. D. Castelo «B»; Casa Pia-S. L. Benfica; Palmeiras-C. Católico «A»; C. Católico «B»-Est. Amadora «A»; Belenenses-G. D. Castelo «A» e Sporting-Armadorense.

Na segunda eliminatória (em 31 de Outubro) jogam: Armadorense-G. D. Castelo «A»; C. Católico «B»-Sporting; Sp. Alenquer-S. L. Águias «B»; Benfica-Casa Pia; C. D. Graça-C. Católico «A»; G. D. Castelo «B»-Palmeiras; Est. Amadora «A»-Est. Amadora «B» e Belenenses-S. L. Águias «A».

ÁRBITRO AGRESSOR

No encontro de futebol disputado entre o Clube Ferroviário e o Futebol Clube do Lubango, em Angola, quando estavam jogados 39 minutos da primeira parte, o árbitro do encontro, Macide Moço, abandonou o rectângulo e agrediu a soco um espectador que da bancada o invectivava em termos injuriosos.

O jogo prosseguiu sob a direcção do fiscal de linha Francisco dos Santos Cunha, e a polícia tomou conta da ocorrência.

Na Comissão Distrital de Árbitros de Futebol, deu entrada há alguns meses uma queixa sobre outra agressão do árbitro Macide Moço.

Com Williams vai-se a espuma mas fica a Lanolina!

Os cremes de barbear Williams são feitos à base de Lanolina mas o creme Ice Blue também contém GLISSICONE

HORUS
RAUL LOURENÇO LAPA
QUIRO-ASTROLOGO

CONSULTE «HORUS» e ficará a conhecer

OS ANOS MAIS IMPORTANTES da sua vida, os momentos mais felizes ou menos favoráveis que lhe estão reservados, EM TODOS OS CAPÍTULOS DA SUA EXISTÊNCIA!...

E AINDA muitas outras informações de grande interesse àcerca de si próprio e do seu Destino...

Todos os dias úteis de segnda asexta-feira das 14.30 às 20 horas.

Av.ª João XXI, 3-2.º Frente (Junto à Praça do Areeiro) - Telef. 724162 - LISBOA

EXTERNATO
SANTA BÁRBARA
SÉTIMO ANO
INTENSIVO
PROFESSORES A NÍVEL
TURMAS PEQUENAS
INFORME-SE JUNTO DOS ALUNOS
SALAS DE ESTUDO — MANHÃ E TARDE
Rua Passos Manuel, 24 - r/c. — Telef. 56 13 83

Compañia Trasatlántica Española, S. A.
MADRID
PARA
NEW YORK
BALTIMORE
NORFOLK
Recebe Frigorífico, Carga Geral e Cortiça, a moderna e rápida motonave espanhola
«VALVANUZ»
em 26 do corrente
Os Agentes Gerais
LLORET & XAVIER, LDA.
Largo do Corpo Santo, 21 - 1.º — LISBOA - 2
Telf. 32 46 71 e 32 72 58 — Telex 1416 — LLOXAV

EXTERNATOS
CRISFAL
Av. Republica, 83-52 Tel. 779047 769620

EXCURSÕES C. P.
«PONTE» DE NOVEMBRO
EM MADRID
- PARTIDAS: EM 31/10 E 1/11, À NOITE, NO «LUSITÂNIA-EXPRESSO»; REGRESSO: COMBOIO «TER» OU «LUSITÂNIA-EXPRESSO» DE 4 11.
- DOIS DIAS EM MADRID ÚTEIS PARA COMPRAS (ESTABELECIMENTOS ABERTOS).
  - Assistência e transferência de autocarro, à chegada, para os hotéis e vice-versa.
  - Hotéis situados em plena Gran Via, de 1.ª e 2.ª categorias (todos com casa de banho privativa).
  - Reservas asseguradas em regime de pensão completa e residencial.

PREÇOS (TUDO INCLUÍDO) DESDE :
LISBOA ..... 1.280$00
PORTO ..... 1.430$00

Suplementos previstos para ocupação de «couchettes» e camas, e espectáculo de flamengo e «music-hall» em famoso «cabaret».
REDUÇÃO PARA GRUPOS DE 10 OU MAIS PESSOAS E PARA CRIANÇAS
INFORMAÇÕES E PROGRAMAS COMPLETOS :
— Estação de Lisboa-Rossio, Santa Apolónia e Terreiro do Paço.
— Rua do Arsenal, 124; e Centrais do Caminho de Ferro de Lisboa.
RESERVAS RÁPIDAS — TELEF. 36 75 29
CONSULTE A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

horóscopo pelo astrologo HORUS

PARA O PERIODO DE 21 A 27

ÁRIES
(21 de Março a 20 de Abril)

AMOR: Os seus interesses de amor, as questões familiares e as relações com pessoas das suas amizades estão sob boas influências. É uma semana construtiva e a sua simpatia pessoal muito contribuirá para isso.

DINHEIRO: Todo o esforço será bem compensado financeiramente. A actual influência torna a sua mente mais activa, inspirando-lhe pensamentos criadores.

PROFISSÃO: Os seus assuntos [illegible]sionais estão sob bons [illegible]cios. Boa oportunidade para recorrer, se disso necessitar, àqueles que se encontram em posição de poderem interessar-se por si, a fim de ajudarem a solucionar alguns dos seus problemas.

SAUDE: Vigie cuidadosamente a sua saúde e tome especial interesse pelas enfermidades do estômago.

TAURUS
(21 de Abril a 21 de Maio)

AMOR: Cuidado com as explosões de cólera e o sentimentalismo assim como as mudanças repentinas, que são apenas manifestações de falta de autodomínio. Em muitos corações se manifestará o desejo de ostentação, mas saiba que isso poderá ser a causa de atritos na vida doméstica.

DINHEIRO: As possibilidades financeiras atravessam um período negativo. Como tal, aja com cuidado e evite especulações. Controle as despesas e pondere devidamente antes de empregar o seu dinheiro.

PROFISSÃO: Mantenha uma certa reserva nas atitudes que tenha de tomar em relação à sua actividade profissional. Prudência em todos os assuntos. A atenção e a perspicácia são-lhe muito úteis durante a semana em curso.

SAUDE: Será grande o seu nervosismo, mas com um pouco de optimismo e repouso, tudo decorrerá bem.

GEMINI
(22 de Maio a 21 de Junho)

AMOR: No círculo amoroso a felicidade conquistada permanecerá firme. A vida em casa será harmoniosa. Não se insurja contra as modificações fundamentais dos seus hábitos de vida. O que antes era confuso e perturbador poderá agora ser esclarecido com clareza.

DINHEIRO: Se diligenciar no sentido de aumentar a sua posição económica, muitas facilidades e oportunidades encontrará. Os astros prometem a boa contribuição de alguém para a realização dos seus maiores desejos.

PROFISSÃO: O bom andamento dos seus assuntos ligados à sua actividade profissional dependerão quase exclusivamente da sua iniciativa e vontade. Todavia, é de atender o conselho de alguns amigos que procurarão orientar-vos no caminho do êxito.

SAUDE: Na medida do possível distraia-se, retire-se um pouco do trabalho, para o cérebro descansar.

CANCER
(22 de Junho a 22 de Julho)

AMOR: É necessário usar de protecção contra mal-entendidos e erradas interpretações que podem facilmente surgir neste período. Reuna todo o seu bom senso no propósito de não se deixar cair em actos irreflectidos que podem originar dissabores, difíceis de reparar. Domine os seus impulsos.

DINHEIRO: No plano económico só à força de muita persistência e bom raciocínio poderá remover os obstáculos.

PROFISSÃO: Registará uma certa lentidão na sua actividade profissional, mas experimentará segurança na orientação dada aos seus problemas de trabalho. Não arranje complicações assumindo novos encargos ou em assuntos de responsabilidade que exijam rapidez de conclusão.

SAUDE: As influências deste período são-lhe contrárias às suas condições de saúde.

LEO
(23 de Julho a 22 de Agosto)

AMOR: As influências astrológicas são desfavoráveis nesta algura aos seus desígnios amorosos. Evite entrar em divergências e adie o que se relacione com os seus sentimentos, deixe os encontros amorosos para depois.

DINHEIRO: Em finanças a semana é desfavorável. O seu esforço não será secundado pelos bons influxos astrais, pelo que não lhe permitirá interesses. Cuidado com os negócios, pois espreitam-vos prejuízos.

PROFISSÃO: Não tenha pressa, porque por muito esforço que despenda, os resultados nesta ocasião serão lentos. Nas «démarches» que fizer e nos empreendimentos que tentar levar por diante, procure aguardar com calma e paciência as conclusões.

SAUDE: Os cuidados a ter neste período, são com o coração e males de origem pulmonar. Fuja das emoções fortes, não se excite, e procure repousar convenientemente.

VIRGO
(23 de Agosto a 22 de Setembro)

AMOR: Seja um pouco mais maleável nas suas atitudes sentimentais. No domínio da sua vida privada expanda com sinceridade o que lhe vai no coração.

DINHEIRO: Ponha restricções aos seus desejos insensatos e não seja desregrado nos gastos. Não espere conseguir muito e aguarde melhores dias.

PROFISSÃO: A cooperação, a diplomacia e a tolerância evitarão muitos dissabores. Não seja excessivamente combativo. Embora lhe seja mais fácil decidir as coisas ao primeiro impulso, o melhor será pensar duas vezes, antes de agir.

SAUDE: Corre o perigo de acidentes, tenha cuidado ao lidar com qualquer matéria perigosa ou a deslocação na via pública.

LIBRA
(23 de Setembro a 22 de Outubro)

AMOR: Momento de regozijo, boa disposição e felicidade entre a família. Uma boa influência renova o seu entusiasmo e aumenta o seu magnetismo pessoal. De um modo geral, o momento é próspero sob todos os aspectos.

DINHEIRO: O período não é desanimador quanto à obtenção de fundo. É conveniente moderar a sua inclinação de não olhar a despesas, para não pôr em risco o seu orçamento e poder assim fazer face aos seus compromissos.

PROFISSÃO: Os empreendimentos profissionais darão resultado, muito especialmente, se estes forem conseguidos por intermédio de viagens ou disserem respeito a casos artísticos. ou a assuntos ligados a minas.

SAUDE: No seu conjunto este período apresenta-se benigno para a saúde.

SCORPIUS
(23 de Outubro a 21 de Novembro)

AMOR: Recomendamos cuidado em tudo quanto se refira à sua família e aos seus colegas e amigos mais íntimos. O momento é dos actos irreflectidos e impulsivos. Espere um dia em que o seu espírito esteja mais tranquilo e procure resolver tudo amigavelmente.

DINHEIRO: Os aspectos astrológicos são-lhe adversos nesta altura. Isso quer dizer que poderá haver preocupações financeiras. Evite discutir durante este período, sobretudo por causa de dinheiro.

PROFISSÃO: Os temores e apreensões dirão respeito aos seus interesses profissionais. Possibilidades de muitos nativos deste signo entrarem em discussão com os seus superiores. Portanto, tenha tacto quando lidar com associados companheiros de trabalho e, sobretudo, com os seus superiores.

SAUDE: Quanto ao seu estado de saúde, é aconselhável que tome cuidado principalmente, com a cabeça e o rosto.

SAGITTARIUS
(22 de Novembro a 21 de Dezembro)

AMOR: Os astros indicam maior popularidade e vida social intensa e agradável. É uma semana feliz para a vida familiar e amizades, bem como para os assuntos românticos e em reuniões com o seu círculo habitual.

DINHEIRO: Todas as diligências que efectuar serão bem correspondidas. Ponha os seus sentimentos de parte e tire partido da posição favorável dos astros.

PROFISSÃO: Sucessos na sua vida profissional, portanto, empregue-se com coragem e decisão ao seu trabalho, desenvolvendo se possível o seu raio de acção.

SAUDE: Não se observam preocupações também neste capítulo, pelo contrário, será um período de excelentes disposições e boa espiritualidade.

CAPRICORNIUS
(22 de Dezembro a 20 de Janeiro)

AMOR: Uma certa vibração desfavorável impele-vos para actos descomedidos. Mas o bom senso evitará que cometa os erros mais graves. Tenha muito com os seus actos rotineiros que podem conduzir a rompimentos, incompreensões, atrasos e sérias incompatibilidades.

DINHEIRO: O seu sentido prático da vida permitir-lhe-á traçar o caminho a seguir. Não se esqueça, contudo, de ponderar bem os prós e os contras de todas as suas iniciativas.

PROFISSÃO: Conquanto os astros favoreçam a sua inspiração, se chegar a extremos ou assumir atitudes muito radicais poderá ser prejudicial aos seus interesses.

SAUDE: Tome precauções contra a possibilidade de perturbações de saúde provenientes do aparelho digestivo e respiratório.

AQUARIUS
(21 de Janeiro a 19 de Fevereiro)

AMOR: Os astros indicam pequenas contrariedades sentimentais e aconselham menor dose de amor-próprio ao tratar dos seus problemas de coração. Revista-se de uma maior compreensão e as suas coisas não caminharão tão mal como à primeira vista se lhe afiguram.

DINHEIRO: Possibilidades de auferir pequenos interesses monetários, principalmente em meados da semana. Equilibre, portanto, o seu orçamento semanal, não tomando compromissos importantes e reduzindo os gastos.

PROFISSÃO: As resoluções que tiver necessidade de adoptar em relação à sua vida profissional carecem de muita ponderação e bom-senso. Não tenha pressa pois toda a actividade no sector profissional deve ser bem conduzida.

SAUDE: As suas condições de saúde serão satisfatórias, a parte física não vos dará cuidado, mas ainda assim será aconselhável que controle o uso das suas energias.

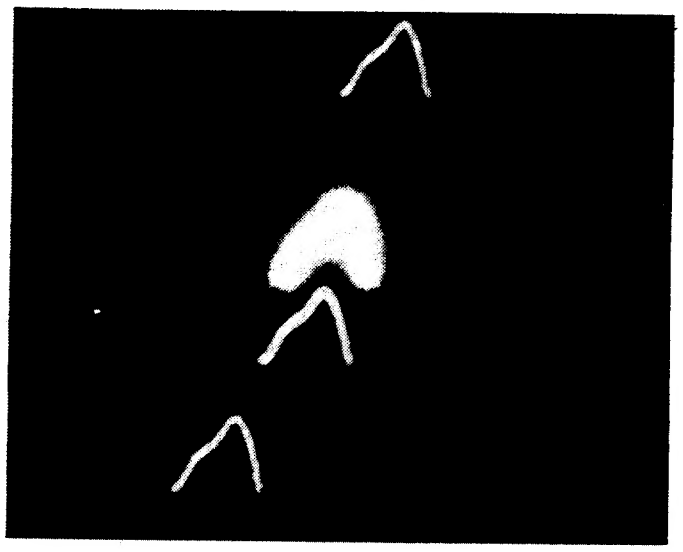
PISCIS
(20 de Fevereiro a 20 de Março)

AMOR: Embora se observe um pequeno declínio referente à semana anterior, continua ainda em posição de poder conseguir algumas vantagens no campo sentimental familiar e nas relações sociais. Aproveite-as eficazmente.

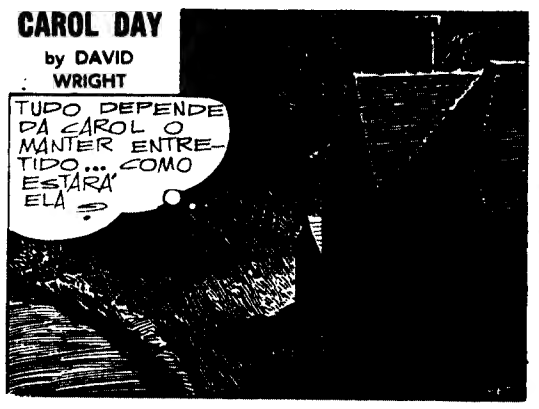
DINHEIRO: Poderá conseguir algumas satisfações neste campo de acção mas as despesas certamente serão maiores do que os proventos auferidos.

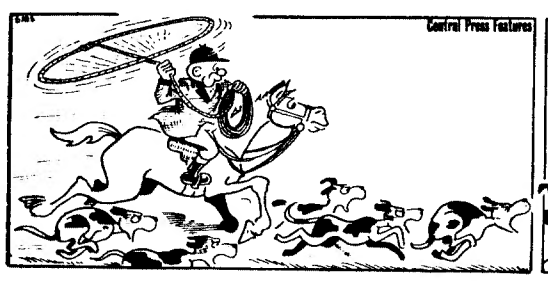
PROFISSÃO: No domínio das suas ocupações normais não ultrapassará um grande desenvolvimento, o ritmo de marcha dos acontecimentos da sua vida de trabalho será vulgar, sem nada de especial a assinalar.

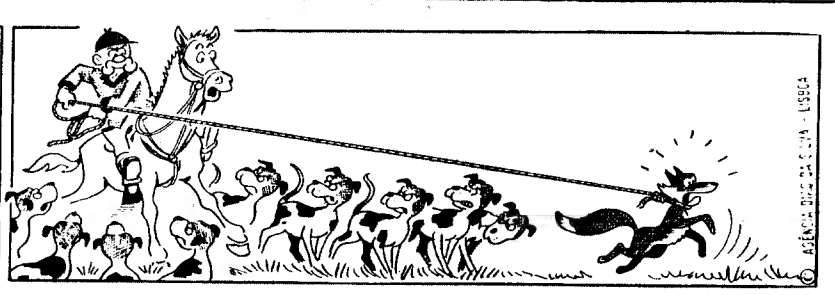
SAUDE: Acautele-se kom saúde, pois notam-se alguns indícios de mau funcionamento de alguns órgãos, nomeadamente o fígado e o sistema nervoso.



Um fotógrafo de um jornal de Columbus, cidade do Estado americano do Ohio, captou esta estranha imagem de luzes cuja origem se desconhece. A foto foi feita depois de a polícia ter recebido 150 telefonemas afirmando que objectos voadores não identificados haviam sido avistados em diversos pontos do Estado do Ohio. (Telefoto UPI-Telimprensa — DL)







motor revista

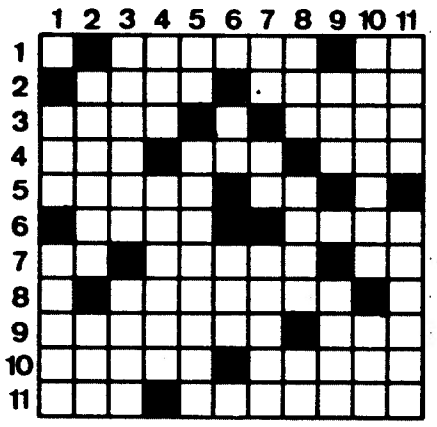
problemas policiais

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10584

HORIZONTAIS:

1 Tempo do verbo ser. Sem cessar, sem fim. Preposição.
2 Vila e concelho do distrito do Porto. Velhaca.
3 Quadrúpedes ruminantes. Rio da América do Sul.
4 Rezo. Espécie de palmeira. Catedrais.
5 Assassinas. Moredato.
6 Divindade. Ir pelo ar com grande velocidade.
7 Nota musical. Fúria. Nota musical.
8 Mistura íntima e muito inflamável de salitre, enxofre e carvão, com que se carregam cartuchos das armas de fogo.
9 Separar. Matemática.
10 Freguesia do concelho de Amarante. Gesto.
11 Anel. Amadureces.



VERTICAIS:

1 Bondoso. Penhasco.
2 Residência. Igual.
3 Saia curta geralmente de lã e de cor, que as mulheres do povo usam por baixo de outra saia. Ave palmípede.
4 Aqui está. Cidade dos Estados Unidos (Illinois).
5 Ruim. Tentações.
6 Note bem. Czar da Rússia cognominado «O Terrível».
7 Reis. Artigo indefenido. Devorador.
8 Aventureiro francês que apareceu vestido de mulher na corte da czarina Isabel. Vila e concelho do distrito de Aveiro. Cobalto (Sq.).
9 Em as. Concordo.
10 Aguardar. Nome de mulher.
11 Extremidades dos braços. Sobejos.

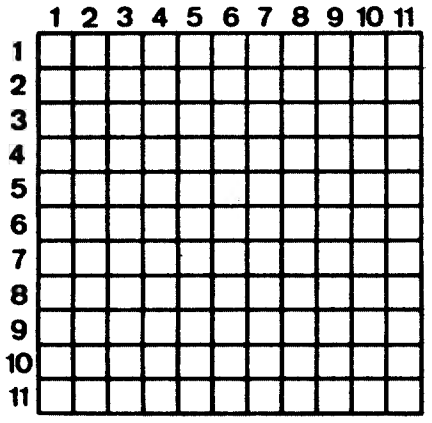
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6741

HORIZONTAIS:

1 Interjeição que designa estrondo ou detonação. Que impõe penas.
2 O mais. Língua do grupo tebetano, falada ao N. do Tibete. Feiticeira.
3 Conífera da família das abietáceas, que compreende grandes árvores sempre verdes. Consentimento.
4 Obrigar a. Seiscentos em romano. Basta.
5 Espécie de forragem. Palmeiras da Amazónia.
6 O mesmo que três. Botequim.
7 Rio de França. Serra de Portugal.
8 Emprega. Grande cão de fila. Érbio (s.q.).
9 Suplicam. Governanta.
10 Alternativa. Saudável. Grande afeição.
11 Senhor em inglês. Ardor.



VERTICAIS:

1 Região montanhosa da Ásia Central. Lusitanos.
2 Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Cousas fabulosas e jaras. Interjeição de dor.
3 Dissuadir.
4 Apresente como bom. Artigo definido.
5 Afia. Camarinhas de suor.
6 Antigo Testamento. Aeróstato.
7 Detestaram.
8 Preposição. Viatura. Sopro.
9 Em as. Gosta muito de.
10 Abanassemos.
11 Sacerdotes budistas. Rezara.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10582

HORIZONTAIS:

1 O MELHOR. Da.
2 Lai. Uapi. Im.
3 Tiara. Irene.
4 Erro. Ena! Ha.
5 Na. Me. Io. Er.
6 Ola. Oó. Cia.
7 Ana. Suar.
8 Maro. Soltou.
9 Ito. Aa.
10 Gato. Honrar.
11 Orasse. Oaio.

VERTICAIS:

1 Olten. AMIGO.
2 Airão. Atar.
3 Miar. Larota.
4 Romano. Os.
5 Lua.
6 Ha. E. O. He.
7 Opinioso.
8 Rirão. Ulano.
9 Catara.
10 DINHEIRO. Aí.
11 Ameara. Urrô.

Provérbio: O MELHOR AMIGO É O DINHEIRO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6740

HORIZONTAIS:

1 Esposende.
2 Sois. Moirar.
3 Croa. Armada.
4 Aar. Aarau.
5 Aal. Im.
6 Amargas. Cão.
7 Arrasem. So.
8 Atra. Cró. Ti.
9 Maus. Apitos.
10 Atara. Ira.
11 Ru. Aba. Pl.

VERTICAIS:

1 Escala. Amor.
2 Sora. Mata.
3 Pior. Arrua.
4 Osa. Arrasta.
5 Saga. Ab.
6 Ema. Lascara.
7 Nora. Serpa.
8 Dima. Móí.
9 Erário. Til.
10 Adamastor.
11 Grau. Coisas.

SEM LEGENDA

A morte de Gabriel Marcel Porjean Lacroix

Exclusivo «Le Monde»/«DL»

O filósofo católico Gabriel Marcel, um metafísico da existência, membro do Instituto, morreu na segunda-feira 8 de Outubro, no seu domicílio parisiense da Rue de Tournon, em seguida a uma crise cardíaca. Tinha oitenta e três anos. As suas exéquias foram celebradas na igreja de Saint-Sulpice, no dia 12 de Outubro. O cardeal Daniélou pronunciou o seu elogio fúnebre.

Gabriel Marcel disse que, ainda criança, sentira, confusamente, uma vocação para explorador e que, de uma certa maneira, esta vocação manteve-se, transpondo-se. E o que explica, talvez, que ele tenha desafiado sempre a noção de sistema e que tenha vivido a filosofia como uma exploração, uma aventura. O filósofo sistemático acredita de boa mente ser o proprietário das suas ideias como o homem virtuoso proprietário das suas pobres virtudes. Porém, um ser não tem encanto se não está acima das suas virtudes ou dos seus pensamentos, se aparecem como que emanando de uma fonte longínqua, desconhecida. Aquele que se identifica com os seus haveres, sejam eles virtudes, sejam ideias, perde o seu ser.

O primeiro livro de Marcel intitula-se **Jornal metafísico.** O próprio título revela a originalidade. O jornal é o quotidiano, o sempre inacabado que se elabora com o tempo. A metafísica é o que transcende este quotidiano, mesmo ficando-lhe imanente, o que lhe dá sentido. Um jornal metafísico não pode ser senão de um filósofo que reconheça o maior valor à experiência, que não cesse de reflectir sobre o acontecimento. Se Gabriel Marcel recusou pelo seu pensamento o termo do existencialismo e lhe preferiu o de neo-socratismo cristão, nem por isso é menos verdade que a existência é, para ele, o ponto de partida radical. Não se remonta para além dele. Ele próprio declarou nos seus **Entretiens** com Paul Riccoeur, que fora esta consciência da impossibilidade de reduzir a existência a outra, fosse ela qual fosse, e até a de a pôr em questão, que o havia afastado do idealismo e o conduzir àquilo a que Jean Wahl chamou um empirismo místico. A existência não é apenas dada, mas dadora, isto é, ela é a própria condição de um pensamento qualquer.

EXISTIR OU SENTIR

Deste sentimento primeiro da existência resulta uma ideia capital que devia influenciar todo o pensamento moderno: a de «o meu corpo». O meu corpo não fez parte do mundo objectivo: não é um objecto nem sequer um instrumento que utilizo ou que contemplo, como se estivesse diante de mim. É dependente: tal como o meu passado, é idêntico a mim. Isto implica a reabilitação da sensação. Entre existência e sensação, a ligação é tão limitada como possível. Sentir, não é receber, mas participar imediatamente. Também não é preciso falar da sensação em termos de «choque» ou de «mensagem», como os idealistas, mas em termos de «testemunho»: ela testemunha a existência do mundo exterior, como a memória testemunha a continuidade da minha própria existência. O sentir, quer seja sentimento ou sensação, é abertura para os outros e para o mundo.

A própria morte, se não é cessação absoluta, não pode ser senão uma transformação da maneira de sentir: entre existir e sentir, entre a existência e o sensível, a ligação é essencial.

É basear toda a filosofia na incernação. Num artigo de **Critique,** Marcel glorificava Péguy por ter reabilitado a noção de carne, obscurecida pelo cartesianismo: o sobrenatural é ele próprio carnal. O aprofundar deste sentimento de existência devia levá-lo à distinção célebre do **problema**, que caracteriza a ciência, e do **mistério**, num sentido propriamente filosófico. O problema é sempre delimitado, definido, determinado: é aquilo de que o espírito pode fazer o inventário, aquilo a que ele impõe as suas próprias normas para o resolver. O mistério não é nem o desconhecido nem o desconhecível, mas o excesso da objectividade. Não é aquilo que compreendemos, mas aquilo que nos compreende. O mistério é o interrogador interrogado, o perguntador perguntado, o problema que se estende sobre os próprios dados. Tudo o que revela da existência, pertence-lhe. Também as relações interpessoais estão para além da objectividade: ela põe em relevo o apelo e a invocação, a relação entre «eu» e «tu». «Quando nós falamos de Deus, sabemos bem que não é de Deus que falamos». Deus, com efeito, é o «tu» absoluto, o «tu» universal: não se fala dele, fala-se-lhe.

É sem dúvida isto que explica que não haja somente uma versão filosófica da obra de Marcel mas, também, uma versão teatral. Exactamente porque é um metafísico da existência, cria personagens sobre as quais medita em seguida. A sua própria filosofia é existencial na medida em que é, ao mesmo tempo, criação dramática. O teatro permitiu-lhe reconhecer o sujeito dando-lhe a palavra, reconhecer, também, os sujeitos na sua intersubjectividade. E é este sentimento vivido das relações interpessoais que faz o patético deste teatro. Não é nem filosófico nem intelectual, mas espiritual. Todavia, talvez as personagens se enfrentem aí demasiadamente como tipos de espiritualidade sem individualização suficiente. O que faz — e é, talvez, a sua fraqueza — que se experimente tanto interesse na sua leitura como na sua representação.

Esta filosofia de interioridade devia mostrar-se severa para o mundo moderno. Na maior parte dos seus livros, nomeadamente em **Os homens contra o humano**, em 1951, Marcel condenou violentamente a técnica. Censura-lhe eliminar o sagrado, ser uma verdadeira profanação, um «sacrilégio». No entanto, sobre este ponto evoluiu e, no fim da sua vida, confessava que a sua posição anterior, demasiado hostil às técnicas, lhe parecia «absurda».

No seu grande período, o do **Jornal metafísico**, do **Ser e ter**, da **Da recusa à invenção**, do **Homo viator**, o pensamento de Gabriel Marcel realizou um corte pelo qual passou uma grande parte da filosofia moderna. Filósofo, dramaturgo, músico, foi desses pensadores dramáticos que dão crédito ao amor divino e à esperança, tendo um sentimento, cada vez mais aguçado, das negações, das fidelidades, das traições. Talvez tenha oposto demasiadamente a alegria de ser à tristeza de ter. Ser, é ter, dizia Tarde. Porém, o seu sentimento da existência, a sua valorização da experiência, o seu sentido do drama humano, fazem dele um dos pensadores mais característicos destes tempos.

UM TEATRO DO ESCRÚPULO

Como o filósofo, o dramaturgo Gabriel Marcel emparelhou o existencialismo ateu de Sartre e Camus, ao escrever um teatro de ideias, mas de inspiração cristã, e com um menor êxito. Apenas quatro das suas quinze peças foram representadas por volta de 1950: **Um homem de Deus, A capela ardente, O caminho de Creta, Roma já não está em Roma.** Debates de consciência bastante ibsenianos opunham entre si estados de escrúpulo.

Esta palavra poderia, também, definir a actividade crítica da Gabriel Marcel em **Sete, Europa nova**, depois em **Notícias literárias**. Por vezes, os seus reflexos da direita, que o fizeram assinar a favor da Argélia francesa, e, recentemente, declarações de Druon, cegaram-no: assim, quando condenava Jean Genet ou Brecht e após o triunfo de **1789** de que «se deixou dizer» que o público era recrutado pelos estudantes de Vincennes à força de pancada com barras de ferro.

Porém, até para além dos oitenta anos, considerou um dever ingénuo analisar em pormenor tudo o que se produzia, até nos **vaudevilles** menos carregados de existencialismo cristão.

A sua silhueta abatida, o seu frágil rosto de anjo envelhecido, o seu desejo de estar de acordo consigo mesmo, se não com o seu tempo, obrigavam à simpatia de toda a gente do teatro.

LUÍS DE CARVALHO E OLIVEIRA

ADVOGADO

Avenida António Augusto de Aguiar, 126-3.º

Telef.: 51422 — LISBOA-1

televisão

MADEIRA SIEMENS
ISLAND
O MAIS MODERNO TV COM ECRAN TOTAL

HOJE

1.º Programa

1.º Período

12.30 Abertura e missa de domingo
13.10 Dia do Senhor
13.35 Hoje pode ver
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Danças e cantares
14.25 TV Rural
14.55 Automobilismo. Reportagem da inauguração do Autódromo do Estoril — Fórmula 2
15.40 Tarde de cinema «O Homem do Trapézio Voador»
17.00 Desenhos animados
17.25 Automobilismo. Transmissão directa do Autódromo do Estoril — Fórmula 2
18.00 TV Infantil
18.40 Domingo desportivo 1.ª edição
19.00 Presença do Brasil
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.45 Circo
20.00 TV 7
21.00 Dr. Simon Locke
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 25 Milhões de Portugueses
23.15 Domingo desportivo
23.30 Telejornal 4.ª edição
00.10 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e «As Solteironas»
21.00 Dó, lá si
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Noite de cinema «Início do ciclo Henry Hathaway» — «Rommel, a Raposa do Deserto»
23.30 Fecho.

AMANHÃ

1.º Programa

1.º Período

12.45 Abertura e desenhos animados «Beatles Sow»
13.00 Vivendo o futuro
13.15 «A Família Partridge»
13.45 Telejornal 1.ª edição
14.00 Em defesa do consumidor
14.20 Logo à noite

2.º Período

14.40 Ciclo Preparatório TV
19.00 TV Educativa
19.25 «O Diário das Fábulas»
19.30 Telejornal 2.ª edição
19.45 TV Infantil
20.00 Momento desportivo
20.30 TV Palco
21.00 Expedição
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.05 «Sherlock Holmes»
23.05 Museu do cinema
23.30 Telejornal 4.ª edição
23.40 Meditação e fecho.

2.º Programa

20.30 Abertura e desenhos animados «Beatles Show»
20.45 Em defesa do consumidor
21.00 «A Família Partridge»
21.30 Telejornal 3.ª edição
22.00 Sabe que há uma banda no Samouco
23.00 Música para olhar
23.30 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. Josè	86 0131	C.R.G.E.	53 7021
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P.	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo

09.00 H

Em Portugal Continental o céu estava em geral pouco nublado e o vento soprava fraco no quadrante Nordeste.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	14º
PENHAD DOUR.	6º
COIMBRA	14º
PORTALEGRE	13º
LISBOA	14º
FARO	17º
FUNCHAL	19º

TEMPERATURAS EXTREMAS

Alvalade
Máxima 23,5º

PENHAS DOURADAS
Mínima 0,5º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do mar 15,0º
Atmosfera 18,3º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
— —	— —	5.42	1,6 m
12.17	3,6 m	18.27	1,3 m
Dia 22			
0.56	3,5 m	6.46	1,4 m
13.17	3,8 m	19.20	1,1 m
Dia 23			
1.48	3,8 m	7.36	1,1 m
14.07	4,0 m	20.03	0,9 m

PREVISÃO GERAL
ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu pouco nublado com períodos de muito nublado nas regiões do Centro e Sul; vento fraco de Nordeste.

AMANHÃ

NASCER ÀS — 7.53
OCASO ÀS — 18.49

Dia 26 Dia 3 Dia 10 Dia 17

rádio

EMISSORA 1. PROGRAMA

14.30 Tarde desportiva: rádio desporto Futebol: relato e informações dos jogos da 6.ª jornada do campeonato nacional da 1.ª divisão; actualidade desportiva
17.30 Música sem palavras
18.05 Girândola
19.10 Música da Europa
20.00 Diário Sonoro; êxitos em parada
21.00 Rádio desporto
21.30 «Eco - 73», direcção de José Mesquita
22.00 Teatro das Comédias — «Os encontros imprevistos»
22.34 Música portuguesa
23.05 Sol e toiros
23.30 De um dia para o outro, por Fernando Garcia
00.00 Junção (entrada do MF1 de Lisboa). Fecho

2.º Programa

16.00 Noticiário
17.00 Perspectivas da Música para harpa do Século XVIII
18.00 Intercâmbio Musical concerto de Domingo
18.45 Histórias Naturais
19.00 2.ª Parte do concerto de domingo
19.30 Quarteto n.º 1 em Ré Maior op. 11 (Tchaikosky)
20.00 Diário sonoro
20.30 As Grandes figuras do mundo português
21.00 Música de piano de Schubert
22.00 Quequer ouvir?
23.00 Emissão em línguas estrangeiras
01.15 Fecho.

Programa estereofónico MF 2

15.00 4.º Acto da ópera a Gioconda (Ponchielli)
15.40 Sinfonia n.º1 em si bemol menor (William Walton); Orq. Nova Filarmónica, dir. Malcolm Sargent
16.30 Música de piano
21.00 Música ligeira variada
22.00 Obras de Dvorak
23.10 Música de Haydn, Beethoven e Berlioz
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE

Onda Média

15.45 Ritmos e melodias
16.03 Projecção
16.35 Tarde desportiva
19.03 Fórmula 1
19.30 Vedetas e canções
20.15 Comentador desportivo
20.30 De sete em sete dias
20.45 Música para o seu jantar
21.02 Leitura
21.30 Quando o telefone toca
22.02 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.05 Mensagens bíblicas
23.30 No mundo aconteceu
24.00 PBX
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Emissor de Miramar

14.55 Tarde desportiva
17.02 Auto-Rádio
17.45 Presença coimbrã
18.02/21.00 Norte dia a dia - Ed. Desportiva
21.02/24.00 Genérico
21.05 Viagens na nossa terra
21.30 A Voz da esperança
22.02 Arauto da verdade
22.16 Hora do templo
22.30 Em destaque
23.04 Clube da juventude

RÁDIO RENASCENÇA

14.30 Boa viagem
14.45 Panorama
17.30 Camarada
18.05 Zona azul
18.30 Terço e missa
20.05 Zona verde — espaço ocupado pela família
20.35 — Intervalo
20.55 — Meditando

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

RÁDIO PENINSULAR

06.00 às 08.00, 10.00 às 12.00 e 22.00 às 02.00

C. RADIOFÓNICO DE PORTUGAL

08.00 às 10.00 e 17.00 às 19.30

RÁDIO GRAÇA

12.00 às 14.30 e 19.30 às 22.00

RÁDIO VOZ DE LISBOA

14.30 às 17.00

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO G-1

ATÉ AS 22 HORAS

ALCANTARA
Bairrão, Rua Prior do Crato, 25 (telef. 661321); **Bolifar**, Rua D. João de Castro, 27-B (Telef. 638824).
ALVALADE
Zil, Av. da Igreja, 9-D (Telef. 711730); **Roma**, Av. de Roma, 85-B (Telef. 772466).
ARIEIRO
Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30-B (Telef. 726860)
AVENIDA DA LIBERDADE
Fernandes, Rua de S. José, 187 (Telef. 326476)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (Telef. 311216)
BENFICA
Lavinha, Rua Eng. Paulo de Barros (ex-Rua C. à Rua da Casquinha), 28-A (Telef. 708242); **Alegria**, Estrada de Benfica 180-A (Telef. 780511)
CAMINHOS DE FERRO
Frazão, Rua da Cruz de Santa Apolónia, 90 (Telef. 847019)
CAMPOLIDE
Pinto, Rua de Campolide, 11 (Telef. 682610).
CAMPO DE OURIQUE
União, Rua Saraiva Carvalho, 145-F (Telef. 663643)
CHELAS
Banha, Estrada de Chelas, 173 (Telef. 382241).
ENTRECAMPOS
Alcantara, Av. da Republica, 74-A (Telef. 771379)
ESTEFÂNIA
Mundial, Largo de D. Estefânia, 10 (Telef. 45578).
LAPA
César, Rua das Trinas, 102 (Telef. 362631).
LUMIAR
Douro, Alameda das Linhas de Torres, 93-A (Telefone 971131)
MATADOURO
Sousa Martins, Rua Sousa Martins, 25 (Telefone 553468)
SÃO MAMEDE
Albano, Rua da Escola Politécnica, 59 (Telef. 326750)
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
S. Sebastião, Largo de S. Sebastião, 7-9 (Telef. 48642)

RURNO G-2

TODA A NOITE

AJUDA
Moura, Trav. da Memória 55 (Telef. 630944)
ALVALADE
S. João de Deus, R. Pedro Ivo, 1-A (Telef. 725140)
ANJOS
Confiança, Av. Almirante Reis, 46 (Telef. 821633)
ARIEIRO
Garantia, R. Padre Manuel da Nóbrega, 5-A (Telef. 727300)
AVENIDAS NOVAS
Vale, Avenida Marquês de Tomar, 47 (Telef. 773043); **Dalva**, Avenida Duque de Avila 125 (Telef. 45225)
BAIRRO DA LIBERDADE
Salutar, R. B, 75-A (Telef. 683694).
BAIXA
Azevedo, Filhos, Rossio 31 (Telef. 327478)
BENFICA
União, Est. de Benfica, 592 (Telef. 700092).
CAMPO DE OURIQUE
Nobel, Rua Infantaria 16 98-B (Telef. 663643)
CASTELO
Ziler, Rua S. Tomé, 54 (Telef. 862835)
ESTRELA
Andrade Ribeiro, Avenida Infante Santo 66B (Telef. 666971)
LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 75 (Telef. 790480)
OLIVAIS
Olivais, Rua Alves Gouveia, 19 (Telef. 311237)
PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (Telef. 728395-720703)
POÇO DO BISPO
Freitas, Rua Zófimo Pedroso, 11-13 (Telef 381136)
REGO
Baptista, Rua Francisco Tomas Costa, 3-C (Telef 771873)
SANTO AMARO
Correia de Azevedo, Rua Luis de Camões 42-B (Telef 638625)
SÃO BENTO
Moz Teixeira, Rua do Poço dos Negros 115 (Telef 679961).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 166 (Telef. 213953)
CAXIAS
Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (Telef. 2432034)
OEIRAS
Central, R. João Teixeira Simões, 18 (Telef. 2430058)
PAREDE
Aisir, Av. Gago Coutinho-B.º DAS Caixas de Previdência (Telf. 2472948)
S.JOÃO DO ESTORIL
S.João, (Telef. 261186)
ESTORIL
Marques dos Santos, R. Ferreira J.A. 15 (Telef. 260116)
CASCAIS
Marginal, Av. Marginal (Telef. 280078)
A. Costa, R. Freitas Reis, 24-C (Telef. 280214)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Cavaca, R. Elias Garcia, 209 (Telef. 930019)
Flama, Rua Elias Garcia, 78-B (Telef. 932485)
Confiança, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 15-A (Telef. 938149)
DAMAIA
Damaia, P. Alexandre Gusmão, 9-A (Telef. 970523)
QUELUZ
Gil, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117)
Simões Lopes, Av. Elias Garcia, 51 (Telef. 950123)
CACÉM
Araujo e Sá
MEM MARTINS
Química, Est. de Mem Martins, 285 (Telef. 29100012)
S.PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Telef. 980456)
SINTRA
Misericórdia, L. dr. Gregório de Almeida, 2 (Telef. 980391)
COLARES
Abreja, (Telef. 2999088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)
ALHOS VEDROS
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (Telef. 224250)
ALMADA
Central, R. de Oliveira, 11 (Telef. 270504)
BAIXA DA BANHEIRA
Nova Fátima, Est. Nacional, 221-B (Telef. 224141)
BARREIRO
Soares, Av. da República, 1 (Telef. 2073023)
COVA DA PIEDADE
Cerqueira Afonso, P. 5 de Outubro, 18 (Telef. 270254)
MOITA
Silva Rocha, P. da República, 16 (Telef. 239029)
MONTIJO
Higiene, R. José Joaquim Marques, 142 (Telef. 230370)
SESIMBRA
Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (Telef. 229028)
SETÚBAL
Marques, A. Arronches Junqueiro (Telef. 22783)
Bonfim, Av. Rodrigues Manitto, 12 (Telef. 24558)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560)

PORTO

10.º TURNO

SUB-TURNO A

Canavarro, R. da Restauração, 53 **Constituição (da)**; R. da Constituição, 93. **Ferreira de Carvalho**, R. do Bonjardim, 354. **Oriental**, R. do Bonjardim, 727. **Padrão**, Largo do Padrão., 342. **Ramos**, Pr. Exérc. Libertador, 91.

SUB-TURNO B

Figueiredo, Lda., R. de Cedofeita, 125. **Lidador (do)** R. do Lidador, 171. **Parente**, Rua das Flores, 114. **Sousa Soares**, R. de Santa Catarina, 141. **Vitória**, R. de S. R. da Lameira, 756.

COIMBRA

TURNO H

Montes Clares, R. Dr. António J. de Almeida, 69 (T. 25904); **Viegas e Coelho**, R. da Sofia, 19-21 (Tel. 22089)

cinemas

ROXY (Tel. 48560)
14.00 - 16.30 - 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
17.ª semana! Technicolor. Dustin Hoffman «ALFREDO ALFREDO» um filme de Pietro Germi (Metro Intendente).

CONDES (Tel. 322523-326710)
4 sessões diárias, 14.30 - 16.30 - 18.45 e 21.45 4.ª semana
Colorido. Grupo B (10 anos). Chegou a hora da «barracada»... «TRINITA E SARTANA CONTRA TODOS». Com Robert Widmark e Harry Baiard.

ESTÚDIO 444 (Tél. 779095)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Technicolor. 3.ª semana!
Um filme de Kenneth Loach. «VIDA EM FAMÍLIA»

ROMA (Tel. 727778)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª semana
Eastmancolor. Terry Tarday Glenn Saxion. «A BELA CASTA SUSANA»

VOX (Tel. 720808)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo B (10 anos) 3.ª semana
Technicolor. Jean-Michel Vincent em «NANU O FILHO DA SELVA» Walt Disney Productions.

ESTÚDIO (Tel. 55310)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª semana. A obra prima de Nagisa Oshima «O ENFORCAMENTO».
(Metro: Alameda)

ESTÚDIO Apolo 70 (Tel. 73318)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Technicolor. 10.ª semana!
Um filme de Hal Ashby «ENSINA-me A VIVER com Ruth Gardon e Bud Cart. Hoje às 24.00 H. Série Negra Grupo D (18 anos) «O EXÉRCITO DA SOMBRA» de Jean-Pierre Melville.

SATÉLITE (Tel. 50595)
15.00 - 17.00 - 19.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª semana! Um filme de Alain Tanner (realizador de «O último a rir) «O REGRESSO DE ÁFRICA»

CINEMA CASTIL (Tel. 630194)
14.30 - 16.45 - 19.00 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Technicolor. Grande Prémio do Festival de Cannes. Gian Maria Volonte «O CASO MATTEI». Um filme de Francesco Rosi (Estacionamento: Parque Castil)

MONUMENTAL (Tel. 551310)
15.15 - 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Technicolor «GODSPELL»

ROYAL (Tel. 865037)
15.00 e 21.00
Grupo B (10 anos)
«JERRY ENFERMEIRO SEM DIPLOMA» Em complemento «STOGOFF»

S. JORGE (Tel. 54154/54153)
15.00 - 18.15 - 21.30 2.ª semana!
(Grupo D - 18 anos)
«AVANTI» AMOR À ITALIANA. Deliciosa comédia de Billy Wilder com Jack Lemmon e Juliet Mills.

EUROPA (Tel. 651016)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Metrocolor. Panavision. 4.ª semana!
Maggie Smith e Alec McCowen. «AS VIAGENS COM A MINHA TIA»
Hoje às 18.30 Grupo A (6 anos)
Matinée infantil «O ELEFANTE MORRE AO ANOITECER». Um filme de rara beleza que prende a imagem às crianças e aos adultos.

LONDRES (Tel. 731318)
14.15 - 16.30 - 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido. Imagine o crime perfeito... depois de um passo em frente. Laurence, Olivier e Michael Caine. «AUTÓPSIA DE UM CRIME». Um filme de Mankiewez.

CASINO ESTORIL (Tel. 46264862)
15.30 - 18.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
«COMBOIOS RIGOROSAMENTE VIGIADOS» com Václav Neckar e Vladimir Valenta.

MUNDIAL (Tel. 538473)
15.15 - 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Eastmancolor. 4.ª semana!
A denúncia de uma sociedade corrompida. «O SINAL VERMELHO» com António Vilar, Maria Cruz, Paul Nasch e Helen Harp.

RESTELO (Tel. 610375)
15.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Colorido. Em continuação de estreia 9.ª semana. Jane Fonda no filme de Joseph Losey. «A CASA DA RONECA».

EDEN (Tel. 320768)
15.30 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos) 2.ª semana
Eastmancolor. Jane Birkin - Serge Gainsbourg «BONITAS DEMAIS PARA SEREM HONESTAS»

ODEON (Tel. 32623)
15.15 - 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos) 3.ª semana
Color. «SIMPLESMENTE MARIA» Com Saby Kamalich e Braulio Castillo

AVIZ (Tel. 47163)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Color. 3.ª semana!
Saby Kamalich, Baulio Castillo «SIMPLESMENTE MARIA»

POLITEAMA (Tel. 326305)
15.15 - 18.15 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Eastmancolor. 2.ª semana!
Franco Nero, Eli Wallach, Lynn Redgrave «3 BONS INIMIGOS»

TIVOLI (Tel. 50595)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
3.ª semana! None: Chacal! Profissão: Assassino! Alvo: Degaulle «CHACAL» o Filme de Fred Zinnemann.

BERNA (Tel. 776098)
15.15 - 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
Technicolor. Panavision. Um filme de Franco Zeffirelli. «S. FRANCISCO DE ASSIS»

CINEARTE (Tel. 660446)
15.30 - 18.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
3.ª semana. Panavision. Technicolor. George C. Scott, Faye Dunaway, John Mills e Jack Palance «O POÇO DO ÓDIO»

IMPÉRIO (Tel. 555135)
15.00 - 18.15 e 21.30
Grupo C (14 anos)
Panavision. Technicolor. Um filme de Luchino Visconti «LUIS DA BAVIERA». Com Romy Schneider e Helmut Berger.

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ver, ouvir e...calar»

VILLARET
21.00 e 23.00 (18 anos)
«O ovo»

LAURA ALVES
21.45 (14 anos)
«O Misantropo»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«Cândido»

CASA DA COMÉDIA
22.00 (18 anos)
«Oh papá pobre papá»

A. B.C.
20.45 e 23.00 (18 anos)
«TUDO A NU»

MONUMENTAL
21.45 (18 anos)
«Que medo, senhor Alfredo»

CARIEDADES
21.45 (18 anos)
«Um padre à italiana»

LISBOA/Cinemas

OLÍMPIA
19 (14 anos)
«Um a Um Sem Piedade»

PARIS
21.00 (18 anos)
«A Casa da Boneca»

SACAVEM
21.00 (14 anos)
«O Invencível»

JARDIM CINEMA
21.30 (14 anos)
«Segue-me querido»

CINE MOSCAVIDE
21.00 (18 anos)
«Roma de Fellini»

PROMOTORA
21.00 (10 anos)
«Que se passa doutor»

ODIVELAS
Sociedade Odivelense
21.30 (10 anos)
«Os centauros»

ALHANDRA
Salvador Marques
21.15 (10 anos)
«Sansão e Dalila»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (10 anos)
«O Magnífico Robin Wood»

PAREDE
Royal-cine
21.15 (10 anos)
«Hércules contra os Mongóis»
ESTORIL
Casino
15.30, 18.30 e 21.30 (18 anos)
«Comboio rigorosamente vigiados
Palácio
21.30 (18 anos)
«O Pecado»
Esplanada
21.30 (10 anos)
«O Cântico da carne»
CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Cuidado com as curvas»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (18 anos)
«Os Impostores»
AMADORA
Recreios Desportivos
21.15 (14 anos)
«A Morte chega a assobiar»
QUELUZ
Queluz Cinema
21.15 (10 anos)
«Adeus Sabata»
MEM MARTINS
Cine Chaby
21.30 (18 anos)
«Cabarett»
SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«O Amante»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrível
21.15 (18 anos)
«A Casa do desejo»
TRAFARIA
Pavilhão Jardim
21.15 (10 anos)
«O Archeiro de fogo»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (18 anos)
«Aguenta-te canalha»

PORTO/Teatros

SA DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Dois num Guarda Vestidos»

ANTÓNIO PEDRO
21.45 (18 anos)
«Últimas do dever»

PORTO/Cinemas

OLÍMPIA
21.30 (14 anos)
«Só o Colt era Sagrado»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
Quando o amor acaba»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«O Loiro do sapato negro»

COLISEU
21.30 (10 anos)
«A noiva»

S. JOÃO
15.30 (18 anos)
«A Casa dos desejos»

ÁGUIA D'OURO
21.30 (18 anos)
«Barba azul»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«Getaway»

VALE FORMOSO
15.30 (14 anos)
«O Direito de nascer»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«O charme discreto da burguesia»

JÚLIO DINIS
21.30 (6 anos)
«Os Malucos do Estádio»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Cães de palha»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«O Charme discreto da burguesia»

AVENIDA
21.30 (18 anos)
«Paris manicómio do amor»

TIVOLI
21.30 (18 anos)
«Alfredo, Alfredo»

SOUSA BASTOS
21.30 (10 anos)
«Trinitá - Cowboy insolente»

BARS BOITES restaurantes típicos

DANCINGS

NINA — **Dancing** com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13. Tel. 34858-365167.**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **Tel.s 26461-264526-264596-264621-264946.**

HIPOPÓTAMO — Com Helder Reis. Encerra aos domingos. **Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. Tel. 48384.**

SOLAR DA HERMÍNIA — Hermínia Silva, hoje e sempre. **Largo Trindade Coelho, n.º 10-11.** Encerra aos domingos. **Tel. 320164.**

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias, Encerra aos domingos. **Av. Duque de Loulé, 69. Tel. 534117.**

SAN-PAYO — Bar-boite c/ música constante Aberto até às 5 h. da madrugada. **Rua Rodrigues Sampaio, 34. Tel. 561422** (Ar condicionado).

CACO — **Dancing** com música ambiente, com singular quarteto. **Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.**

EXPOSIÇÕES

ARCADAS DO PARQUE — Pinturas de Maria Fernanda Amado (das 10 às 22 h.)

BELAS ARTES — Pinturas de Matos Portugal e Carlos Saldanha (das 14 às 20 h.)

CASINO ESTORIL — Trabalhos de Olabarrieta, Ana Vaz e Clemen Bello (das 15 às 3 h.)

FUNDAÇÃO GULBENKIAN — Trabalhos de Manesier (das 10 às 19 h.)

PALÁCIO FOZ — Trabalhos de Capital (das 15 às 19h.)

DIPROVE — Xilogravuras de Salvador Dali Das 15 às 21 horas

JUDITE DACRUZ — Tapeçarias de Kroner (das 10 às 13 e das 15 às 19h.)

PALÁCIO FOZ — Retrospectiva de pintura de Fausto Sampaio e trabalhos de Capita (das 15 às 19h.)

PALÁCIO VALENÇAS (Sintra) — Trabalhos de Domingos Saraiva e Pedro Saraiva (das 14 às 20 h.)

PRISMA-73 — Pinturas de Lisa Chaves Ferreira (das 10 às 13 e das 15 às 19h.)

S. FRANCISCO — Gravuras de Miro, Tapies e Millars (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)

S. MAMEDE — Desenhos de Amadeo DE Souza Cardoso e pinturas de Marina Obo (das 10 às 13 e das 15 às 19 h.)

YELA — Oleos da pintora americana Nadine Hoskins (das 10 às 13 e das 15 às 19h.)

PALÁCIO DOS CONGRESSOS (Estoril) — XI Salão de Arte Moderna (das 11 às 13 e das 15 às 19 h.)

DL
RENASCENÇA GRAFICA S A R L
PROPRIETARIO DO
DIARIO DE LISBOA
ADMINISTRAÇÃO GERAL
REDACÇÃO E PUBLICIDADE
RUA CASTILHO 185 1º 2 5 4
TELEF 654531/2 3 4
SERVIÇOS TECNICOS
RUA LUZ SORIANO 44
RUA DA ROSA 57
END TEL DIBOA TELEX 1363
LISBOA PORTUGAL

BOM-JESUS DE BRAGA:

"O SILÊNCIO RODEIA A ESTÂNCIA DE MISTÉRIO"

Está convocada para o dia 22 do corrente a Junta Geral dos Irmãos da Confraria do Bom Jesus do Monte, com a seguinte ordem de trabalhos: a) problemas hoteleiros; b) alienação de imóvel.

Os problemas do Bom Jesus têm sido «tabus» para Braga. O silêncio rodeia a estância de mistério. A máquina está há muito emperrada e sobretudo ultimamente, até porque falta clarificar de vez uma situação ambígua: a estância é **só** da autoridade religiosa, ou **também é civil** e como tal sujeita à intervenção da Câmara e do Governo?

De há anos a esta parte o Bom Jesus não é só pertença eclesial, mas está sujeito a um autoritarismo hierárquico, que tem levado à prática de um turismo bifronte, «sui generis».

Perto da mata há uma comunidade de religiosas: as Carmelitas. E nada haveria de mal se houvesse o espírito aberto de Montmartre, em Paris, onde o bulício das imediações não impede a adoração permanente na Basílica, ou até o de Montserrat, em Barcelona, onde os frades alugaram o Convento a uma empresa hoteleira para a devida exploração turística.

Ora, no Bom Jesus tal não acontece. As irmãs querem recolhimento total e pedem mais terreno para melhor se isolarem dos ruídos externos. Há anos foi pedido oficialmente à Mesa da Confraria que cedesse terreno para as Carmelitas alargarem o espaço circundante. A assembleia geral de irmãs, reunida para o efeito, foi de parecer contrário. A partir dessa época, tem havido desgostos e aborrecimentos. Meses a fio as reuniões da Mesa eram tuteladas com a presença dum representante directo e pessoal do sr. Arcebispo.

E o problema de fundo é este: deve o Bom Jesus continuar fechado e ser reduzido a mera zona conventual de contemplação, com o turismo sujeito aos condicionamentos daí resultantes, ou deve ser zona aberta, e livre, de turismo intenso?

Mas aparece ainda outro problema mais grave e que diz respeito a todos: sendo a Confraria uma associação de leigos cristãos, que vive das esmolas e donativos de toda a gente, sobretudo da mais pobre, pode a mesma dedicar-se apenas à construção de hotéis para gente rica? com que direito a Cúria de Braga vai cobrar 10 por cento da receita da Confraria, incluindo na receita o próprio empréstimo por ela constituído para beneficiação dos hotéis?

Tal como estão as coisas, hoje, no Bom Jesus, a Confraria não serve apenas para explorar o dinheiro de todos em benefício dos mais ricos?

Ainda não há uma casa de acolhimento para a gente da classe média e da classe operária. O Hotel do Lago, pertença também da Confraria, está há muito votado ao esquecimento e sem funcionar.

Um dos graves escândalos da Igreja Bracarense está precisamente nesta estância construída com a colaboração de todos, de sua natureza pertença de todos e, afinal, apenas utilizável e preparada para disfrute dos mais ricos.

Terá a Confraria do Bom Jesus e a Junta Geral de Irmãos a coragem de analisar a frio estes problemas que dizem respeito a todos?

ALUGA-SE
CAVE
Na AVENIDA DA REPÚBLICA (excepcional local) com 270 m2 de área, para restaurante, snack-bar, armazém, etc.
INFORMA: telefones 778033 - 777508

DEPOIS DE LISBOA

FALTA O LEITE NO PORTO

PORTO 21 — Por esta altura é frequente já uma quebra sensível no fornecimento de leite à União das Cooperativas dos Produtores de Leite de Entre-Douro-e-Minho, organismo que abastece uma vasta região do Norte do país. Mas certo é também que muitos dos produtores que ali vão levar o seu leite, não se conformam com o preço porque lhes é pago o seu produto, desinteressando-se muitos deles não só da produção, quanto mais ainda aumentando-a.

A falta de leite na cidade nota-se desde há dias, acentuando-se mais esta semana.

Segundo nos informaram, o fornecimento a particulares acaba de sofrer uma redução de 30 por cento.

Asseguraram-nos, também, que o governo pensa importar leite de Angola.

Tem-se verificado que nesta cidade os supermercados não satisfazem os pedidos das donas de casa ou então quando estas pretendem uma certa quantidade, é-lhes fornecida metade do pedido ou ainda menos.

Será que somente o aumento do preço do leite irá resolver problemas daquele produto de primeira necessidade?

UM SÓ FERIDO A TIRO NOS QUATRO ASSALTOS DO ANO CORRENTE

Continuação da primeira pagina

ciária, rendeu quase seiscentos contos...

Nós, que estivemos no interior do estabelecimento, até que a polícia descobriu que não éramos funcionários bancários e nos mandou sair em tom que não admitia réplicas, ouvímos do gerente (seria o gerente?) as seguintes palavras:

«Parou um Sunbeam à porta do Banco. Saem dois indivíduos, relativamente novos, passam a porta e exigem-nos o dinheiro do cofre, armas apontadas a todos nós. No automóvel, de óculos escuros, tinha ficado um terceiro, com uma rapariga encostada à porta. Não perdemos a calma — e um nosso cobrador puxando de uma pistola de alarme, ameaçou os assaltantes. Estes atemorizaram-se e sairam — e foi então que o tipo de óculos escuros atirou sobre o cobrador, atingindo-o numa perna. Depois disso, o Sunbeam largou a toda a velocidade...

Largou a toda a velocidade, efectivamente, perseguido por um popular que (segundo vozes dos circunstantes) se deslocou até Sacavém. Aqui a «coisa» é um tanto estranha, uma vez que o automóvel foi encontrado precisamente abandonado à entrada daquela localidade.

Mais tarde apurámos que o perseguidor do Sunbeam mais não era que um praça da GNR. Caso seja assim, há um popular a menos nesta história das perseguições...

Além do cobrador, houve um outro alvo atingido pela pistola do homem dos óculos escuros: um automóvel que ali se encontrava estacionado, cuja parte trazeira ficou furada. Todos apontavam o furo ao repórter, com o dedo muito espetado.

TRÊS BALAS EM ANÁLISE

Sábado, a Polícia Judiciária já fez revelações.

Revelações cautelosas (assim o exigem as investigações), mas que já vão contribuindo para o desenho do perfil dos assaltantes.

Assim, temos que, no automóvel abandonado em Sacavém, foi encontrado um bilhete de identidade, cuja fotografia é de pessoa bastante jovem. Inclinam-se os investigadores para a suspeita de que alguns dos assaltantes sejam «estudantes universitários».

E mais: foram recuperadas três balas, sendo uma delas pertencente a arma que não circula legalmente em Portugal. «Pode ser uma arma de guerra» — acentuaram os investigadores. Muitas também são as impressões digitais encontradas no carro abandonado.

Hoje, domingo, as investigações prosseguem. Está o leitor com os olhos nestas linhas e talvez já alguns dos jovens se encontre detido. Amanhã (há sempre um amanhã que salva ou que perde) daremos novo recado do que aconteceu em Cabo Ruivo...

PEDRO ALVIM

A MARCA ALEMÃ Nº 1
SABA
tv·radio·hifi